

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

Face oculta? (de)colonialidade nas cerimônias de abertura dos jogos pan-americanos (2007-2023)

Augusto Fernandes Condé
Magister Scientiae

**VIÇOSA - MINAS GERAIS
2026**

AUGUSTO FERNANDES CONDÉ

Face oculta? (de)colonialidade nas cerimônias de abertura dos jogos pan-americanos (2007-2023)

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientadora: Doiara Silva dos Santos

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

C745f
2026

Condé, Augusto Fernandes, 2000-

Face oculta?: (de)colonialidade nas cerimônias de abertura dos Jogos Pan-Americanos (2007-2023) / Augusto Fernandes Condé. – Viçosa, MG, 2026.

1 dissertação eletrônica (176 f.): il. (algumas color.).

Inclui apêndices.

Orientador: Doiara Silva dos Santos.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa, Departamento de Educação, 2026.

Referências bibliográficas: f. 109-122.

DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2026.450>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Jogos Pan-americanos - 2007-2023 - Aspectos sociológicos. 2. Imperialismo. 3. Movimentos antiimperialistas. I. Santos, Doiara Silva dos, 1986-. II. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD 22. ed. 306.482

AUGUSTO FERNANDES CONDÉ

Face oculta? (de)colonialidade nas cerimônias de abertura dos jogos pan-americanos (2007-2023)

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 29 de junho de 2026.

Assentimento:

Augusto Fernandes Condé
Autor

Doiara Silva dos Santos
Orientadora

Essa dissertação foi assinada digitalmente pelo autor em 03/08/2026 às 21:43:42 e pela orientadora em 04/08/2026 às 06:17:07. As assinaturas têm validade legal, conforme o disposto na Medida Provisória 2.200-2/2001 e na Resolução nº 37/2012 do CONARQ. Para conferir a autenticidade, acesse <https://siadoc.ufv.br/validar-documento>. No campo 'Código de registro', informe o código **499U.FW62.R8TE** e clique no botão 'Validar documento'.

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo apoio, amor, incentivo e suporte durante essa jornada. Vocês são parte fundamental desta pesquisa e de tudo o que ela representa.

À minha orientadora, por transformar a minha trajetória acadêmica. Obrigado por ampliar meus caminhos e horizontes, por cada diálogo e por promover oportunidades e experiências que, em muitos momentos, pareciam inimagináveis. Sou profundamente grato pela confiança, pelos ensinamentos, pela generosidade e pela dedicação à minha formação. Sou privilegiado por conviver e aprender com uma professora, pesquisadora e pessoa que admiro profundamente e, que é uma inspiração para o meu percurso acadêmico, profissional e pessoal. Muito obrigado por incentivar e acreditar sempre, muitas vezes mais do que nós mesmos. Sinto-me extremamente honrado por ter sido seu orientando e grato por tudo o que aprendi e aprendo com sua presença. Não cabem palavras para expressar o quanto o seu comprometimento, sua gentileza e seu lado humano marcaram este percurso.

Aos professores Anderson Baía, Guilherme Pires e Daniel Malanski, por aceitarem o convite para compor a banca examinadora desta dissertação e por contribuírem significativamente à realização e finalização deste trabalho, tanto diretamente quanto indiretamente.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação, pela oportunidade de uma formação acadêmica crítica e comprometida com a sociedade.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de estudos. Até 4000 caracteres. Deve conter o texto "Este trabalho foi realizado com o apoio das seguintes agências de pesquisa brasileiras: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)."

Ao Laboratório de Estudos Olímpicos e Socioculturais dos Esportes e a todos os seus membros, grupo pelo qual tenho enorme carinho e gratidão. Foi por meio deste espaço que pude me aproximar do fenômeno esportivo e dos Estudos Olímpicos para além das quatro linhas, que fiz amigos de vida e que continuamente enriquece a minha formação.

Aos amigos que compartilham a vida comigo, pelo acolhimento nos bons momentos e naqueles dias mais difíceis, por todos sorrisos e alegrias ao longo desta jornada. Em especial, agradeço a minha amiga Clarisse, por todo apoio, ajuda, diálogo e que deixou este percurso mais leve e divertido com sua amizade.

Aos amigos de grupo Larissa, Gabriel, Márcio, Fernanda, Lícea, Janice, Amanda, Antônio, Luis Felipe, e aos meus amigos que carrego desde a graduação, Vinícius, Amanda, Giovani e Gabriel. Obrigado pela amizade, sigo-os levando em meu caminho com orgulho, carinho e admiração.

Enfim, agradeço a cada pessoa que, da sua melhor maneira e à sua maneira, contribuiu para a realização desta dissertação.

RESUMO

CONDÉ, Augusto Fernandes, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, junho de 2026. **Face oculta? (de)colonialidade nas cerimônias de abertura dos jogos pan-americanos (2007-2023)**. Orientadora: Doiara Silva dos Santos.

Introdução: É emergente entre intelectuais da América Latina a perspectiva da colonialidade, que analisa a dominação eurocêntrica/estadunidense sobre o sistema-mundo, constituído a partir de processos evidenciados na modernidade e que repercute no campo social contemporâneo. O esporte e eventos como os Jogos Olímpicos e os Jogos Pan-Americanos são produto das transformações e lógicas do período moderno e desdobram-se em acontecimentos que extrapolam a competição esportiva em si, mobilizando processos sociais, culturais, políticos e simbólicos mais amplos. Dentre os componentes constitutivos destes megaeventos esportivos, as cerimônias de abertura servem como microcosmos que produzem sentidos e representações da vida social e oferecem multífaces de investigação das complexidades dos fenômenos esportivos. Diante disso, o presente estudo teve por objetivo examinar narrativas e representações de colonialidade e decolonialidade nas cerimônias de abertura dos Jogos Pan-Americanos (Pan) de 2007 a 2023. Metodologia: As cerimônias de abertura do Pan foram acessadas a partir de arquivos audiovisuais de acesso gratuito. A catalogação dos dados considerou os protocolos, as apresentações artísticas e culturais, os elementos rituais e simbólicos das cerimônias. Com base no paradigma indiciário de Ginzburg, investigou-se indícios de colonialidade e decolonialidade presentes nas cerimônias, os quais foram examinados a partir da teoria decolonial. Resultados e discussões: Os dados foram sistematizados a partir de quatro dimensões: Formações simbólicas de integração, harmonia e união; Indícios de pacificidade, hierarquização e narrativas de legitimação da nação moderna; Entre o folclórico e o contemporâneo: indícios de distanciamento da atualidade dos povos originários; Indícios de valorização local sob leitura decolonial. Evidenciou-se que as apresentações artísticas e discursos reproduziram narrativas de exotização de povos originários, comumente associados ao “folclórico” ou ao “selvagem”, como sujeitos supostamente “beneficiados” pelo processo civilizatório. Nota-se representações de contínua busca por um ideal de modernidade relacionado ao Norte-Global. Os discursos de autoridades nas cerimônias da América Latina reafirmaram a capacidade do país/cidade-sede em realizar o evento. Observou-se, a partir do material analisado, que as cerimônias constituem espaços simbólicos de densidade

cultural e política, nos quais se produzem e disputam narrativas sobre identidades, memórias e pertencimentos. Considerações finais: O Pan constitui-se como arena de produção simbólica que não apenas reflete, mas também tensiona representações da América como continente. Ao mobilizarem repertórios artísticos, discursivos e rituais, as cerimônias analisadas materializaram, no plano da produção simbólica, expressões de colonialidade e decolonialidade. A análise desses elementos, por sua vez, inscreve o esporte como um componente central da engrenagem social de produção de narrativas e sentidos, abrindo ao campo dos estudos do esporte a possibilidade epistemológica de uma relação outra com a percepção deste fenômeno, na qual os megaeventos são compreendidos como espaços de resignificação e disputa simbólica.

Palavras-chave: cerimônia de abertura; jogos pan-americanos; colonialidade; decolonialidade; movimento olímpico

ABSTRACT

CONDÉ, Augusto Fernandes, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, June, 2026.
Hidden face? (de)coloniality in the opening ceremonies of the pan american games (2007–2023). Adviser: Doiara Silva dos Santos.

Introduction: Among Latin American intellectuals, the perspective of coloniality has emerged as a significant analytical framework for examining Eurocentric/U.S.-centric domination over the modern world-system, constituted through processes rooted in modernity and whose effects continue to shape contemporary social life. Sport, as well as events such as the Olympic Games and the Pan American Games, are products of the transformations and logics of the modern period. These events extend beyond athletic competition itself, mobilizing broader social, cultural, political, and symbolic processes. Among the constitutive components of these sport mega-events, opening ceremonies function as microcosms that produce meanings and representations of social life, offering multiple avenues for investigating the complexities of sporting phenomena. In light of this, the present study aimed to examine narratives and representations of coloniality and decoloniality in the opening ceremonies of the Pan American Games (Pan) from 2007 to 2023. Methodology: The opening ceremonies of the Pan were accessed through freely available audiovisual archives. Data cataloging considered ceremonial protocols, artistic and cultural performances, and the ritual and symbolic elements of the ceremonies. Based on Ginzburg's evidential paradigm, traces of coloniality and decoloniality present in the ceremonies were investigated and subsequently examined through the lens of decolonial theory. Results and Discussion: Symbolic recurrences were identified, allowing the systematization of the findings into four dimensions: Symbolic formations of integration, harmony, and unity; Indications of peacefulness, hierarchization, and narratives legitimizing the modern nation; Between the folkloric and the contemporary: indications of the distancing of native peoples from the present; and Indications of local valorization through a decolonial lens. The analysis revealed that artistic performances and official discourses reproduced narratives that exoticized native peoples, who were commonly associated with the "folkloric" or the "savage" and portrayed as subjects supposedly "benefited" by the civilizing process. Representations of a continuous pursuit of an ideal of modernity associated with the Global North were also identified. The speeches delivered by authorities during ceremonies held in Latin America reaffirmed the capacity of the host country/city to successfully stage the

event. Based on the material analyzed, it was observed that the ceremonies constitute symbolic spaces of cultural and political density, within which narratives concerning identities, memories, and senses of belonging are produced and contested. Final Considerations: The Pan constitutes an arena of symbolic production that not only reflects but also challenges representations of the Americas as a continent. By mobilizing artistic, discursive, and ritual repertoires, the ceremonies analyzed materialized, at the level of symbolic production, expressions of both coloniality and decoloniality. The analysis of these elements, in turn, positions sport as a central component of the social machinery responsible for producing narratives and meanings, opening up to the field of sport studies the epistemological possibility of an alternative relationship with the perception of this phenomenon, in which mega-events are understood as spaces of symbolic contestation and re-signification.

Keywords: opening ceremony; pan american games; coloniality; decoloniality; olympic movement

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- América Latina e América Anglo-Saxônica	65
Figura 2 - Península Ibérica	66
Figura 3 - Representações de comunidades aborígenes das regiões de Ontário, Canadá	70
Figura 4 - Representações de vestimentas tradicionais de diferentes culturas mundiais	70
Figura 5 - Todos unidos ao centro do palco, sob a mesma dança	71
Figura 6 - Representações de atores com vestimentas e alimentos típicos de diferentes nacionalidades	73
Figura 7 - Mesa ao centro com os alimentos trazidos pelas personagens	74
Figura 8 - Grupos folclóricos direcionam o olhar aos povos posicionados sobre as rochas	76
Figura 9 - Apresentação de grupos folclóricos no Pan de 2023	76
Figura 10 - Controladores conduzem por tablets estruturas em cores neon	81
Figura 11 - Representações folclóricas e circenses do território brasileiro	85
Figura 12 - Representações de povos originários do território brasileiro	86
Figura 13 - Desfile com diferentes trajes no Pan de 2019	87
Figura 14- Personagens observando membros da nobreza	88
Figura 15 - Partida de Lacrosse	89
Figura 16 - Entrada de comunidades de povos aborígenes nas arquibancadas do estádio	90
Figura 17 - Crianças com expressão de espanto diante da entrada de comunidades aborígenes	91
Figura 18 - Dança estilo balé realizada por condutora e crianças no palco	91
Figura 19 - Jogo de lacrosse por duas equipes formadas por duas comunidades aborígenes	92
Figura 20 - Entrada da tocha Pan-Americana no estádio e arquibancada vazia ao fundo	93
Figura 21 - Apresentação de samba com o percussionista Kainã do Jeje	95
Figura 22 - Final da performance artística com diversos ritmistas no palco	96
Figura 23 - Apresentação artística-musical com mariachis e da charrería	97

Figura 24 - Pintura de Diego Rivera intitulada El Vendedor de Alcatraces	97
Figura 25 - Imagem de Frida Kahlo projetada no centro do palco	98
Figura 26 - Comunidades aborígenes de Ontário realizando tradições de sua cultura	100
Figura 27 - Quatro comunidades aborígenes de Ontário se juntam no palco	100
Figura 28 - Projeção do poema escrito com diferentes línguas na montanha cenográfica	101
Figura 29 - Artistas representando os Chasquis	102
Figura 30 - Projeção da la Yakana na montanha cenográfica	102
Figura 31 - Caballitos de totora	103

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 - Duração aproximada da transmissão das cerimônias de abertura do Pan (2007-2023)	23
Quadro 2 – Exemplificação da ficha de catalogação das cerimônias (disponíveis na íntegra nos Apêndices D, E, F e G).	26
Quadro 3 - Locais de realização dos Jogos Pan-Americanos	49
Quadro 4 - Produção acadêmica histórica e sociocultural sobre o Pan	50

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. PERCURSO DE INVESTIGAÇÃO	20
2.1 PESQUISA QUALITATIVA E PARADIGMA INDICIÁRIO: CAMINHOS QUE SE CRUZAM	20
2.2 ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DE CERIMÔNIAS DE ABERTURA DO PAN	23
3. AMÉRICAS, COLONIALIDADE/DECOLONIALIDADE: CONCEITOS E RELAÇÕES COM O CAMPO ESPORTIVO	32
3.1 A RETÓRICA DE COOPERAÇÃO HEMISFÉRICA E O DOMÍNIO ESTADUNIDENSE SOBRE AS AMÉRICAS	37
3.2 O ESPORTE COMO INSTRUMENTO DA COLONIALIDADE	43
3.3 OS JOGOS PAN-AMERICANOS E SEU DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO	51
4. FACE OCULTA: AS CERIMÔNIAS DE ABERTURA DO PAN POR LENTES DA COLONIALIDADE E DECOLONIALIDADE	62
4.1 FORMAÇÕES SIMBÓLICAS DE INTEGRAÇÃO, HARMONIA E UNIÃO	63
4.2 INDÍCIOS DE PACIFICIDADE, HIERARQUIZAÇÃO E NARRATIVAS DE LEGITIMAÇÃO DA NAÇÃO MODERNA	79
4.3 ENTRE O FOLCLÓRICO E O CONTEMPORÂNEO: INDÍCIOS DE DISTANCIAMENTO DA ATUALIDADE DOS POVOS ORIGINÁRIOS	85
4.4 INDÍCIOS DE VALORIZAÇÃO LOCAL SOB LEITURA DECOLONIAL	94
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS	109

APÊNDICES

122

APÊNDICE A - Modelo de fichamento utilizado para catalogação e análise do material selecionado sobre o Pan na produção acadêmica 122

APÊNDICE B - Produção de científica sobre o Pan em perspectivas históricas e socioculturais (artigos) 123

APÊNDICE C - Estudos sobre o esporte moderno no Brasil colonial e pós-colonial 129

APÊNDICE D - Quadro de catalogação dos XV Jogos Pan-Americanos Rio 2007 135

APÊNDICE E - Quadro de catalogação dos XVI Jogos Pan-Americanos Guadalajara 2011 142

APÊNDICE F - Quadro de catalogação dos XVII Jogos Pan-Americanos Toronto 2015 148

APÊNDICE G - Quadro de catalogação dos XVIII Jogos Pan-Americanos Lima 2019 157

APÊNDICE H - Quadro de catalogação dos XIX Jogos Pan-Americanos Santiago 2023 169

1. INTRODUÇÃO

A modernidade é um período histórico marcado por transformações econômicas, políticas, científicas, filosóficas, artísticas e culturais; que implicaram na formação e consolidação de sociedades de classes, de um modelo econômico e seus modos de vida; com dinâmicas sociais de poder, que teve como epicentro o continente europeu (Semeraro, 2018).

Em meio a este projeto de sociedade, especialmente a partir do século XIX, a construção e estabelecimento de organizações internacionalistas, que se auto-determinaram a missão de promover a paz global em meio a disputas imperialistas e coloniais, se intensificou (Rubio, 2010). Nesse contexto, o esporte moderno foi impulsionado como um fenômeno potencial para o desenvolvimento social, educacional e sustentável mundial, localizado e instrumentalizado dentro de uma retórica civilizatória de perspectiva ocidental e colonial, que produziu hierarquias, com modelos de sociedade e de desenvolvimento (Ferreira Junior, 2023). Fato é que naquele século o fenômeno esportivo consolidou-se como um veículo de mobilização internacional, capaz de catalisar esforços e interesses de várias instituições e atores sociais (Kidd, 2008).

O aristocrata francês Pierre de Coubertin, em 1894, codificou o esporte moderno em um aparato institucional e filosófico para promovê-lo como instrumento de ações disciplinares e educativas, a partir de valores e crenças de sua perspectiva (ocidental, liberal, eurocêntrica e burguesa) (Tavares, 2003; Rúbio, 2010; Ferreira Junior, 2023). Ele estabeleceu, a partir destas lógicas, o denominado Movimento Olímpico (MO), de caráter internacional, burocraticamente representado pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), que se propôs à realização de Jogos Olímpicos na era moderna (inspirados a certo ponto nos Jogos Olímpicos da Antiguidade) e responsável por disseminar uma mensagem ideológica, esta que se ancorava no poder ocidental e manutenção de sua hegemonia (Ferreira Junior, 2023).

Ao longo do século XX nota-se o processo de intensificação da disseminação de mensagens de paz e progresso em torno do esporte moderno a partir do Movimento Olímpico. Os Jogos Olímpicos e outros eventos esportivos internacionais alcançaram várias regiões do mundo. Esse processo foi sistemático e orquestrado para disseminar o ideário Olímpico para além da Europa e dos Estados Unidos, como as visitas ou missões “embaixadoras” para a criação de Comitês Olímpicos Nacionais na América Latina que ocorreram na década de 1920 (Santos, 2015). Nesse sentido, não apenas buscou-se substanciar a representatividade reversa

do COI¹ a partir da criação de corpos burocráticos nacionais representativos do Movimento Olímpico em cada país, como também iniciou-se um processo de “chancelar” ou “apadrinhar”² eventos esportivos de nível regional/continental que emergiram de diferentes contextos, atores e configurações, como os Jogos Asiáticos, Africanos e os Pan-Americanos (Chatziefstathiou, 2008; Santos, 2015).

Os Jogos Pan-americanos (Pan) em particular, tratam-se de um megaevento que reúne atletas de diferentes países e territórios das Américas, que tem sido realizado de forma contínua e quadrienalmente desde sua inauguração em 1951 (Santos, 2015). Desde então, a organização dos Jogos Pan-Americanos é realizada pela Organização Desportiva Pan-Americana (atual *PanAm Sports*), entidade reconhecida como a autoridade máxima do Movimento Olímpico nas Américas, a partir do reconhecimento formal, autorização oficial e apoio institucional do Comitê Olímpico Internacional. Assim, a *PanAm Sports* está diretamente conectada à estrutura organizacional e burocrática estabelecida pelo COI, ao qual se encontra institucionalmente vinculada e subordinada.

É preciso pontuar que o esporte e eventos como os Jogos Olímpicos e os Jogos Pan-Americanos, enquanto fenômenos sociais concebidos e materializados na modernidade, são produto das transformações e lógicas deste período e desdobram-se em acontecimentos que extrapolam a competição esportiva em si.

De modo geral, em seu percurso histórico, a sociologia e historiografia críticas e/ou denominadas pós-coloniais (nacional e internacional) têm examinado o campo esportivo a partir da compreensão de uma hegemonia eurocêntrica³ que opera nas várias dimensões simbólicas e materiais assim como a sua instrumentalidade capitalista (Bracht, 2005; Gems 2006). A hegemonia eurocêntrica constituiu-se a partir de processos de colonialismo desde o século XV, que além da dominação territorial e econômica de nações colonizadas, ao longo do

¹ Os Comitês Olímpicos Nacionais são organizações representativas do Comitê Olímpico Internacional em cada nação, isto é, seus membros e aparato burocrático são embaixadores do Olimpismo em cada país que se vincula à organização internacional. Isso quer dizer que, por exemplo, o Comitê Olímpico do Brasil (COB) representa os interesses e perspectivas do COI no Brasil. Ou seja, o COB não representa os interesses do Brasil como Estado Nação no COI. (Tavares, 2003). Assim, o COB é subordinado aos interesses do COI. Coubertin estruturou o Comitê Olímpico Internacional com base nesta representatividade reversa, de maneira a assegurar sua independência em relação a governos e interesses nacionalistas, preponderando sempre as decisões do COI em detrimento dos interesses dos países (Rubio, 2011).

² Utilizamos os termos chancelar ou apadrinhar como forma de aludir a esse reconhecimento institucional. Na literatura internacional, a palavra “*patronize*”, no idioma inglês, é frequentemente utilizada para referir-se ao Pan e outros eventos continentais (Torres, 2011). O termo sugere um “apadrinhamento” numa relação hierárquica. Aqui, optou-se pela utilização de “chancelar” como uma opção de tradução livre para indicar que o evento é reconhecido oficialmente como parte do MO e, portanto, subordinado à forma burocrática do MO.

³ Ser hegemônico por esta via significa exercer uma posição central de poder e superioridade na definição de modos e práticas sociais de vida e existência, consideradas legítimas e universais.

tempo, produziu formas de poder político, cultural e epistemológico que passaram a ser difundidas e naturalizadas na sociedade moderna (Quijano, 1997; Mignolo, 2005).

Mais recentemente, ao questionar o repertório teórico e metodológico que interpreta a modernidade a partir de lógicas de desenvolvimento e civilizatórias, emerge entre intelectuais da América Latina uma perspectiva que reflete acerca de um “lado mais escuro” desse sistema e seus desdobramentos (Mignolo, 2011, p.2).

Em um plano geral, esta perspectiva alude à investigação da dominação europeia/estadunidense sobre o sistema-mundo, constituído por processos evidenciados na modernidade (sobretudo por via da colonialidade) e que repercute no campo social contemporâneo (Quijano, 2005). Reflete-se, também, a existência de movimentos de resistência e emancipação a essa matriz de pensamento e poder, impulsionados por produções de conceitos e ações decoloniais (Mignolo, 2011).

Diferentemente do colonialismo⁴, que se refere à dominação política direta de uma nação sobre outra, a colonialidade se manifesta como uma estrutura de poder que permeia todas as dimensões da vida social, cultural e epistêmica, influenciando a forma como indivíduos e sociedades percebem e interagem com o mundo (Maldonado-Torres, 2018). A colonialidade manifesta-se em três principais dimensões: do poder, do saber e do ser. A colonialidade do poder produz hierarquias que moldam dinâmicas globais, marcadas por processos de alienação, dependência e naturalização das estruturas de dominação (Quijano, 1997). A colonialidade do ser atua nas dimensões ontológicas e subjetivas, marginalizando sujeitos colonizados a posições de inferioridade (Mignolo, 2002). E a colonialidade do saber determina quais conhecimentos são valorizados, legitimados e universalizados (Maldonado-Torres, 2007).

Ao passo que o esporte moderno reverbera lógicas institucionais, estruturais e sociais de suas raízes, simultaneamente demandam análises de suas manifestações e dinâmicas a partir de diversos prismas. O Pan emula, como parte constituinte e subordinada do Movimento Olímpico, mensagens ideológicas, rituais, símbolos e concepções oriundas das raízes históricas do esporte moderno. Ao mesmo tempo, no que tange aos estudos sobre a disseminação global do esporte, há de se reconhecer “formas não programadas e difusas de disseminação” e apropriação do esporte, de diferentes níveis de tensionamento e efetivação,

⁴ Discussões referentes ao colonialismo e à colonialidade serão desenvolvidas de maneira mais aprofundada na seção 3 deste trabalho, intitulada “Colonialidade/decolonialidade: conceitos e relações com o campo esportivo”.

que podem integrar narrativas identitárias, formas de luta e resistência a culturas hegemônicas (Ferreira Junior, 2023, p.42).

Em meio a estas perspectivas teórico-analíticas emergentes, o caráter de mega-evento e a significação cultural, histórica e simbólica dos Jogos Pan-Americanos contrastam com a pouca atenção dada ao mesmo como objeto de investigação de caráter sociocultural e histórico tanto no Brasil quanto internacionalmente⁵ (Santos, 2024). Nesse sentido, esta pesquisa agregará para a literatura (incipiente) sobre os Jogos Pan-Americanos um debate inaugural a partir de uma via político-epistemológica latino-americana de colonialidade e decolonialidade. Não há, na produção brasileira e internacional, investimento analítico sobre o Pan por estas vias⁶.

Em várias áreas do conhecimento, urge-se a importância de novas lentes de análise que possam oferecer caminhos alternativos de pesquisas, pensamentos e ações que possam contestar a “epistemologia da modernidade como sistema universal” (Clevenger, 2017, p.1), inclusive na historiografia do esporte:

Embora a historiografia do esporte tenha se beneficiado de histórias desconstrucionistas e teorias pós-coloniais, ainda há uma necessidade de problematizar ainda mais o esporte... Um campo de história do esporte informado pelo pensamento decolonial oferece a consideração potencial de avenidas alternativas de representação histórica, ajudando historiadores do esporte a explorar as possibilidades de escrever histórias desconstrucionistas e epistemologicamente descolonizadas da cultura física (Clevenger, 2017, p.1).

Em específico, para a realização desta pesquisa, elege-se as cerimônias de abertura dos Jogos Pan-Americanos como materialidade empírica para a análise destas relações de colonialidade/decolonialidade, dado o espaço de demonstração e apropriação simbólica,

⁵ Foi realizado um levantamento no qual foram identificados 41 artigos científicos que analisam os Jogos Pan-Americanos sob perspectivas históricas e socioculturais. A relação completa dos trabalhos pode ser consultada no Apêndice B.

⁶ Todavia, estudos como o de Torres (2011) revelam processos que podem exibir indícios de colonialidade na construção e no desenvolvimento do Pan, atravessando as diferentes dimensões da colonialidade. Por exemplo, No âmbito da colonialidade do poder, destaca-se a proposta de Avery Brundage, na década de 1940, de realizar uma competição inicial entre uma equipe da América do Sul e Central e outra dos Estados Unidos, revelando um ideário de superioridade estadunidense sobre os latino-americanos (Torres, 2011). Sinais da colonialidade do saber situam-se na condição de que, mesmo diante das reivindicações latino-americanas por maior autonomia no Pan, a organização do evento subordinou-se às diretrizes do COI, sustentando uma lógica eurocêntrica que dentre suas propostas buscava “educar” os latinos em assuntos esportivos (Santos, 2015). Inserido à colonialidade do ser, foi possível verificar que, no Pan de Cali 1971, o governo buscou produzir um projeto de modernidade orientado por referências estadunidenses e europeias, marcado pelo apagamento das classes populares e pela construção de espaços pouco vinculados à cultura colombiana (Sheinin, 2016).

cultural e de exposição das identidades de nações/territórios que representam um microcosmo peculiar do universo geopolítico das Américas (Tadeu da Silva, 2000).

As cerimônias de abertura reúnem discursos de importantes representantes do país/territórios/cidade-sede e da retórica global sobre o fenômeno esportivo, a partir de apresentações, protocolos e manifestações culturais que ultrapassam as competições e estão imbricadas em narrativas ideológicas e identitárias, numa dialética global/local (Oliveira da Silva; Tricário; Pereira, 2020; Cajueiro; Peixoto, 2024; Malanski, 2019, 2025).

As identidades são construídas a partir das escolhas simbólicas de determinados elementos e, também, de como pessoas e povos buscam ser percebidos, em seus aspectos políticos, sociais e histórico-culturais (Horne; Manzenreiter, 2006; Abrahão; Soares, 2014). Assim, as cerimônias de abertura do Pan são particulares e interessantes espaços de apresentação do país/território/cidade para as Américas e para o mundo, e oferecem multifaces de investigação das complexidades dos fenômenos esportivos para além das competições.

À vista disso, tomando as raízes do esporte como fenômeno moderno de grande relevância social e produção de interações culturais em relações de poder e resistência, as questões que orientam este estudo são: Como os Jogos Pan-Americanos expressam indícios de colonialidade e decolonialidade em cerimônias de abertura? Quais características das representações identitárias e culturais de países/territórios/cidades das Américas se apresentam em cerimônias de abertura dos Jogos Pan-Americanos? De que modo repercutem em manifestações de colonialidade e decolonialidade?

Assim, o presente estudo tem como objetivo geral examinar narrativas e representações de colonialidade e decolonialidade nas cerimônias de abertura dos Jogos Pan-Americanos. Como objetivo específico, busca-se descrever e analisar os elementos simbólicos, culturais e identitários das cerimônias de abertura dos Jogos Pan-Americanos a partir de vias político-epistemológicas de colonialidade/decolonialidade.

O desenvolvimento da pesquisa se apresenta estruturado nas seguintes seções: 2. Percorso metodológico; 3. Américas, colonialidade/decolonialidade: conceitos e relações com o campo esportivo; 4. Face oculta: as cerimônias de abertura do Pan por lentes de colonialidade e decolonialidade

Na seção “2. Percorso metodológico”, são apresentados os procedimentos metodológicos que orientaram a investigação, bem como os fundamentos teóricos e analíticos necessários à compreensão das cerimônias de abertura dos Jogos Pan-Americanos enquanto

objeto de estudo. A primeira etapa deste momento consistiu na delimitação do corpus de análise, constituído pelas cerimônias de abertura das edições realizadas em 2007, 2011, 2015, 2019 e 2023, a partir das quais foram desenvolvidos os processos de transcrição, catalogação e sistematização dos dados. Em seguida, mobilizou-se reflexões político-epistemológicas latino-americanas congruentes às concepções de colonialidade/decolonialidade e foi realizado o tratamento analítico das narrativas codificadas em seus protocolos, discursos e apresentações presentes nas cerimônias de abertura.

Na seção seguinte, intitulada “3. Américas, colonialidade/decolonialidade: conceitos e relações com o campo esportivo”, localiza-se um referencial bibliográfico sobre a teoria e episteme política da colonialidade e decolonialidade, construindo relações entre autores e conceitos que balizam o tema. Logo após, estruturam-se três subseções. A primeira exhibe a construção da hegemonia estadunidense e seu papel de controle tanto na conjuntura social como no espaço esportivo Pan-Americano. A próxima subseção evidencia o fenômeno esportivo sob vias interpretativas da colonialidade e, por último, observam-se indícios de pensamentos e ações que concebem hierarquias, matrizes de subordinação, ou emancipação ao poder colonial a partir dos Jogos Pan-Americanos.

Em “4. Face oculta: as cerimônias de abertura do Pan por lentes de colonialidade e decolonialidade”, insere-se o tratamento analítico das cerimônias de abertura como expressões simbólicas, culturais, identitárias de cada cidade/país anfitrião a partir de uma perspectiva decolonial. Por vias de organização de temas observados em diferentes cerimônias, foram construídas dimensões de discussão, a saber: “4.1 Formações simbólicas de integração, harmonia e união”; “4.2 Indícios de pacificidade, hierarquização e narrativas de legitimação da nação moderna”; “4.3 Entre o folclórico e o contemporâneo: indícios de distanciamento da atualidade dos povos originários”; “4.4 Indícios de valorização local sob leitura decolonial”.

2. PERCURSO DE INVESTIGAÇÃO

Este é um estudo de natureza qualitativa e focaliza em examinar as cerimônias de abertura do Pan realizadas no século XXI. A construção da análise ampara-se nas contribuições do paradigma indiciário Ginzburg (1989), buscando pistas relacionadas a processos de colonialidade e decolonialidade repercutidas nas cerimônias da abertura da competição, bem como na aproximação de diálogos com produções historiográficas e sociológicas sobre o objeto de pesquisa (a partir de sua historicidade, instituições, agentes, práticas, rituais e símbolos, etc.).

Nas subseções a seguir, este percurso e as escolhas metodológicas serão detalhados e fundamentados quanto ao objeto de estudo e os interesses analíticos.

2.1 PESQUISA QUALITATIVA E PARADIGMA INDICIÁRIO: CAMINHOS QUE SE CRUZAM

A pesquisa qualitativa se potencializa a partir das concepções e ideias do paradigma indiciário à medida que procura interpretar sob diferentes óticas o objeto de estudo. Desse modo, a análise dos fenômenos não se associa, necessariamente, a dados numéricos generalizáveis (Silveira; Córdova, 2009). Assim, a partir da natureza qualitativa do problema, busca-se a compreensão do fenômeno social em foco com o aprofundamento em um vasto “campo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (Minayo, 2001, p.68).

Em meio a disputas de campo nas ciências humanas, na segunda metade do século XX, emerge-se um modelo epistemológico ou um método de investigação denominado por Carlo Ginzburg (1989) de “paradigma indiciário”. O paradigma indiciário se caracteriza como uma prática investigativa que examina os acontecimentos para além dos seus grandes eventos, mas em suas minúcias, a partir de seus sinais, vestígios, indícios, sutilezas, estas que por vezes são negligenciadas ou apagadas desse olhar, pelo fato de estarem fragmentadas ou inicialmente desconexas entre si. A percepção de pequenas evidências e detalhes podem revelar estruturas sociais profundas e reconstruir uma realidade complexa (Ginzburg; Poni, 1991).

Ginzburg (1989) reconhece que essa maneira de interpretar a história surgiu anos atrás e, por milênios, o próprio homem foi “caçador”. O caçador seria aquele capaz de narrar uma história por meio da leitura de pistas deixadas pela presa, “por um triz” imperceptíveis, guiando tais eventos e a possibilidade de suas decisões (Ginzburg, 1989). Durante o século XIX, práticas investigativas que se assemelhavam a nuances deste método já haviam sido utilizadas pelo pintor Morelli, que analisava a veracidade de quadros ao examinar seus pormenores, percebidos como desprezíveis e, dessa forma, não observados pelos imitadores no original (Baptista, 2015). Além disso, Ginzburg (1989) se apoia no uso desse paradigma pelo personagem de Arthur Conan Doyle, o Sherlock Holmes, que capta indícios em minuciosos detalhes; e o psicanalista Sigmund Freud que, meticulosamente, analisa uma realidade mais profunda, a partir de sintomas, pistas que orientam seu percurso.

O paradigma indiciário ultrapassa a ideia de uma história linear e objetiva, e emerge em meio a percepção de passados e realidades construídas, que devem ser interpretados e reconstruídos a partir do exame de indícios que se ocultam em meio às macro atenções. Ginzburg (1989) ressalta em sua coletânea “Mitos, Emblemas e Sinais - morfologia e história”, que a realidade no modo que a enxergamos é construída socialmente, formada por camadas interpretativas e moldadas a partir de quem observa e descreve, e consequentemente, é permeada por singularidades, crenças e ideologias.

Logo, a realidade possibilita interpretações subjetivas e não verdades absolutas (Ginzburg, 1989; Rodrigues, 2005). Nesse sentido, a investigação não procura descobrir uma irrestrita verdade, mas compreender diferentes indícios narrativos que se formam no processo social e como essas narrativas interagem para moldar a percepção coletiva e individual do mundo.

O movimento esportivo Pan-americano tem sido foco de análise sob uma realidade única, de forma macro, ou ainda a partir de fronteiras do nacional como se nota nas produções de Torres (2011) e Kidd e Torres (2018). Em analogia à ilustração de um tapete - proposto por Ginzburg em seu capítulo - eleger-se, neste estudo, o Pan como este tapete, revestido por um paradigma, mas que apresenta outros detalhes quando observados a partir de outras camadas interpretativas. Portanto, é necessário o exame dos fios dos tecidos de modo a buscar vestígios e interpretar as realidades construídas, propondo novas camadas interpretativas para o campo de investigação dos megaeventos esportivos continentais.

O paradigma indiciário é um interessante meio para captar pistas e indícios sobre culturas que foram historicamente subalternizadas (Leandro; Passos, 2021). A análise de

processos inseridos nas cerimônias de abertura do Pan em busca de indícios de colonialidade e decolonialidade representam um olhar outro a uma realidade construída.

As discussões em torno da colonialidade e decolonialidade aproximam-se das reflexões propostas por Ginzburg sobre o paradigma indiciário na medida em que propõem o exame de traços sutis que podem revelar configurações mais amplas ou ocultas, como estruturas de poder e dominação enraizadas na realidade contemporânea, denunciadas pela discussão decolonial. A partir da análise de detalhes, investigação dos vestígios, representações simbólicas e significados socialmente produzidos, tornam-se perceptíveis processos de controle e hierarquização que operam de forma sutil e são legitimados como verdades concretas.

Nessa perspectiva, a decolonialidade apresenta-se como um movimento de denúncia, confrontação e transformação de verdades estabelecidas, tensionando narrativas consolidadas e propondo possibilidades outras de leitura e interpretação da sociedade. Segundo Ginzburg (1989), a historiografia tradicional por vezes negligencia e ignora detalhes que, aparentemente são percebidos como de menor importância, mas são essenciais para compreender fatos históricos e socioculturais, a partir de experiências, crenças e percepções de sujeitos ou grupos sociais que performam e moldam seu pensamento sobre uma ideia de realidade concreta.

Diante disso, a interpretação das perspectivas e concepções referentes ao cenário particular do evento é ampliada através da análise qualitativa, promovendo o diálogo com o objeto de estudo - o Pan - para além da competição, em articulações com diferentes áreas do conhecimento e interlocuções em esferas políticas, econômicas, sociais, ideológicas, culturais e históricas.

Outras produções utilizaram o paradigma indiciário de Ginzburg para captar relações, indícios de apropriações e construções políticas, epistêmicas e culturais em diferentes áreas da história, antropologia, educação e sociedade em geral, a partir de realidades macro (Suassuna, 2008; Rodrigues, 2014; Paziani; Perinelli Neto, 2018; Leandro; Passos, 2021) e contextos menores (Nunes, 2022; Campos; Paiva, 2024).

Evidencia-se o uso do modelo indiciário na historiografia e na sociologia da Educação Física e do Esporte, a partir de obras como Schneider, Santos, Neto e Assunção (2014), por exemplo, que buscaram investigar sinais da presença e influências do movimento pan-americanista na Educação Física e cultura esportiva brasileira durante a primeira metade do século XX, em periódicos da área publicados entre os anos 1932 e 1950.

Gama, Neto e Dos Santos (2021) utilizam o método comparativo e o paradigma indiciário como abordagens metodológicas na procura de examinar manifestações caracterizadas como esporte em regulamentações legais que balizam países da América Latina. Pereira (2016) investigou os modos em que peças publicitárias inseridas em megaeventos realizados no Brasil sustentaram mecanismos discursivos vinculados ao jogo entre a memória e a ideologia, e apresentou o paradigma indiciário e análise do discurso como bases para operacionalidade metodológica. Outra produção que utiliza o paradigma indiciário como percurso metodológico intitula-se como “Cinema, esporte e apartheid: considerações balizadas pelo filme *“More than just a game”* (Lise; Capraro; Santos, 2011), em que apresenta o relato de catalisação de esforços “na busca de pistas e indícios que levassem a compreender melhor a concepção histórica manifesta no filme” (Lise; Capraro; Santos, 2011, p.1).

Nesse sentido, verifica-se que o uso do instrumental investigativo de Ginzburg para a construção de pesquisas é diverso, assim como é variada a utilização de fontes, como materiais impressos (Schneider et al., 2014; Paziani; Perinelli Neto, 2018; Campos; Paiva, 2024) e audiovisuais (Lise; Capraro; Santos, 2011; Pereira, 2016).

Diante disso, a presente investigação se insere em um movimento já consolidado de análises que, ao recorrerem ao paradigma indiciário, demonstraram o seu potencial analítico para compreender apropriações e construções em diferentes campos e escalas.

2.2 ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DE CERIMÔNIAS DE ABERTURA DO PAN

As cerimônias de abertura apresentam um universo de dualidade em seu acontecimento. De um lado, sua estrutura é pré-determinada, através de protocolos obrigatórios, como no caso do Pan, exigidos pelo Comitê Olímpico Internacional na Carta Olímpica e supervisionados pela *PanAm Sports* (órgão burocrático responsável pelo Pan). Por outro lado, as construções artísticas, comunicacionais e culturais possibilitam produzir diferentes mensagens, emoções e significados, operados pelos Comitês Nacionais que representam o COI nas cidades-sede (Spà; Rivenburgh; Larson, 1995).

Spà, Rivenburgh e Larson (1995) caracterizam três fases principais inseridos no decurso de apresentação das cerimônias de abertura: pré-show e performances artístico-culturais; elementos ritualísticos; e a culminação final do espetáculo. No que concerne às atividades em ocorrência, as cerimônias apresentam shows com apresentações artístico-culturais, chegada do Chefe de Estado do país anfitrião ao estádio, execução do hino

do país anfitrião, desfile das delegações, discursos, rituais como o juramento hino do evento, o hasteamento das bandeiras, a tocha e acendimento da pira e, exposições artístico-simbólicas de fechamento do espetáculo (Ferreira Santos, 2012).

MacAllon (1984) destaca que as cerimônias de abertura apresentam configurações peculiares e singulares, na qual coexistem e entremeiam-se diferentes momentos de espetáculo, festival e ritual, fundamentais para um sistema aberto e ramificado de sentidos e interpretações de cada cultura. Além disso, reúnem um conjunto diversificado de público sejam atletas, telespectadores, em nível global, tornando-se um palco de representatividade em nível micro e macro, construindo de significados e identidades e promovendo exposição cultural (MacAllon, 1984; Abrahão; Soares, 2014; Santos et al. 2024). Nesse contexto, as cerimônias de abertura permeiam dimensões ritualísticas, valorativas, ideológicas e políticas em cenário mundial (MacAllon, 1984; Santos et al. 2024).

Neste estudo, buscou-se investigar as cerimônias de abertura de edições recentes do Pan, particularmente as que aconteceram no século XXI. A seleção baseou-se na possibilidade de acesso completo e gratuito dos registros das transmissões oficiais de cada edição do evento. As cerimônias de abertura do Pan às quais se obteve acesso integral em plataformas digitais gratuitas corresponderam às edições de 2007 (Rio Janeiro - Brasil); 2011 (Guadalajara - México); 2015 (Toronto - Canadá); 2019 (Lima - Peru); 2023 (Santiago - Chile). Estas cerimônias percorreram as Américas e podem estabelecer compreensões próprias às identidades e esferas de dominação, resistência e (des)construção de poder relativos à conjuntura mundial.

O cronograma de realização e duração dos eventos apresentam uma organização formulada pela organização esportiva responsável (*PanAm Sports*) e seguida por comitês organizadores locais, mas se estruturam a partir das três partes, conforme sinalizadas por Spà, Rivenburgh e Larson (1995) acima. Além disso, o tempo de duração total das cerimônias de abertura variam a cada realização dos Jogos Pan-Americanos. As cerimônias de abertura realizadas no século XXI tiveram em média 2 horas e 36 minutos de duração, com variações entre 2 horas e 3 horas de acontecimento. O quadro abaixo detalha a duração das cerimônias pré-selecionadas para este estudo.

Quadro 1 - Duração aproximada da transmissão das cerimônias de abertura do Pan
(2007-2023)

Local	Ano de acontecimento	Duração da transmissão (aprox.)
Rio Janeiro (Brasil)	2007	2h e 37 minutos
Guadalajara (México)	2011	2h e 20 minutos
Toronto (Canadá)	2015	2h e 43 minutos
Lima (Peru)	2019	3h e 02 minutos
Santiago (Chile)	2023	2h e 50 minutos

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

As cerimônias de abertura do Pan foram acessadas a partir de arquivos audiovisuais. Especificamente, tratam-se das transmissões televisivas, gravadas e disponíveis em plataformas de vídeo digitais de acesso gratuito. Os direitos de transmissão televisiva do Pan são exclusivos à emissora que os adquire a cada edição, em cada país. Este é o mesmo modelo de venda de direitos televisivos dos Jogos Olímpicos. Por isso, uma única transmissão na íntegra das cerimônias é encontrada em arquivo audiovisual para cada edição num determinado país ou território, o que faz com que exista apenas uma transmissão completa das cerimônias por edição em cada país.

Segundo Malinowski (2020, p.37) “O arquivo audiovisual é o universo das imagens técnicas que existe como virtualidade e potência para exibição e acesso”. Para o autor, esta é uma visão *foulcaultiana* de arquivo, que permite compreender o audiovisual como um espaço de memória coletiva e individual. Os sons e imagens se atualizam à medida que os interpretamos em interação com dinâmicas sociais, produzindo significados e (re)significações. É importante lembrar que o “O arquivo audiovisual é transpassado por relações de poderes, instituições, políticas de visualidade, estratégias de utilização estética” (Malinowski, 2020, p. 37). Neste trabalho, não há interesse sobre a dimensão de circulação midiática do material e sim sobre os acontecimentos e suas inscrições simbólicas, enquanto formas de produção de sentido socialmente situadas.

Consideraram-se os elementos protocolares das cerimônias do Pan (hinos, discursos de autoridades), as apresentações artístico-culturais, os elementos rituais e simbólicos. A partir do que foi midiaticizado, entendido como documento audiovisual, se busca acessar contextos de imaginação social e identidade particulares às ideias de nação/território/continente (Ortiz, 2003; Abrahão; Soares, 2014)⁷.

As narrativas implicadas no desenvolvimento da cerimônia oportunizam um espaço de investigação de elementos e mensagens de cidades/territórios e seus países em interação, ultrapassando a dimensão da competição em si, tangenciando panoramas políticos, sociais, econômicos e culturais (Santos, 2012). Ao analisar cerimônias olímpicas como tradição inventada, Malanski (2025) afirma que elas se transformaram em espetáculos que encenam múltiplos atos que têm muito a nos dizer sobre narrativas nacionais, memória e construção de mitos.

As cerimônias eleitas para este estudo foram catalogadas com a descrição das sequências de acontecimentos do protocolo cerimonial, transcrição de discursos de autoridades e descrições das apresentações artístico-culturais em sua midiaticização na cerimônia (seus temas, figuras, símbolos)⁸.

O tratamento analítico dos indícios encontrados no exame dos acontecimentos de cada cerimônia foi orientado a partir da reflexão construída por um movimento epistemológico de perspectiva latino-americana, sob a ótica de relações coloniais e decoloniais, perspectivando as Américas. Entende-se que esta pesquisa se beneficia dessa epistemologia à medida que vincula a retórica da modernidade ocidental às implicações da colonialidade e, com isso, abre possibilidades de modos de representação, expondo e interrogando os signos, significados e expressões de diferentes sociedades das Américas a partir das cerimônias.

O aporte teórico que substantia esse olhar apresenta a colonialidade como processos de domínio, centralização e naturalização de poderes, ideologias e pensamentos, assim como representações de subalternidade e subordinação a um poder maior (Quijano, 2005; Castro-Gómez, 2005; Walsh, 2012).

⁷ Reconhece-se os limites de um evento midiaticizado, codificado pelos interesses da produção audiovisual. Ao mesmo tempo, ao comprar direitos de transmissão de eventos de chancela olímpica, sabe-se que as emissoras dispõem de informações (denominadas Media Guidelines) sobre os atos e rituais sequenciais das mesmas, produzindo uma mediação do discurso pretendido pelos organizadores, representados por um Comitê Organizador, vinculado à instituição representativa máxima daquele evento, neste caso, a Organização Pan Americana de Desportos, atualmente conhecida como *PanAm Sports*.

⁸ A catalogação das cerimônias de abertura examinadas podem ser encontradas nos apêndices: Apêndice D; Apêndice E; Apêndice F; Apêndice G; Apêndice H.

Em contrapartida, a decolonialidade pode se manifestar como formas de rompimento ao pensamento e prática colonial, incorporando transcurso de resistência, desconstrução e emancipação sob estruturas de dominação e poder centralizado. Tal como, propõe uma consciência crítica e epistemologia própria, que reflete e ultrapassa configurações de domínio e silenciamento por ditos “superiores” (Mignolo, 2011; Maldonado-Torres, 2018).

O grupo modernidade/colonialidade, formado por intelectuais que ensinaram essa perspectiva epistemológica, se estabeleceu no final do século XX e início do século XXI (Ballestrin, 2013), com sistemáticos encontros a partir de 1998 e construções coletivas de significativas produções a partir de um espectro político epistemológico latino-americano. Os principais argumentos sustentados pelo grupo dirigem-se à continuidade de processos coloniais de poder, ser e pensar na contemporaneidade (Quijano, 2005; Castro-Gómez, 2005; Mignolo, 2011; Walsh, 2012), que ultrapassam os sistemas formais de dominação colonial e se reproduzem lógicas de dominação a partir de um sistema mundo capitalista colonial moderno (Quijano, 2005; Grosfoguel, 2008; Ballestrin, 2013).

A partir dos indícios identificados, foram construídas rotas de investigação que possibilitem o aprofundamento de discussões vinculadas ao debate colonial/decolonial e identitário. A formulação dessas rotas se deu por meio da inserção de camadas interpretativas aos fenômenos analisados, produzindo relações com a literatura existente e as lentes analíticas da colonialidade e decolonialidade.

2.2.1 Estrutura das cerimônias de abertura do Pan

O acesso às representações presentes nas cerimônias foi realizado a partir de transmissões televisivas, gravadas e disponíveis em plataformas de vídeo digitais de acesso gratuito. Verificou-se que cinco das seis cerimônias de abertura realizadas neste século estavam disponíveis na íntegra, em acesso digital e gratuito: Pan do Rio Janeiro (2007); Pan de Guadalajara (2011); Pan de Toronto (2015); Pan de Lima (2019) e Pan de Santiago (2023). Sendo assim, não foi possível acessar a cerimônia de abertura do Pan em Santo Domingo 2003, na íntegra. Diante disso, os XIV Jogos Pan-Americanos foram excluídos da análise pretendida por este estudo⁹.

⁹ Foram realizados contatos, via e-mail, com duas emissoras televisivas brasileiras que cobriram o Pan de Santo Domingo 2003, em busca da visualização da cerimônia de abertura na íntegra, porém não houve retorno.

As cerimônias de abertura examinadas foram divididas nas três fases propostas Spà, Rivenburgh e Larson (1995), denominadas: 1) pré-show, 2) performances artístico-culturais; e 3) elementos ritualísticos. As representações construídas nestes momentos configuram-se em um locus particular e privilegiado de demonstração simbólica, identitária, cultural e de construções narrativas da cidade e nação anfitriã (Tadeu da Silva, 2000). Realizou-se o processo de transcrição e catalogação destas fases, em cada cerimônia¹⁰.

A título de exemplificação, o quadro abaixo contém os itens de como cada cerimônia foi catalogada.

Quadro 2 – Exemplificação da ficha de catalogação das cerimônias (disponíveis na íntegra nos Apêndices D, E, F e G).

PRÉ-SHOW RIO 2007		
Momentos da fase “pré-show”	Descrição dos acontecimentos	Momento de realização
Pré-show com os atletas Robson Caetano da Silva e Virna Dias em diálogo com o público	Robson Caetano da Silva, ex-atleta de atletismo brasileiro e Virna Dias, atleta de voleibol, acenam aos espectadores antes do início oficial da cerimônia de abertura, sorridentes. Interação com a plateia e cantam o refrão da música tema “Viva essa energia”.	Aproximadamente 18 minutos antes do início oficial

PERFORMANCE ARTÍSTICO-CULTURAIS RIO 2007		
Momentos da fase “performance artístico-culturais”	Descrição dos acontecimentos	Momento de realização (horas, min., seg.)
Anúncio de autoridades e entrada da bandeira do Brasil	Anúncio da presença do presidente da República Federativa do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, com vaías de grande parte do público no estádio Maracanã.	00:00:30

¹⁰ A transcrição e catalogação das cerimônias de abertura analisadas, a partir das fases de pré-show, performances artístico-culturais e elementos ritualísticos, podem ser encontradas nos apêndices: Apêndice D; Apêndice E; Apêndice F; Apêndice G; Apêndice H.

	Entrada da bandeira do Brasil com 1º Regimento de Cavalaria de Guardas do Exército Brasileiro, conhecidos por “dragões da independência”	
Hino nacional brasileiro	Apresentação do Hino Nacional Brasileiro, cantado por Elza Soares e hasteamento da bandeira do Brasil	00:01:50
Contagem regressiva	Contagem regressiva de 15 segundos no telão do estádio, entoado pelos espectadores da cerimônia de abertura	00:06:00
Primeira parte das apresentações artístico-culturais, com o tema “Viva essa energia”.	O músico baiano Kainã do Jeje, de 12 anos, começa a apresentação artística tocando um instrumento chamado Rum, frequentemente utilizado em religiões de culturas africanas e afro-brasileiras como o candomblé. Além de Kainã, no centro do palco, 100 ritmistas das escolas de samba “Caprichosos de Pilares”, “Beija-flor”, “Império Serrano” e “Acadêmicos da Rocinha” complementam a apresentação; Em seguida, entraram mais 1150 ritmistas, de 17 escolas de samba diferentes e formaram desenhos simbolizando raios de sol, junto ao palco. Em cada montagem de raio de sol, existia um ritmista. Além disso, toda a bateria foi comandada pelo mestre da escola de samba Beija-Flor de Nilópolis, Paulinho.	00:06:50

ELEMENTOS RITUALÍSTICOS RIO 2007		
Momentos da fase “elementos ritualísticos”	Descrição dos acontecimentos	Momento de realização (horas, min., seg.)
Entrada das delegações	Início da entrada das delegações de nações participantes do XV Pan Rio 2007, com o total de 42 delegações.	00:15:36

CULMINAÇÃO FINAL DO ESPETÁCULO RIO 2007		
Momentos da fase “culminação final do espetáculo”	Descrição dos acontecimentos	Momento de realização
Apresentação musical final e queima de fogos	Daniela Mercury canta “Cidade Maravilhosa”	02:11:58

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Cabe destacar informações iniciais sobre cada cerimônia analisada. Os XV Jogos Pan-Americanos foram realizados na cidade do Rio de Janeiro - Brasil, entre os dias 3 de julho e 29 de julho de 2007, e contou com a participação de 42 países e territórios das Américas. A cerimônia de abertura aconteceu no dia 13 de julho e apresentou, em sua transmissão disponível na íntegra, aproximadamente duas horas e trinta e sete minutos (Apêndice D).

Em 2011, aconteceu a XVI edição dos Jogos Pan-Americanos, na cidade de Guadalajara - México. O evento foi realizado entre os dias 14 e 30 de outubro, e estiveram presentes 42 países e territórios. A inauguração do evento aconteceu no dia 14 de outubro, com a cerimônia de abertura que foi acessada por meio da plataforma digital Youtube, que apresentava a transmissão de forma gratuita. A cerimônia de abertura do Pan de Guadalajara possui duração de aproximadamente duas horas e vinte minutos, sem o Pré-show (Apêndice E).

Os XVII Jogos Pan-Americanos foram realizados em Toronto - Canadá, em 2015. O evento iniciou-se no dia 10 de julho e encerrou em 26 de julho. O número total de países e territórios participantes desta edição dos Jogos foi 41¹¹. A cerimônia de abertura aconteceu no dia 10 de julho e apresentou duração de aproximadamente duas horas e quarenta e três minutos (Apêndice F).

Em 2019 aconteceram os XVIII Jogos Pan-Americanos. O evento foi realizado na cidade de Lima - Peru, entre os dias 26 de julho e 11 de agosto. Participaram 41 países e territórios das Américas nesta edição dos Jogos. A cerimônia de abertura foi realizada no dia

¹¹ O Comitê Olímpico das Antilhas Holandesas foi dissolvido em 2011, após a dissolução do território das Antilhas Holandesas. Como consequência, o número de delegações participantes dos Jogos Pan-Americanos foi reduzido de 42 para 41 nas edições de 2015, 2019 e 2023.

26 de Julho e verificou-se que o espetáculo apresentou a duração de, aproximadamente, três horas e dois minutos (Apêndice G).

Os XIX Jogos Pan-Americanos foram realizados em Santiago - Chile, entre os dias 20 de outubro e 5 de novembro de 2023. No total, houve a participação de 41 países e territórios. A cerimônia de abertura aconteceu no dia 5 de novembro e teve duração de aproximadamente duas horas e cinquenta minutos (Apêndice H).

3. AMÉRICAS, COLONIALIDADE/DECOLONIALIDADE: CONCEITOS E RELAÇÕES COM O CAMPO ESPORTIVO

A partir do século XV na Europa, novas formas de organização social se revelaram e promoveram a construção de um período histórico conhecido como modernidade (Dussel, 1993). Diante de configurações próprias, este modelo de sociedade foi criado e orientado por estruturas de produção e instituições políticas, bem como é marcado por transformações econômicas, políticas, científicas, filosóficas, artísticas e culturais, que implicaram na formação e consolidação de sociedades de classes, com dinâmicas sociais de poder (Dauwe, 2008; Semeraro, 2018).

A modernidade é frequentemente associada a revoluções, desenvolvimento e progresso. Todavia, a narrativa de progresso elaborada nesse período está intrinsecamente ligada ao colonialismo, que foi um dos pilares sobre os quais a modernidade se construiu (Quijano, 1992). A expansão europeia pelo mundo, motivada pela busca de novos territórios, recursos e mercados, resultou na dominação e exploração de riquezas e populações na América, África e Ásia, tanto em esferas político-econômicas quanto na sobreposição da cultura de sociedades colonizadas por estruturas eurocêntricas (Castro-Goméz, 2005; Maldonado-Torres, 2018), enriquecendo o projeto moderno capitalista e o processo de desenvolvimento europeu (Wallerstein, 1993; Dussel, 1994; Quijano, 2005).

Durante o período colonial, a Europa se posicionou como o epicentro do mundo, produzindo uma hierarquia a partir da posição de superioridade em termos de cultura, conhecimento e moralidade. Nessa perspectiva, a visão eurocêntrica da civilização moderna levou à imposição de um modelo a ser seguido por todas as outras sociedades (Dussel, 1993; Quijano, 1997).

Os povos colonizados, rotulados como inferiores, primitivos ou subdesenvolvidos, necessitavam de processos educativos e civilizatórios congruentes à adoção de modelos espelhados nas nações europeias desenvolvidas. Inevitavelmente, a modernização poderia causar custos e sacrifícios, como a repressão das culturas, línguas, religiões e modos de vida dos povos colonizados, substituídos agora, por aqueles considerados "superiores" pela modernidade europeia. Ante à justificativa de modernização da sociedade, a própria violência contra essas nações foi entendida como uma condição necessária ao desenvolvimento dos "povos atrasados" (Quijano, 2000 p.3).

Convergente às ideias de Quijano (1997) e Dussel (1994), Mignolo (2011) constrói um olhar à modernidade em que, se de uma maneira são evidenciados processos de revoluções mercantilistas, tecnológicas, científicas e de novas estruturas econômicas, políticas e de poder, por outro prisma, é constituída por um “*darker side*”, em tradução livre, um “lado mais escuro” (Mignolo, 2011, p.2), na qual enquanto a civilização ocidental celebra suas conquistas, esconde uma matriz de dominação indissociavelmente constitutiva da modernidade, a colonialidade.

Fato é que a colonização das Américas, a partir de 1492, constituiu um dos processos fundantes de configuração do sistema-mundo moderno/colonial. Nesse contexto, a chegada dos europeus ao continente americano inaugurou processos de dominação política, econômica, cultural e epistêmica que transformaram as relações globais de poder (Quijano, 2000). O regime colonial se estabeleceu intrinsecamente articulado ao projeto da modernidade, que promoveu, segundo Dussel (1993 p. 8), o “encobrimento do Outro”, o ocultamento de identidades, modos de existência e de pensamento de povos originários em detrimento à imposição da racionalidade, dos valores e da visão de mundo europeias.

Antes do processo de invasão e estabelecimento europeu, os territórios das nações que atualmente compreendem regiões da América eram constituídos por múltiplas formas de organizações políticas, sociais e culturais, identificavam partes do continente por denominações próprias, como Tawantinsuyu, por povos que se localizavam região andina (que inclui Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Chile), Anáhuac (atual México), e Abya Yala, principalmente por povos que se localizavam na região que atualmente está o Panamá (Mignolo, 2007).

Segundo Mignolo (2007 p.29), a “ideia de América e, posteriormente, de América Latina e Anglo-saxônica era uma questão na mente de europeus e crioulos de ascendência europeia. Indígenas e crioulos de ascendência africana foram deixados de fora da conversa”. Nessa perspectiva, a noção de “América” consistiu em uma invenção produzida a partir de uma concepção europeia, o que contribuiu para a invisibilização dos povos originários e colonizados, bem como para a marginalização de seus modos de ser e de produzir conhecimento (Mignolo, 2007).

A colonização implicou a transformação forçada dos modos de vida de sujeitos nativos por meio da violência, da evangelização, da reorganização política, da exploração econômica e da imposição cultural (Mignolo, 2007; Maldonado-Torres, 2018; Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007.). Nas colônias das Américas, colonizados foram submetidos a formas e

sistemas de trabalho de exploração extrema e epidemias que provocaram elevadas taxas de mortalidade bem como a escravização de populações africanas tornou-se um dos pilares da economia colonial (Mignolo, 2007). Diante disso, a colonização da América Latina atuou como um projeto sistemático de dominação baseado no imaginário social de racionalidade eurocêntrica, apresentado como universal (Lander, 2005).

O colonialismo, em seu cenário político formal, foi superado inicialmente nas Américas e, desde a Segunda Guerra Mundial, na África e na Ásia (Quijano, 1997). Contudo, mesmo que o colonialismo em sua forma explícita tenha se encerrado, as relações entre a cultura europeia e as culturas de povos colonizados seguem marcadas por relações de dominação colonial (Quijano, 2000; Mignolo, 2011; Maldonado-Torres, 2018). De modo nefasto, essas estruturas de soberania são incorporadas nas formas de pensar e de produzir conhecimento, nas relações sociais e nas instituições globais (Mignolo, 2005).

Nessa perspectiva, o sociólogo peruano Aníbal Quijano (1992) entre os anos de 1980 e 1990, estabeleceu o conceito de colonialidade que procura denunciar a continuidade do colonialismo por diferentes esferas para além de seu modelo formal, isto é, a colonialidade busca evidenciar que a influência e dominação eurocêntrica na América Latina não se encerram com a independência, tanto em esferas econômicas, políticas e socioculturais quanto nas construções de uma própria naturalização do pensamento sob a ótica de superioridade/inferioridade.

O lado oculto da modernidade reverbera na sociedade contemporânea, e estabelece processos coloniais de dominação, em que países periféricos e povos não europeus/estadunidenses vivem subordinados a estruturas de poder produzidas agora, por mecanismos do “sistema-mundo capitalista colonial-moderno” (Grosfoguel, 2008; Ballestrin, 2013), constituindo de estruturas ainda mais amplas de dominação, conforme Quijano:

A colonialidade, em consequência, é ainda o modo mais geral de dominação no mundo atual, uma vez que o colonialismo, como ordem política explícita, foi destruído. Ela não esgota, obviamente, as condições nem as formas de exploração e dominação existentes entre as pessoas. Mas não parou de ser, há 500 anos, seu marco principal. Todavia, relações coloniais de períodos anteriores provavelmente não foram a pedra angular de nenhum poder global (1992, p.439, tradução por Wanderson Flor do Nascimento)¹².

¹² QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y Modernidad-racionalidad. In: BONILLO, Heraclio (comp.). **Los conquistados**. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento, FLACSO, 1992, p. 437-449.

Nos dias atuais, o sistema-mundo moderno parece atravessar um regime de “colonialidade global”, sustentada por um país dominante (Estados Unidos)¹³, a partir de influências e poderes político-econômicos e culturais dentro de outros países (Mignolo, 2011; Ballestrin, 2013). Ao mesmo tempo, os Estados Unidos possuem relações de superioridade sobre a própria América Latina, o que o coloca em posição de colonizador dentro de um mesmo continente (Mignolo, 1998).

Como uma resposta político-epistêmica intelectual às matrizes coloniais, sobretudo na América Latina, estruturou-se na década de 1990 o grupo Modernidade/Colonialidade (Ballestrin, 2013). Esse grupo é composto por intelectuais latino-americanos e procura tensionar a continuidade de processos de dominação eurocêntrica na produção de conhecimentos, no pensamento crítico, na cultura, nas ciências e na sociedade global.

Por meio de diversos diálogos e produções intelectuais, o grupo promoveu dinâmicas de emancipação do pensamento político-social construído no sistema mundo capitalista colonial, essenciais para uma “renovação crítica e utópica das ciências sociais na América Latina no século XXI,” ao aprofundar o argumento pós-colonial no continente por meio da noção de giro decolonial (Ballestrin, 2013 p.8).

O Grupo Modernidade/Colonialidade diferencia-se de outras abordagens pós-coloniais, como aquelas desenvolvidas pelo grupo Sul-Asiático de Estudos Subalternos¹⁴, pois as experiências coloniais da América Latina exigem uma análise própria, e não podem simplesmente adotar as categorias teóricas desenvolvidas em outros contextos.

Mignolo (2002) sinaliza que o coletivo latino subalterno não deveria ter seus moldes a partir de outros povos diante do colonialismo, uma vez que a trajetória específica de dominação e resistência da América Latina está presente no debate. Diante disso, o grupo Modernidade/colonialidade formula e compartilha “noções, raciocínios e conceitos que lhe conferem uma identidade e um vocabulário próprio, contribuindo para a renovação analítica e utópica das ciências sociais latino-americanas do século XXI (Ballestrin, 2013 p.11)”.

¹³ O constructo político e civil de poder dos Estados Unidos será abordado detalhadamente na próxima subseção.

¹⁴ O Grupo Sul-Asiático de Estudos Subalternos refere-se a um coletivo intelectual constituído no início da década de 1980, cujo desenvolvimento esteve associado à busca por reinterpretar a história da Índia e do colonialismo britânico a partir de uma perspectiva distinta daquela dominante na historiografia tradicional. Nesse sentido, o grupo dedicou-se a discutir experiências e ações a partir da visibilização de grupos marginalizados, promovendo uma narrativa alternativa em relação aos discursos oficiais produzidos por historiadores frequentemente alinhados às estruturas políticas e ideológicas vinculadas à dominação britânica. Dentre os principais autores destacam-se Ranajit Guha, Gayatri Spivak e Dipesh Chakrabarty (Figueiredo, 2010).

Intelectuais que apresentam foco de pesquisa em fenômenos modernos e América Latina a examinam sob a ótica de um processo inacabado (Quijano, 1992; Dussel, 1994; Mignolo, 2003; Maldonado-Torres, 2018). Congruente à perspectiva de modernidade como algo em decurso, o coletivo Modernidade/Colonialidade entende que a descolonização não é um projeto concluído, mas um processo contínuo e inacabado, e de forma indissociável são propagadas noções coloniais que continuam a influenciar o pensamento e as estruturas sociais atuais (Mignolo, 2005).

A colonialidade se reproduz em três dimensões principais: por meio da colonialidade do poder, que regula hierarquias sociais e raciais; a colonialidade do ser, que reduzem sujeitos colonizados às categorias de inferioridade; e a do saber, que determina quais conhecimentos são valorizados e legitimados.

Quijano (1992) elaborou as primeiras concepções da colonialidade do poder e entende que as relações de dominação racial, social e econômica permanecem acontecendo na contemporaneidade. Mignolo (2011) e Escobar (2011) salientam que a globalização contemporânea representa uma continuidade das lógicas coloniais, nas quais as hierarquias de poder instituídas durante o período colonial continuam a moldar as dinâmicas globais, evidenciadas por processos de alienação, dependência e naturalização dos sistemas de poder.

A colonialidade do ser denuncia formas de dominação que ultrapassaram estruturas de poder político-econômicas, e revela uma omissão de identidades e produções do próprio sujeito latino-americano a partir da imposição de um modelo de sociedade ocidental eurocêntrica/estadunidense que orientam os padrões de vida, comportamentos e modos de existência dos seres colonizados (Maldonado-Torres, 2007; Walsh, 2012). Nelson Maldonado-Torres (2007) indica que a colonialidade do ser atua nas dimensões ontológicas e subjetivas de dominação. Isso se manifesta por discursos e práticas que inferiorizam, marginalizam e deslegitimam os modos de ser e viver dos colonizados à medida que determinam normas, valores e modos de vida ocidentais a seguir, sustentados por uma posição hierárquica de superioridade humana.

No que se refere à colonialidade do saber, suas matrizes têm como lócus a dominação epistêmica, ao verificar que a modernidade produziu um panorama de conhecimento ocidental, reconhecido como legítimo e superior, que negligencia e destrói os saberes dos sujeitos colonizados. A marginalização do conhecimento local subalterniza a cultura, os modos de pensar e viver desses povos, apagando suas construções sócio-epistemológicas e subjetividades (Mignolo, 2002; Lander, 2005; Castro-Gómez, 2005). Em contraste, os

sistemas de conhecimentos coloniais hegemônicos determinam modelos de ciência, educação e sociedade a serem alcançados (Mignolo, 2002).

Por outra perspectiva, movimentos de resistência, emancipação e desconstrução são impulsionados a partir do entendimento da colonialidade de latino-americanos sobre o sistema-mundo, produzindo pensamentos e ações decoloniais, que surgem e se estendem aos dias atuais (Quijano, 2000; Mignolo, 2011). “A decolonialidade, portanto, tem a ver com a emergência do condenado como pensador, criador e ativista e com a formação de comunidades que se juntem à luta pela descolonização como um projeto inacabado” (Maldonado-Torres, 2018, p.27).

De acordo com Mignolo (2011), utilizar a gramática decolonial como a geopolítica do conhecimento ajuda o acadêmico a localizar o tempo e o espaço/lugar históricos em que o conhecimento, supostamente universal pela retórica da modernidade, foi marcado e produzido.

Na subseção a seguir explora-se a construção hegemônica estadunidense e o panamericanismo envolto no contexto histórico das Américas e na criação de um megaevento esportivo continental: o Pan.

3.1 A RETÓRICA DE COOPERAÇÃO HEMISFÉRICA E O DOMÍNIO ESTADUNIDENSE SOBRE AS AMÉRICAS

As Américas, historicamente concebidas no imaginário europeu como o “Novo Mundo”, constituíram-se como um espaço heterogêneo de ocupação, exploração e reorganização política a partir do final do século XV. A chegada dos europeus inaugurou processos distintos de colonização, conduzidos principalmente por Espanha, Portugal, Inglaterra e França. Esta colonização se deu a partir de diversas transformações da organização econômica, social e cultural no continente, e pela centralidade da extração de recursos e da exploração de populações indígenas e africanas (Quijano, 2000; Mignolo, 2011).

No interior dessa longa duração colonial, a transição para o século XIX foi marcada por uma crise estrutural dos impérios ibéricos, intensificada pelas guerras napoleônicas, pela instabilidade das coroas europeias e por dinâmicas internas, dando origem a múltiplos processos de independência, não lineares e marcados por especificidades regionais, que culminaram na constituição de novos Estados nacionais nas Américas (Galeano, 2010).

A emergência de movimentos de independência nas Américas, ainda que marcada por forte heterogeneidade regional e por conflitos internos, se materializaram tanto na ruptura formal com o domínio imperial, quanto na continuidade de estruturas sociais desiguais herdadas do período colonial (Dussel, 1994; Galeano, 2010).

Fato é que esse cenário de lutas e reconfigurações políticas demarcou um processo de distanciamento das Américas em relação ao continente europeu, em um contexto de rupturas, permanências e rearticulações, no qual ganham forma projetos políticos e ideológicos de integração continental. Essas políticas situam-se em espectro de disseminação de um pensamento de pertencimento e integração das nações e territórios ora denominados “americanos” (em referência ao continente)¹⁵, anos mais tarde denominado Pan-Americanismo.

Pelo menos duas vertentes da integração Pan-Americana se propagaram no continente durante este período. No que se refere à primeira, destaca-se Simón Bolívar, militar e líder político venezuelano que atuou em frentes de independência de Colômbia, Venezuela, Equador, Peru e Bolívia, defendendo um pensamento de união e assistência entre os povos “americanos”, e formação de uma só nação a partir dos países do “Novo Mundo” (Mello, 1956; Dos Santos Silva, 2007; Torres, 2011; Scheneider et al., 2014; Oselame, 2016; Gavião, 2018). Ou seja, Bolívar não lutou apenas pela independência de um território. Isso ampliou a sua projeção continental, o que o situou e conecta o imaginário pan-americano (Bórquez; Mesina, 2016)¹⁶. O ano de 1826 marcou uma tentativa de organização e avanço das ideias bolivarianas, com a divulgação do primeiro encontro interamericano, convocado por Simon Bolívar e realizado no Panamá. Os principais debates presentes neste evento representavam tanto a formação de um bloco político que apoiasse a busca pela ruptura das colônias espanholas nas nações latino-americanas, produzindo uma emancipação política definitiva da

¹⁵ Mignolo (2011) discute como categorias como “América” e “americano” são construções históricas ligadas à colonialidade do poder e à centralidade dos Estados Unidos na disputa semântica do termo “Americano”. A partir de Galeano (2010), compreende-se que a noção de “América” foi historicamente apropriada e hegemonizada no plano simbólico e político pelos Estados Unidos, produzindo um efeito de apagamento e hierarquização das demais formações sociais do continente, posteriormente nomeadas como “América Latina” ou “América do Sul” em chave geopolítica e colonial. Assim, neste trabalho, os termos “América”, “Américas” e “americanos” são utilizados para designar o conjunto plural de países e sujeitos do continente americano, enquanto as referências específicas aos Estados Unidos são explicitadas por meio de “Estados Unidos”, “EUA” ou “estadunidenses”, de modo a evitar ambiguidades.

¹⁶ Existem, no contexto sul-americano, os chamados Jogos Bolivarianos, um evento multiesportivo criado no século XX que reúne países historicamente associados aos processos de independência liderados por Simón Bolívar. Ainda que não seja objeto de análise neste momento, sua denominação e composição ilustram a permanência simbólica do ideário bolivariano em iniciativas posteriores de articulação regional (Bórquez; Mesina, 2016).

região quanto o estabelecimento de projetos integracionistas, como a construção de uma federação geral e uma única nação denominada Grã-Colômbia (Schneider et al., 2014; Gavião, 2018; Silva, 2020). As intenções do congresso não evoluíram, mas “os princípios de união do bolivarismo conseguiram se perpetuar no imaginário coletivo dos povos latino-americanos, sendo, inclusive, exumado e ressignificado algumas vezes ao longo do século XX” (Gavião, 2018 p.86).

A segunda vertente da integração Pan-Americana é dos Estados Unidos que, impulsionados pela ordem econômica, convertem o ideal pan-americanista em um sistema político vinculado à cooperação internacional entre os países do continente americano, principalmente, países e territórios da América Latina e Caribe (Oselame, 2016).

A propagação de uma integração entre as nações da América, lideradas pelos Estados Unidos, apresentou seus primeiros indícios doravante a disseminação da corrente político-ideológica instituída pelo presidente James Monroe e o secretário de estado do governo James Blaine a partir de 1823 (Oselame, 2016). Anteriormente, outros presidentes dos Estados Unidos também compartilharam discursos identitários e interesses políticos no continente, como Thomas Jefferson, que expondo sobre o continente destacou: “A América tem um hemisfério próprio. É a terra da liberdade” (Mello, 1956).

A doutrina Monroe propagou a ideia de união e diálogo entre as nações americanas, sob a liderança dos Estados Unidos (Dos Santos Silva, 2007; Correia da Silva, 2020; Henrich; Abreu, 2020). Esta política foi balizada pelo discurso de Monroe com o slogan “América para os Americanos”. Durante o século XIX, a tentativa de recolonização dos territórios recém-emancipados da Espanha parecia iminente (Oselame, 2016; Gavião, 2018; Henrich; Abreu, 2020). À vista disso, os Estados Unidos buscaram impor uma política isolacionista junto aos seus “vizinhos do sul” (Gavião, 2018 p.110). A doutrina Monroe estabeleceu alguns aspectos iniciais de diálogo entre as nações, os Estados Unidos se comprometeram à não interferência de questões internas dos países americanos e a não se envolver em assuntos internos e guerras do continente europeu (Dos Santos Silva, 2007; Oselame, 2016). Em contraste, anunciava que a ocorrência de intervenção europeia sob qualquer forma em regiões da América seria reconhecida como ato de inimizade ante aos Estados Unidos, proporcionando a interferência e resposta estadunidense nas nações sob ameaça (Gavião, 2018). Em outras palavras, os Estados Unidos buscaram consolidar uma posição de liderança hemisférica, inicialmente ancorada em um discurso de proteção.

Além de aspectos políticos e econômicos, a doutrina Monroe desempenhou um papel significativo na construção da identidade regional, pois, buscou-se um progressivo estreitamento das relações diplomáticas entre os Estados Unidos e os outros países do hemisfério, sustentados por meio de discursos de união, não imperialismo e prestígio do país, ante ao seu repertório de valores, liberdade e hegemonia capitalista (Domingues, 2014; Gavião, 2018; Silva, 2020). Contudo,

Desde o início do pan-americanismo o propósito latino-americano da integração foi escamoteado, e se atrasou quando seu caráter emancipador se viu sobrepujado por um projeto “hemisférico” de gênero neocolonial, sob a direção estadunidense (Castro, 2015 p.59).

A hegemonia estadunidense sobre o sistema-mundo foi construída a partir de dinâmicas coloniais de poder, cultura, ideologia e alienação (Mignolo, 2005). O sentimento Pan-americanista avançou sob lógica burguesa, balizados por interesses estadunidenses de domínio e subordinação latino-americana. Mariátegui (1925), em seu ensaio intitulado “El ibero-americanismo y pan-americanismo”, sinaliza que:

A mais obtusa perspicácia descobre facilmente no pan-americanismo um manto de imperialismo norte-americano. O pan-americanismo não se manifesta como um ideal do continente; Ela se manifesta, antes, inequivocamente, como um ideal natural do Império Ianque. (Mariátegui, 1925, p.1).

Na historiografia verificam-se embates em torno da delimitação inicial acerca das origens do Imperialismo estadunidense, permeados pela elaboração da doutrina Monroe, pela formulação do ideário de superioridade evidente no Destino Manifesto, e pelas guerras mexicano-americana e hispano-americana (Mendes, 2005; Pereira, 2011; Castro, 2015; Gavião, 2018).

O Destino Manifesto (1845) se forja durante a invasão territorial estadunidense rumo a Oeste, mediante a crença de superioridade política, civil, moral e religiosa da nação, constituindo aspirações explicitamente imperiais, de interesses geopolíticos, civilizatórios e econômicos (Castro, 2015; Gavião, 2018).

Fato é que os Estados Unidos emergem de uma estrutura colonial, com ideias de liberdade, “modernidade” e capitalismo determinados por um grupo de origem colonizadora, anconrados em discursos políticos, ideológicos e culturais, de hegemonia capitalista e

estabelecimento de um povo dito escolhido que legitimava suas intervenções militares, violência, tomada de territórios, genocídio e apagamento de identidades dos povos originários estadunidenses (Mariategui, 1925; Mendes, 2005).

Vestígios indicam que a expressão “panamericanismo” se inaugura após 1882 na imprensa estadunidense, associado à realização da Primeira Conferência Interamericana em 1889 (Castro, 2015; Gavião, 2018; Henrich; Abreu, 2020). O cenário de instituição do Pan-americanismo é sustentado pela propagação dos discursos de Monroe e Bolívar desde o início do século (Castro, 2015; Silva, 2020).

As conferências interamericanas promoveram uma série de encontros diplomáticos com a participação de representantes de repúblicas do continente americano, difundindo a narrativa de incentivo e estímulo à cooperação econômica e política (Castro, 2015; Gavião, 2018). No entanto, essas conferências atuaram como instrumento de legitimação e afirmação da supremacia hemisférica dos Estados Unidos, sob a retórica de uma suposta e inexistente parceria igualitária e cooperativa entre as nações das Américas (Dos Santos Silva, 2007; Castro, 2015; Gavião, 2018; Henrich; Abreu, 2020; Silva, 2020).

Os encontros promoveram a criação da União Pan-americana, apoiada no “incentivo ao espírito de solidariedade e cooperação entre os países das Américas. Este órgão era o principal propagandista do pan-americanismo” (Silva, 2020, p.5). A primeira conferência Pan-Americana ocorre em um momento de transição de estratégias do governo estadunidense frente ao hemisfério, inaugurando-se uma fase de significativo intervencionismo, em busca de firmar-se como país hegemônico de liderança política e econômica no continente (Henrich; Abreu, 2020).

Os Estados Unidos compreendem a América Latina como um amplo mercado, estratégico e fundamental para o seu crescimento econômico (Oselame, 2016). Por meio deste panorama, os Estados Unidos passaram a imaginar o continente como importante espaço para a implementação de suas agendas de superioridade moral, assessoria política e reformas institucionais. As conferências pan-americanas e o movimento pan-americanista constituíram, assim, instrumentos privilegiados para a promoção dessas diretrizes, operando como plataformas diplomáticas para a difusão de modelos e valores alinhados aos interesses estadunidenses (Silva, 2020).

As investidas dos Estados Unidos, ao longo do século XIX, implicaram na expansão da estrutura econômica, ultrapassando Inglaterra e Alemanha no final do século face à industrialização (Ayerbe, 2002). Além disso, a política externa e de expansionismo adotadas

por Theodore Roosevelt durante o início do século XX, desdobrou-se na intensificação da ocupação militar de países considerados “instáveis”, principalmente aqueles em crises econômicas (Oselame, 2016, p.125).

O projeto pan-americano já havia estabelecido novas trajetórias após a Guerra Hispano-Americana (1898). Esse conflito pretendeu extirpar efetivamente o poder colonial nas Américas e ampliar o expansionismo estadunidense (Garcia, 2002; Castro, 2015). Após a guerra, os Estados Unidos anexaram Porto Rico, Filipina e Havaí ao seu território, instituíram um protetorado sobre Cuba e, estrategicamente, estabeleceram o controle sobre o Panamá (Castro, 2015; Oselame, 2016). Por conseguinte, construíram um canal interoceânico que conectou o Atlântico e Pacífico, sendo fundamental para o fortalecimento da hegemonia naval e domínio de rotas comerciais pelos Estados Unidos (Castro, 2015; Oselame, 2016).

Após a Primeira Guerra, o volume de novas empresas e investimentos dos EUA em países da América Latina se tornou ainda mais intenso, como é o exemplo do Brasil (Garcia, 2002). Todavia, o presidente estadunidense Woodrow Wilson (1913–1921) procurou meios de encobrir o movimento expansionista e imperialista, reforçando a retórica de liberdade, cooperação e benéfcies da aproximação dos países de todo o continente, pois era necessário estabelecer alianças fortificadas face ao cenário emergente de guerras (Silva, 2020).

Com a posse de Franklin D. Roosevelt à presidência dos EUA (1933-1945), o uso de novas políticas que mantivessem formas de dominação sobre a América Latina se estabeleceu, promovendo a Política de Boa Vizinhança (Dos Santos Silva, 2007; Torres, 2011; Castro, 2015; Oselame, 2016).

Por meio dessa política, vale ressaltar, os Estados Unidos não abriam mão da influência sobre os outros países do continente; pelo contrário: mudavam os métodos para garantir uma maior efetividade nos planos econômico, cultural, militar e ideológico (Oselame, 2016, p. 126).

A política de Boa Vizinhança retomou o sentimento de cooperatividade e coletividade associada ao pan-americanismo (Torres, 2011; Castro, 2015). Entretanto, no decurso de realizações das conferências pan-americanas progressivamente evidenciaram-se a assimetria entre a posição ocupada pelos EUA e a condição de subordinação atribuídas às nações latino-americanas (Oselame, 2016). Assim, o Pan-Americanismo, ainda que formulado sob a ideia de cooperação hemisférica, também pode ser compreendido como parte de um processo

mais amplo de construção de uma ordem regional hierarquizada, marcada por relações desiguais de poder e inserção econômica.

Wallerstein (2001) identifica que, a partir de 1945 até aproximadamente a década de 1970, forja-se e consolida-se a fase de maior hegemonia dos Estados Unidos no sistema-mundo capitalista. Esse período é caracterizado pela expansão intensiva do capitalismo, pela centralidade norte-americana na reorganização econômica do pós-Segunda Guerra Mundial e pela articulação de um regime internacional marcado por forte crescimento produtivo e acumulação de riqueza, ainda que acompanhado por intensas tensões sociais e assimetrias estruturais (Pereira, 2011; Domingues, 2014).

Wallerstein (2001) e Grosfoguel (2008) evidenciam que para a manutenção da ordem mundial e estabilidade do poder estadunidense construíram-se um conjunto de instituições intergovernamentais que promoveram um regime de colonialidade global sobre os estados-nação periféricos e os povos não europeus, designadamente o Fundo Monetário Internacional, a Organização das Nações Unidas, o Banco Mundial, o Pentágono, os acordos de Yalta e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). À vista disso, as zonas periféricas permanecem em uma situação colonial, ainda que formalmente desassociadas de uma administração colonial direta (Grosfoguel, 2008).

O ideal de “cooperação hemisférica” também se projetou no espaço esportivo e com desdobramentos hierárquicos na região da concepção à materialização. Evidências apontam que as discussões para a concepção e organização de um “festival desportivo pan-americano”, inspirado nos Jogos Olímpicos, começaram na década de 1910 (Torres, 2011, p.2).

No subtópico a seguir, situa-se o esporte como instrumento de colonialidade num contexto amplo e, em seguida, detalha-se a relação entre o Pan-Americanismo e o Pan, bem como os seus desdobramentos históricos.

3.2 O ESPORTE COMO INSTRUMENTO DA COLONIALIDADE

O fenômeno esportivo imbricado na construção da sociedade moderna produziu e reproduziu ações e práticas deste projeto. Bourdieu (1983) apontou que o campo esportivo não está à parte da sociedade e, ao mesmo tempo, desfruta de relativa autonomia, isto é, se constitui de elementos singulares em sua estrutura, crises, leis e dinâmicas de poder. Assim, “este lugar com práticas sociais inteiramente particulares, que foram definidas no curso de uma história própria, só pode ser compreendido a partir desta história” (Bourdieu, 1983, p.4).

Em sua sociogênese o esporte foi considerado uma atividade potencial para a formação de caráter, moral, virtudes, valores, disciplina e controle da violência, dentro de uma missão civilizatória forjada em ideais de progresso e desenvolvimento (Dunning, 2014). A partir deste ideário, alcançou instituições como escolas e universidades, institucionalizando-se em vários níveis (locais, nacionais e internacionais), consolidando no imaginário social o esporte como um elemento contribuinte para a transformação social, desenvolvimento da paz e união entre as nações (Tavares, 2003; Kidd, 2008; Rubio, 2010).

De fato, o fenômeno esportivo foi incorporado às retóricas institucionais de pretensões universalistas, celebrado como prática social capaz de mitigar tensões e problemas sociais, estabelecendo-se em espaços da educação formal (ambiente escolar) e, também, em ambientes de educação não formal.

A despeito de uma grande naturalização e romantização desses discursos, a produção de conhecimento no campo esportivo tem interrogado e analisado as concepções europeias dominantes que suplantaram práticas culturais locais, construídas a partir de um ideário de sistema-mundo moderno capitalista “desenvolvido” (Brohm, 1982; Bourdieu, 1983; Bracht, 2005). Em leituras críticas, questiona-se o esporte como dimensão da educação que perpetua os interesses de uma classe dominante - outrora denominada burguesia (Bourdieu, 1983) - produzindo ideais de uma sociedade civilizada que se estabeleceu em meio à concentração de capital material e simbólico e em detrimento a outros modos de vida (Dunning, 2014).

Abordagens disciplinares ancoradas na antropologia, estudos culturais, história e sociologia trouxeram construções teóricas e estruturas conceituais para analisar o esporte em sua relação com os colonialismos, bem como suas implicações pós-coloniais (Bravo, Parrish; D’Amico, 2016). O esporte é compreendido nestas abordagens como parte integrante de um conjunto de imposições culturais, que incluem a religião e a noção de Estado, e que engendraram noções de classe, gênero, raça e educação.

Gems (2006), por exemplo, detectou as investidas imperialistas, ou seja, estratégias e ações estadunidenses para disseminar sua cultura e influência a partir do beisebol em lugares como o Havaí, México, China e Japão, documentadas desde o século XIX. O mesmo autor analisou o que denominou “cruzada colonialista” dos Estados Unidos por meio do beisebol e boxe em direção ao domínio das Filipinas (Gems, 2004). Tais pesquisas dão atenção e documentam a materialidade de determinadas práticas e disseminação de modalidades esportivas específicas, como o caso do beisebol em Cuba, camuflado a partir do que Carter (1999, p.1) denominou de “falácia diplomática”. Charitas (2015), por sua vez, analisou a

inserção de África no Movimento Olímpico ao longo do século XX, discutindo a colonização e a pós-colonização em meio a mecanismos de dominação.

Em todas estas análises, o esporte como instrumento da colonialidade não se estabelece em relações horizontais, tampouco sem exploração, violências e imposição de poder. De modo abrangente, a análise da difusão do esporte moderno na América Latina foi discutida em meio ao cenário de crescimento da cultura de massa e dependência econômica produzidas pela exploração colonial, a partir de classes dominantes que concentraram o controle sobre a produção, distribuição e regulação do esporte (Arbena, 1988).

Nas Américas, especialmente na América Latina, o século XIX foi um período de intensas transformações políticas, sociais, culturais, econômicas e ideológicas. Diversos países enfrentaram processos de independência marcados por conflitos internos, disputas entre elites, e influências externas. Ainda que muitos tenham rompido formalmente com os impérios coloniais europeus, os novos regimes - fossem monarquias constitucionais, repúblicas liberais ou ditaduras - em grande parte mantiveram estruturas de poder, práticas sociais e imaginários profundamente europeizados. A promessa de emancipação raramente se traduziu em ruptura com os padrões coloniais de exclusão, racialização e hierarquização social, perpetuando modos de viver e governar que continuavam a privilegiar modelos importados.

De fato, ao tomar a América Latina como foco de análise abrangente,

...um tema que geralmente surge na literatura é que a América Latina foi uma "região receptora" de práticas culturais estrangeiras. O termo faz referência ao processo de difusão global dos esportes modernos que ocorreu ao mesmo tempo que a constituição dos impérios coloniais e mercados mundiais... o processo colonial foi principalmente um mecanismo de influência cultural conjuntamente com o domínio político e comercial (Santos, 2015, p.19).

No Brasil, por exemplo, a percepção de progresso imbricada à modernidade, incitou valores comportamentais e culturais nas cidades e isso se expressa na literatura sobre o esporte (Jesus, 1999). Diversos esportes se estabeleceram em diferentes regiões, tais como o cricket, o iatismo, o football, o ciclismo, o atletismo, o rugby, a ginástica, a patinação, o tênis e o surfe (Apêndice c).

As práticas esportivas representaram não apenas formas de entretenimento e lazer das classes abastadas da sociedade brasileira, mas também possíveis instrumentos de distinção

social (Melo, 1999; Dos Santos et al., 2006; Frosi et al., 2011; João da Silva, 2012). É importante destacar o papel e implicações dos processos e políticas migratórias em todos os países e territórios, pois grupos de imigrantes traziam:

A introdução de práticas esportivas dos seus países de origem, a organização de sociedade e associações, a manutenção dos costumes e da língua da pátria mãe viva, a adoção de símbolos (bandeiras, os uniformes, entre outros) foram alguns dos meios adotados pelos grupos de imigrantes para a produção de fronteiras simbólicas (Frosi et al., 2011, p.2).

Neste sentido, o impacto da construção de um “sistema-mundo” impulsionados por processos de desenvolvimento e disseminação da modernidade europeia, provocaram lentes de alienação e ensejo a aproximar-se de maneira acentuada ao “mundo civilizado” europeu (Quijano, 2000), ampliando a propagação de um ideário de sociedade a ser acompanhado (Melo, 2020a). Isso se refletiu na criação de Jogos regionais/continentais como o Pan.

3.2.1 Educando os Latinos: o Pan como instrumento de colonialidade

A literatura histórica sobre os esportes e o Movimento Olímpico na América Latina apontou as perspectivas eurocêntricas/estadunidense que reduziram a região a um conjunto de nações e territórios que apresentavam sua economia em desenvolvimento e necessidades sociais urgentes em termos de educação, transporte e saúde (Arbena, 1995). Aqui, cabe ressaltar, que esses cenários são resultantes de uma formação histórica que tem no colonialismo a produção de assimetrias e desigualdades (Dussel, 1994; Mignolo, 2007).

Dentre processos que produziram e consolidaram as lógicas do esporte moderno, evidencia-se a construção do Movimento Olímpico por Pierre de Coubertin, apresentando em seus ideais o vínculo educação e esporte, e a formação de um *ethos* de representação de uma classe dominante, compondo o COI com membros da aristocracia. Sob égide da filosofia desse movimento, denominada Olimpismo, o esporte foi disseminado como elemento latente ao desenvolvimento de valores humanos universalistas, a partir de um evidente etnocentrismo que moldou os esportes em geral e os Jogos Olímpicos (Tavares, 2003; Ferreira Junior, 2023).

Torres (2011) evidencia que rastros iniciais para a concepção e organização do evento continental das Américas começaram na década de 1910, mas, se limitaram a trocas de correspondências que cessaram em meio à I Guerra Mundial.

Anos mais tarde, em 1922, Baillet Latour, membro do COI, visitou alguns países da América Latina, década denominada por Torres (2012) como a “explosão olímpica” na América Latina. A visita de Latour acompanhou a inauguração, no Rio de Janeiro, dos denominados “I Jogos Olímpicos Latino-Americanos”, considerado um dos movimentos pioneiros de jogos regionais em todo o mundo e, portanto, um precursor importante para a criação de Jogos continentais (Santos, 2015; Torres, 2012).

Latour, como membro do COI, observou os Jogos Olímpicos Latino-americanos de 1922 e registrou por escrito aspectos positivos e negativos daquela competição. Se por um lado ele disse que os atletas alcançaram performances benemerentes de futuras participações nos JO, por outro, o líder esportivo considerou que houve uma falta de compreensão generalizada quanto ao papel do esporte e sua organização. Ele apontou em seu relatório que seria necessário “educar” esportivamente o povo Latino-americano, com base na filosofia olímpica, seus valores e organização burocrática (Santos, 2015; Torres, 2012).

A partir disso, avançou-se em relação à criação de Comitês Olímpicos Nacionais na América Latina e reconhecidos pelo Comitê Olímpico Internacional (conforme Tabela abaixo). A criação e o reconhecimento dos Comitês Olímpicos Nacionais (CONs) funcionaram como instrumentos para disseminar os valores olímpicos e fortalecer a legitimidade internacional do COI, especialmente em regiões consideradas estratégicas para a universalização do Movimento (Santos, 2015).

Tabela 1 - Evolução de Comitês Olímpicos Nacionais reconhecidos por década na América Latina

<u>Década</u>	<u>CONs Reconhecidos</u>	<u>Número Cumulativo de CONs</u>
1920	4	4
1930	9	13
1940	6	19
1950	8	27
1960	2	29
1970	3	32
1980	4	36
1990	3	39

Fonte: Santos; Abreu; Caetano (2026)¹⁷

¹⁷ SANTOS, Doiara Silva dos; ABREU, Fernanda Santos de; CAETANO, Clarisse Silva. Breaking Barriers: Latin American and Caribbean Women and Olympic Gold. **Cadernos de Educação, Tecnologia e Sociedade**, in press.

A partir da década de 1930, a organização de um evento esportivo nas Américas com o envolvimento do COI e, especialmente, de líderes esportivos dos Estados Unidos, esteve fortemente ligado ao ideal pan-americanista:

Em 1933, o Coronel americano Curt G. Pfeiffer, que havia proposto os Jogos Pan-Americanos em 1916, renovou seu desejo à luz de "nossa nova e vigorosa campanha para estabelecer uma verdadeira aliança pan-americana, social e economicamente (Torres, 2011, p.2).

O desejo de reunir povos das Américas em eventos esportivos e organização dos jogos Pan-americanos, formalmente inaugurados em 1951, se originou a partir da política do Pan-Americanismo, em meio a uma proposta do governo estadunidense de Franklin Roosevelt, com interesses próprios frente aos blocos de poder mundiais desde a sua formulação. Para isso, mobilizou-se vários interlocutores.

Alexander Hogarty, um treinador estadunidense que vivia na América do Sul, foi um mediador de negociações para inaugurar o Pan, e como se nota a seguir, o argumento dele perpassa o pan-americanismo:

[...] Em abril de 1938, Hogarty propôs Havana como sede das Olimpíadas de 1940, caso a guerra eclodisse na Europa. Embora não tenha proposto um festival esportivo hemisférico, Hogarty acreditava que a cidade caribenha "ao reunir todos os países da América do Norte e do Sul, teria um efeito tremendo na consolidação da política de boa vizinhança promovida pelos EUA". [...] Hogarty explica os benefícios de tais jogos, sempre enfatizando o potencial do evento para atingir o objetivo político de "consolidar a amizade entre os EUA e as Repúblicas Americanas". Além disso, ele acrescentou que reunir esses países teria "enormes vantagens militares" e que todo o empreendimento teria que ser subsidiado pelo governo (Torres, 2011; p. 3 e 4).

Outro interlocutor notável foi George Preston Marshall, proprietário da National Football League (NFL) nos anos 1930. Em 1939 ele organizou um almoço com importantes figuras da política estadunidense, incluindo funcionários do Departamento de Estado dos EUA e o presidente Roosevelt, com o objetivo de propor uma competição desportiva pan-americana. As "Pan American Olympics" (Dyreson, 2016, p. 6) sugeridas por Marshall visavam tanto aumentar as movimentações financeiras em diferentes nações das Américas quanto permitir que os EUA cumprissem seus deveres de boa vizinhança com o restante do Hemisfério Ocidental e levassem o "evangelho" do desporto às Américas, pois os EUA

lideravam o mundo no desenvolvimento de esportes competitivos, enquanto a América Latina era considerada inferior em relação ao progresso esportivo estadunidense (Dyreson, 2016, p.7).

Em 1940, na busca de formalizar planos para a organização de um evento esportivo focado na população inserida nas Américas, foi realizado o I Congresso Pan-Americano de Desportos, em que se discutiu propostas para construção e realização dos Jogos Pan-americanos, em meio a políticas nomeadas diplomáticas entre países e territórios das Américas. À vista disso, criou-se a Organização Desportiva Pan-americana (*ODEPA*), com a finalidade de ser a entidade responsável pela organização desses Jogos (Torres, 2011).

Avery Brundage viajou por algumas cidades da América Latina, como Lima, Buenos Aires e São Paulo. Como único estadunidense entre os demais líderes esportivos e autoridades presentes no I Congresso da então ODEPA, foi eleito o primeiro presidente da entidade. Até a inauguração do evento na década de 1950, o planejamento dos Jogos junto aos membros da *PanAm Sports* foi repleto de impasses entre seus membros, principalmente por representantes do Comitê Olímpico Argentino (COA) e Brundage (Santos 2015), além das dificuldades impostas pela II Guerra Mundial.

Disputas em torno da burocratização do Pan se fazem evidentes na literatura. Autoridades e representantes dos comitês olímpicos latino-americanos - principalmente o Comitê Olímpico Argentino - reivindicaram autonomia para a organização dos Jogos Pan-Americanos e da ODEPA (futura *PanAm Sports*), a partir da ideia de que instituições europeias não compreendiam as realidades das populações das Américas, “especialmente em termos da composição racial da população e do subdesenvolvimento” (Quiros, 2016, p.4). Por outro lado, Brundage, considerado um defensor do olimpismo como filosofia de vida, defendeu manter a construção do evento de forma subordinada aos protocolos do Comitê Olímpico Internacional, cuja constituição é evidentemente de hegemonia europeia (Quiros, 2016; Silva dos Santos, 2017, 2022).

Brundage defendia que o Pan deveria seguir o modelo dos Jogos Olímpicos e que fossem apadrinhados pelo COI. No entanto, membros do Comitê Olímpico Argentino que negociavam a realização da primeira edição argumentaram que a organização dos Jogos Pan-Americanos não deveria ser liderada por europeus. Embora Brundage tenha concordado com certa autonomia para a recém-criada Organização Desportiva Pan-americana, ele continuou a persistir que o evento se ancorasse a normas e protocolos estabelecidos pelos Jogos Olímpicos (Santos, 2015).

Diante da concepção de Brundage quanto aos moldes que o Pan deveria seguir, as instituições se aproximaram e o COI regulamentou o movimento continental. Assim, desenvolveram-se estratégias destinadas ao impulsionamento destes Jogos, como mecanismo de "educar" as nações da América Latina em diálogos esportivos, ao mesmo tempo em que já se ocupava de proteger seus símbolos, rituais e tradições de possíveis apropriações indevidas e imitações (Santos, 2015).

Na busca pela inauguração dos Jogos Pan-Americanos na década de 1940, Brundage sugeriu uma competição inicial entre uma equipe formada por atletas da América do Sul e Central e uma equipe dos EUA, como forma de prevenir a “superioridade” atlética dos EUA (Torres, 2011; Santos, 2015).

Debates mais amplos acerca do esporte moderno e da Educação Física na América Latina foram atravessados por embates entre a docilização e crítica ao uso do esporte na região. Por um lado, defendia-se que a importação do esporte moderno da Europa era necessária para a modernização mais rápida das sociedades latino-americanas e transformação dos povos nativos (Oselame, 2016; Quiros, 2016; Silva dos Santos, 2022). Por outro, estudiosos denunciavam a natureza e significado do esporte e Educação Física reproduzidos na América Latina, e que as práticas esportivas deveriam ser uma ferramenta de formação cidadã e liderança a todos (Quiros, 2016).

Assim, os Jogos Pan-americanos se estabeleceram em meio a tensões ideológicas entre latino-americanos e estadunidenses na ambiência de sua burocratização, com movimentos de resistência e rejeição à política de segregação dos Estados Unidos. A então denominada ODEPA, neste início de burocratização, instituiu que o movimento desportivo Pan-americano era não racial (Else, 2018). Esta hoje é uma assertiva comum nas retóricas institucionais. A atual *PanAm Sports* assegura em seu documento constitucional: "A *Panam Sports* não permite qualquer discriminação com base em convicções políticas, ideologia, religião, língua, gênero, raça, etnia, orientação sexual ou qualquer outra forma de discriminação ilegal." (Pan-American Sports Organization, 2020, p. 3).

Fato é que a constituição histórica do Pan promoveu oportunidades de autoridades esportivas da Europa e dos EUA em promover os ideais e enraizamento do Movimento Olímpico moderno na América Latina (Santos, 2015). Oselame (2016) destaca que os jogos apresentaram um espaço de demonstração, no plano esportivo, da “hegemonia econômica, política, cultural e ideológica de um país – os Estados Unidos da América – sobre todos os demais da América Latina e Caribe (Oselame, 2016, p. 8)”.

3.3 OS JOGOS PAN-AMERICANOS E SEU DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO

Atualmente, há 41 países e territórios das Américas e do Caribe elegíveis a participarem dos Jogos Pan-Americanos. A liderança da organização esportiva continental passou por 10 presidentes (incluindo interinos), sendo três mexicanos, dois estadunidenses, um brasileiro, um venezuelano e um chileno. O nome original da organização foi reformulado para *PanAm Sports* em 2019, como estratégia de renovação do *marketing* e imagem de governança da instituição. A *Pan Am Sports* é reconhecida como a autoridade máxima do Movimento Olímpico nas Américas. Além disso, desde sua primeira edição, o evento foi realizado a cada quatro anos de forma contínua, percorrendo diferentes nações da América do Sul, Central e do Norte, totalizando dezenove edições até os Jogos Pan-Americanos de Santiago 2023. O evento completa, em 2026, seus 75 anos.

Quadro 3 - Locais de realização dos Jogos Pan-Americanos

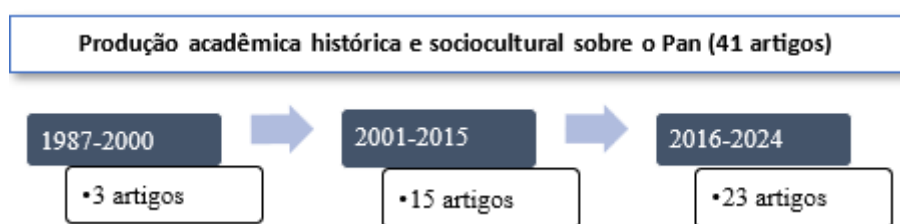
Ano	Cidade-sede	País/território
1951	Buenos Aires	Argentina
1955	Cidade do México	México
1959	Chicago	Estados Unidos
1963	São Paulo	Brasil
1967	Winnipeg	Canadá
1971	Cali	Colômbia
1975	Cidade do México	México
1979	San Juan	Porto Rico
1983	Caracas	Venezuela
1987	Indianápolis	Estados Unidos
1991	Havana	Cuba
1995	Mar del Plata	Argentina
1999	Winnipeg	Canadá

2003	Santo Domingo	República Dominicana
2007	Rio de Janeiro	Brasil
2011	Guadalajara	México
2015	Toronto	Canadá
2019	Lima	Peru
2023	Santiago	Chile

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A produção em artigos científicos traz importantes contribuições para a compreensão do Pan como fenômeno histórico e sociocultural nas Américas. Neste subtópico, buscou-se reunir esta produção, a fim de descrever e fundamentar marcos históricos do evento. Para tanto, foi realizado um levantamento da produção científica sobre o Pan focalizado em discussões que analisam a competição em perspectiva sociocultural. Utilizou-se as bases de dados: Scielo; SCOPUS; Redalyc; WorldCat; Latindex; Taylor & Francis Online; Periódicos CAPES. Os descritores de busca utilizados nos três idiomas (português, espanhol e inglês) foram as traduções equivalentes a: Jogos Pan-Americanos AND história; Jogos Pan-Americanos AND sociocultural; Jogos Pan-Americanos AND sociologia; Jogos Pan-Americanos AND sociedade no período de março de 2024 a março de 2025.

Quadro 4 - Produção acadêmica histórica e sociocultural sobre o Pan



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A busca resultou na seleção de 41 artigos (Apêndice A; Apêndice B). A publicação mais antiga é de 1987 e a mais recente de 2024. 3 artigos foram publicados entre 1987 a 2000;

15 artigos foram publicados entre 2001 e 2015; e 23 artigos foram publicados entre 2016 e 2024. Do total de artigos, 24 estão publicados em língua inglesa.¹⁸

O Pan é o maior evento multiesportivo que acontece nas Américas. É permeado por sujeitos, instituições, práticas, rituais e símbolos, que transpõem as atividades tão somente competitivas. Apesar disso, esses longevos Jogos passaram por pouco escrutínio acadêmico sobre sua historicidade e desdobramentos do ponto de vista sociocultural, considerando o número total de artigos encontrados.

A primeira edição dos Jogos Pan-Americanos, em 1951, na cidade de Buenos Aires, contou com a participação de 21 países e 18 modalidades (Prodanov; Oliveira, 2018). A delegação da Argentina terminou estes jogos na liderança do quadro de medalhas, conquistando 150 pódios, sendo 68 medalhas de ouro, 44 de prata e 38 de bronze. Contudo, expectativas iniciais apontavam os atletas estadunidenses como principais favoritos às medalhas na competição (Elsey, 2018).

Nesse contexto, o desempenho abaixo do esperado dos Estados Unidos nesta edição do evento provocou diversas interpretações dos jornalistas, atletas, treinadores e sociedade civil estadunidense. O escritor John Cassidy destacou que, de alguma forma, os argentinos admiravam e buscavam imitar o ideal britânico de espírito esportivo. No entanto, ele complementa que essa imitação carecia de ingredientes básicos, como um amor pela ordem e estabilidade, valores abraçados pelos EUA e pelas nações da Europa Ocidental (Elsey, 2018).

Vitórias de brasileiros e argentinos foram celebradas com ensejo e viraram capa de edições das revistas esportivas da época, demonstrando grande surpresa sob o feito (Oselame, 2016). O chefe da delegação brasileira comunicou que os concorrentes do Brasil eram as outras nações sul-americanas, visto a supremacia inquestionável dos EUA (Oselame, 2016).

Os II Jogos Pan-Americanos aconteceram na cidade do México, em 1955. O governo mexicano compreendia os esportes e seus eventos como oportunidades para a unificação da população, regeneração da raça nacional, prestígio mundial, modernização (Aberna, 2001) e divulgação de um “sonho americano” próprio (Quiros, 2016 p.7). Segundo Quiros (2016, p.14), a percepção do México como “um país estereotipado a tempos como atrasado, sem lei e subdesenvolvido” em visão principalmente de estrangeiros europeus e estadunidenses, foi reelaborado pelos visitantes por seu crescimento e realização dos jogos. Inclusive, sendo uma

¹⁸ Kidd e Torres (2018) inauguraram a historicização dos Jogos Pan-Americanos em formato de livro, contando com autores de vários países e com focos em diferentes territórios, com capítulos sobre Porto Rico, Brasil e Colômbia.

edição elogiada por Brundage em cumprir rigorosamente as regras do COI e propagar o amadorismo, com créditos a líderes esportivos mexicanos, entre eles José Clark Flores, presidente da *PanAm Sports* em 1951-1955 e 1959-1971.

Destacou-se ainda, o amplo poder do COI sob o controle dos Jogos, que conduzia a ideia de um evento independente. Após a inserção de dirigentes escolhidos pelo governo ao Comitê Olímpico Cubano, o COI declarou a proibição de diversas federações esportivas do país nos Jogos Pan-Americanos de 1955, encorajando a *PanAm Sports* a aplicar as regras de forma mais rigorosa. Por outro lado, Porto Rico desfilou pela primeira vez, de forma oficial, com sua bandeira nacional e participou do Pan como uma nação separada à delegação dos EUA (Sotomayor, 2016).

A participação da Jamaica e Porto Rico em eventos esportivos regionais e internacionais desde 1930, respectivamente, enquanto colônias da Grã-Bretanha e dos EUA (Sotomayor, 2016), produziu discursos de identidades nacionais fortalecendo ações para desconstrução das relações de poder estabelecidas pelos colonizadores. Por exemplo, no contexto do Pan, ambas as nações tiveram sua participação nos eventos com delegações independentes. O território da Jamaica foi apresentado como nação independente em 1962 (National Library of Jamaica, 2025). Porto Rico, por sua vez, é denominado como território não incorporado dos Estados Unidos e classificado como um Estado Livre Associado. Diante disso, apesar de apresentar um próprio governo, o território permanece subordinado à soberania e às decisões do Congresso dos Estados Unidos (Puerto Rico Report, 2026).

O Pan de 1959 foi apoiado por líderes esportivos estadunidenses, a exemplo do ex-presidente da *PanAm Sports*, Doug Roby (1955-59), que revelou uma veemente confiança da organização dos Jogos pelo Estados Unidos e previa um grande sucesso deste evento, pois seriam realizados em local de bases fortes e estáveis. Sediado na cidade de Chicago, José Clark Flores se colocou à disposição para ajudar na organização do evento (Silva dos Santos, 2022).

Entretanto, o processo organizacional foi marcado por dificuldades, incluindo falhas administrativas e baixos investimentos, colocando em dúvida a própria realização dos Jogos. Esse cenário gerou preocupações entre dirigentes esportivos, especialmente Avery Brundage, que demonstrou insatisfação com os rumos da organização (Silva dos Santos, 2015). De acordo com MacAloon (2016), durante o evento verificou-se críticas e questionamentos, que

envolviam desde a contagem de medalhas¹⁹ entre estadunidenses e latino-americanos até a qualidade dos investimentos e das estruturas disponibilizadas para a competição.

A busca por redução de custos, baixo orçamento, distantes instalações e um programa de entretenimento da Vila Olímpica marcada por elementos “tipicamente americanos” ocasionaram muitas reclamações de atletas e dirigentes (MacAloon, 2016, p.14). Fato é que as edições anteriores do Pan foram marcadas por desconfianças da capacidade de cidades latino-americanas sediar eventos esportivos de grande porte. Contudo, Chicago, apesar da grande expectativa gerada em torno de sua participação como sede, demonstrou baixo comprometimento e mobilização institucional, segundo MacAloon (2016).

No que se refere às edições do Pan de 1963 (São Paulo, Brasil) e 1967 (Winnipeg, Canadá), observou-se que debates em panorama sociocultural destes eventos foram encontrados, principalmente, aglutinados a produções acadêmicas que apresentavam discussões de outros megaeventos esportivos ou edições sediadas no Brasil e no Canadá. O estudo de Malaia Santos (2014), por exemplo, utiliza como objeto de pesquisa a Copa Sul-Americana de Futebol de 1919, os Jogos Sul-Americanos de 1922, a Copa do Mundo de Futebol de 1950, os Jogos Pan-Americanos de 1963, os Jogos Sul-Americanos de 2002, os Jogos Pan-Americanos de 2007, a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016. Neste trabalho, examinaram-se os processos de candidatura, o planejamento de megaeventos esportivos internacionais no Brasil e as relações entre governos e a política externa do país. Field e Kidd (2016), por sua vez, se concentraram na análise das edições do Pan sediadas no Canadá, especificamente aquelas realizadas em Winnipeg nos anos de 1967 e 1999, e em Toronto, 2015.

Ao verificar fontes externas, particularmente canais digitais de informação (jornais e revistas) e o site do Comitê Olímpico do Brasil, foi possível identificar registros adicionais acerca da realização dos IV Jogos Pan-Americanos. Segundo o Comitê Olímpico Internacional²⁰, a cerimônia de abertura teve início em Brasília. Na ocasião, a chama pan-americana foi acesa por um grupo de populações originárias da comunidade indígena

¹⁹ A contagem oficial de medalhas da *Panam Sports* foi contestada. Embora não existir um ranking oficial, também coexistiram duas formas distintas de classificação: na América Latina, a partir do número de medalhas de ouro, com liderança dos Estados Unidos (122), seguidos por Argentina (9), Brasil (8), Canadá (7) e México (6); já na perspectiva estadunidense, a classificação era realizada pelo total de medalhas, posicionando-se as nações da seguinte forma: Estados Unidos (249) Canadá (56), Argentina (43), México (30) e Brasil (22) (MacAloon, 2016, p.13).

²⁰ COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL. **São Paulo 1963**. Disponível em: <https://www.cob.org.br/time-brasil/participacoes/3546-sao-paulo>. Acesso em: 30 jan. 2026.

Carajás, utilizando um método tradicional de seu povo para o acendimento do fogo, ao som da obra “Canto do Pagé”, composta por Heitor Villa-Lobos. Após o acendimento, a chama percorreu diferentes cidades brasileiras até chegar à cidade de São Paulo, sendo conduzida ao Estádio do Pacaembu pelo velocista José Telles da Conceição.

Além disso, a Vila Pan-Americana foi construída na Cidade Universitária da Universidade de São Paulo (USP), campus Butantã²¹, hospedando os atletas participantes destes Jogos. Posteriormente, o local foi incorporado à estrutura universitária e passou a ser utilizado como residência estudantil.

No que se refere ao evento em 1967, sediado em Winnipeg, dirigentes esportivos e líderes do governo canadense, diferentemente dos países da América Latina, não se preocuparam em demonstrar suas competências e ideais de progressos frente à capacidade de sediar os Jogos e sua “nação moderna”. Conforme aponta Field e Kidd (2016), o intuito principal destes Jogos foi fomentar oportunidades de divulgação e práticas competitivas por meio de investimentos em infraestrutura e visualização do evento à população local.

Em 1971, a cidade escolhida para sediar os Jogos foi Cali, na Colômbia. Sheinin (2016, p.147) sinalizou em seu estudo que “os jogos deveriam funcionar como uma vitrine e refletir o melhor do planejamento urbano progressista latinoamericano, inspirado na Europa e nos Estados Unidos”. Os organizadores do Pan em Cali e a elite local perceberam no Pan uma possibilidade de visualização do país como pertencente às “nações modernas” (Sheinin, 2016). O evento proporcionou uma forte presença estrangeira econômica na Colômbia, principalmente estadunidense, que contribuíram para a entrada de empresas e fortalecimento de uma ligação cultural entre elite nacional e modernidade estadunidense (Sheinin, 2016 p.147).

O governo colombiano buscou construir uma ideia de modernidade atravessada tanto por investimentos financeiros em empresas e arquiteturas que refletiam os EUA quanto pela tentativa de apagamento da participação das classes populares. Estruturas construídas para os Jogos como o Coliseu e o velódromo em nada simbolizava a cultura colombiana (Sheinin, 2016, p.158).

Todavia, no estudo de Sheinin (2016) verificou-se resistência de colombianos acerca da imagem veiculada por dirigentes e elite política do país. Denunciou-se a incoerência da

²¹ BONAGAMBA, Tito José. **Jogos Pan-Americanos de 1963**: uma importante celebração dentro dos 90 anos da USP. Jornal da USP - São Paulo, 17 jan. 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/jogos-pan-americanos-de-1963-uma-importante-celebracao-dentro-dos-90-anos-da-usp/>. Acesso em: 30 jan. 2026.

construção de selos de divulgação do Jogos com a figura de um corredor negro carregando a tocha, sorrindo, e com aspectos da cultura popular regional caribenha, ao passo que o cartão postal que retratava a delegação colombiana não apresentava nenhum atleta afro-colombiano em destaque (Sheinin, 2016). Além disso, outro instrumento de denúncia foi o cinema. Narrativas cinematográficas abordaram, ainda que de forma sutil, hierarquias sociais de classe e raça em Cali, tensionando a imagem e discursos de modernização associados à celebração dos Jogos, ao mesmo tempo que invisibilizada a realidade desigual vivida por classes populares da cidade (Sheinin, 2016).

O Pan de 1979 aconteceu em Porto Rico, reunindo o maior número de atletas e delegações da história do evento até então. Contudo, destacou-se durante estes jogos, a circulação de debates em torno da política colonial do território. As tensões políticas se amplificaram quando o Governador Romero Barceló, decidiu utilizar como símbolos de representação nacional, as bandeiras de Porto Rico e Estados Unidos na cerimônia de abertura dos Jogos. Nesse contexto, a ação foi interpretada como uma tentativa de enfraquecimento da identidade nacional e olímpica de Porto Rico, culminando na rejeição pública por milhares de porto-riquenhos (Sotomayor, 2016).

A busca por uma representação esportiva autônoma de Porto Rico constitui-se como pauta nas reuniões da *PanAm Sports*. Dirigentes esportivos vinculados à organização, principalmente representantes do COA, pressionaram a participação de Porto Rico como nação independente desde a primeira edição dos Jogos. Conforme indicado por Sotomayor (2016, p.96) “de tempos em tempos tem havido discussões sobre a posição de colônias, como Jamaica, Trinidad, Curaçao, Porto Rico, Guiana Inglesa, etc. no Comitê Deportivo Panamericano.” Como desdobramento dessas discussões, evidenciou-se o papel de subordinação destes territórios e foi definido que poderiam ser aceitos como membros associados, com direito à voz, mas sem direito a voto. A constituição atual da organização reconhece Porto Rico, Jamaica, Trinidad & Tobago e Guiana como membros votantes (Pan-American Sports Organization, 2020, p.7).

A IX edição dos Jogos Pan-Americanos foi realizada em 1983, na cidade de Caracas, Venezuela. O evento apresentou diversas narrativas negativas relacionadas às estruturas inacabadas para a realização da competição (Todd; Rossenke, 2018). No entanto, Todd e Rossenk (2018) identificaram concepções de inferioridade e incapacidade atribuídas a países latino-americanos em meio ao evento, percebendo-se problemas organizacionais como uma condição "esperada". Por exemplo, o artigo cita falas da atleta estadunidense de arremesso de

peso e lançamento de disco Lorna Griffin em entrevista concedida à autora Todd, ressaltando que já havia realizado várias viagens e previamente sabia que “o mundo não se parecia com a América”, apesar disso, surpreendeu-se por encontrar muitos locais ainda em construção (Todd; Rossenke, 2018, p.181).

Similarmente, o presidente do Comitê Olímpico dos EUA durante o período, William Simon, indicou que os atletas estadunidenses compreendiam a operacionalização em ritmos diferentes entre países da América Latina e EUA, portanto, deveriam aceitar as condições existentes (Todd; Rossenke, 2018).

No Pan de 1991, realizado em Havana - Cuba, observou-se narrativas sustentadas por concepções de subordinação e incapacidade de países latino-americanos frente aos EUA. Apesar dos tensionamentos políticos entre Cuba e EUA, circulavam-se discursos pelo Comitê Olímpico estadunidense sobre as preocupações com a viabilidade econômica para a execução dos Jogos (Carter, 2018).

Embora houvesse narrativas midiáticas questionando a capacidade de Cuba em sediar os Jogos, a escolha de Havana para a realização da competição foi celebrada por líderes esportivos e políticos do país (Carter, 2018). É válido destacar que nenhuma empresa estadunidense participou da organização e infraestrutura do evento. Diante deste cenário, o Pan de Havana foi marcado tanto por tensionamentos políticos, influenciados pelo contexto da Guerra Fria e divisão ideológica entre capitalismo/socialismo quanto pela conquista do maior número de medalhas pela delegação de Cuba dentre todas as equipes, na competição (Carter, 2018).

Os Jogos de 1995 em Mar del Plata - Argentina, não receberam tanto interesse e escrutínio acadêmico em perspectiva sociocultural quanto os Jogos de inauguração do Pan em 1951. Durante o período de consolidação do Pan, mesmo que permeados por conflitos geopolíticos intra-americanos e estrangeiros após o contexto da II Guerra Mundial, Guerra Fria e estabelecimento da hegemonia estadunidense (Wallerstein, 2001), nota-se uma limitada produção científica em panoramas sócio-históricos do evento. O trabalho de Ivo Tavares (2004) procurou identificar os principais impactos socioeconômicos para as cidades decorrentes da realização dos Jogos Pan-americanos, dentre eles o Pan de Mar del Plata 1995.

Similarmente, identificou-se dificuldades de acesso, sob panorama histórico e sociocultural, à produção científica relacionada aos Jogos Pan-Americanos de 1999 e 2003, a partir do levantamento e material selecionado para análise. O Pan de 1999 aconteceu em Winnipeg, Canadá e reuniu 42 delegações entre os dias 23 de Julho e 8 de Agosto. Os Jogos

realizados em 2003 ocorreram entre os dias 1 a 17 de agosto, e apresentaram como cidade-sede Santo Domingo, República Dominicana. O evento contou com a participação de 42 delegações independentes e 2 delegações convidadas, Martinica e Guadalupe (Panam Sports, 2003). Não foram encontradas produções acadêmicas específicas sobre tais edições. Diante disso, por ausência de dados documentais disponíveis, não foi possível explorar a presença das nações de Guadalupe e Martinica nestes Jogos. Contudo, trata-se de uma considerável via para exame desta edição, considerando que ambos os territórios constituem a condição de departamentos ultramarinos da França (país colonizador), despertando questões relevantes para futuras investigações.

Constata-se um maior número de estudos dedicados a estas discussões no Pan de 2007 (Brasil), que totalizaram 13 artigos encontrados após a etapa de levantamento da produção acadêmica, a maioria em Língua Portuguesa.

Nos Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro, alguns trabalhos denunciaram desde a tentativa de esconder a violência colonial em seus moldes formais ecoada no País às afirmações sobre as suas capacidades em sediar um megaevento esportivo global, como os Jogos Olímpicos, a partir da organização do Pan (Ferreira; Costa, 2008; Santos; Alves, 2010; Egler; Oliveira, 2010; Mezzaroba; Pires, 2011; Oliveira, 2011; Miagusko, 2012, Abrahão; Soares, 2015; Nothen, 2018).

Os estudos de Miagusko (2012), Abrahão e Soares (2015) e Nothen (2018) revelam que a realização do Pan foi um momento decisivo para o Brasil ser considerado apto a organizar e sediar os Jogos Olímpicos. Estas produções sinalizam as dificuldades para legitimar a competência de países latino-americanos para sediar eventos no cenário internacional.

No que se refere à divulgação da identidade nacional para as Américas e para o mundo, o governo brasileiro solicitou a construção da imagem de um “país moderno, que não ficasse uma coisa folclórica, que mostrasse que o Brasil é um país capaz de fazer um show contemporâneo” (Abrahão; Soares, 2015, p.337). Discursos políticos e televisivos exibiram mensagens de uma nação em harmonia e união, a partir de uma trama simbólica-ideológica que celebrou o “exótico” e a “mestiçagem” como parte da cultura e essência brasileira (Ferreira; Costa, 2008; Santos; Alves, 2010; Mezzaroba; Pires, 2011; Miagusko, 2012, Abrahão; Soares, 2015; Nothen, 2018).

Um exemplo desse enredo é observado na narrativa identitária do mascote dos Jogos, “Cauê”. O personagem é representado pela figura do Sol com o nome em referência a língua

Tupi e, está envolto a um discurso que prestigia a mestiçagem como um espaço da formação nacional (Ferreira e Costa, 2008; Mezzaroba; Pires, 2010; Abrahão; Soares, 2015). Filho de Amanda, uma mulher branca de origem francesa, e do cacique Ararê, sua história é produzida numa lógica de operacionalizar valores como alegria, hospitalidade e integração cultural, enquanto neutraliza e apaga o atroz passado de colonização e escravidão no país.

Além disso, verifica-se que na procura da fabricação de um retrato do Brasil como uma nova nação - que “superou” sua história colonial, e na contemporaneidade, vislumbra-se de espaço moderno, civilizado e globalizado -, foi gerado um processo de gentrificação e higienização de várias áreas da cidade do Rio de Janeiro (Jesus, 2007; Egler; Oliveira, 2010; Abrahão; Soares, 2015; Nothen, 2018).

Por outro lado, o Pan de 2015, realizado em Toronto (Canadá), pouco se concentrou na relação da cidade e país com as Américas e com o mundo. De acordo com Field e Kidd (2016), a principal motivação para Toronto ser sede destes Jogos foi por investimentos e revitalização dos seus espaços esportivos, além de promover sentimentos de emoção e honra nacional para a população canadense gerados pelas grandes competições. Diferentemente do cenário latino-americano, a região localizada no Norte-global não passou, novamente, por desconfianças e estereótipos quanto à sua capacidade financeira e organizacional. Por sua vez, o Canadá não se preocupou em afirmar sua posição de nação moderna e competente no cenário internacional (Field; Kidd, 2016).

Em 2019 aconteceram os XVIII Jogos Pan-Americanos, em Lima, no Peru. No processo de planejamento urbano dedicado à viabilização do evento, os governos de Lima e Callao firmaram acordos com empresas internacionais, que inclusive, as garantiam liberdade nas deliberações de projetos urbanos, sob a justificativa da promoção de transferência de conhecimentos. Segundo Urriola (2022, p.509) “as cidades envolveram-se no discurso construído pelos gestores, que, em consenso, afirmam que Lima e Callao deveriam se mostrar no disputado mercado internacional das cidades”. Essa estratégia foi ancorada em uma retórica patriótica, da construção de uma nova identidade simbólica para a população de Lima, ao mesmo tempo em que promovia internacionalmente elementos da cultura e tradição local (Urriola, 2022).

A mais recente edição do Pan aconteceu em 2023, na cidade de Santiago, no Chile. Observa-se que os Jogos no Chile, sobretudo em seus discursos, pareceu ter buscado o propósito de exhibir para o cenário das Américas e mundial que é um país de identidades múltiplas, que se formou ao longo dos anos por um processo de “integração” associado à

colonização (Silva dos Santos et. al., 2024). Um exemplo da materialidade disso é observável no estudo de Silva dos Santos et. al. (2024, p.129-130), em que nas apresentações artísticas da cerimônia de abertura, a atriz chilena Amparo Noguera recitou poemas de Pablo Neruda, evidenciando o país como uma nação tradicionalmente percebida como “fim do mundo”, produziu uma narrativa de que o Pan é uma oportunidade de reconstrução deste olhar, na qual assinala-se, na declamação da atriz que, “O Chile, a terra mais ao sul, é agora e é o futuro. O Chile é onde o mundo começa”.

4. FACE OCULTA: AS CERIMÔNIAS DE ABERTURA DO PAN POR LENTES DA COLONIALIDADE E DECOLONIALIDADE

Este capítulo apresenta os resultados produzidos a partir da análise das cerimônias de abertura dos Jogos Pan-Americanos de 2007, 2011, 2015, 2019 e 2023, orientada pelo referencial colonial/decolonial e pelo paradigma indiciário. A operacionalização desse percurso metodológico possibilitou a identificação de vestígios, recorrências e tensões que, interpretados à luz do referencial teórico adotado, estabelecem interlocução com os debates acerca da colonialidade e da decolonialidade nas Américas.

Assim, a partir da catalogação e exame do material empírico, procedeu-se uma descrição interpretativa, identificando indícios expressos tanto nas performances artístico-culturais quanto nos discursos institucionais que compõem as cerimônias. Embora esse paradigma não pressuponha categorias prévias, a leitura atenta dos indícios permitiu identificar recorrências simbólicas e regularidades expressivas que, posteriormente, foram organizadas em quatro tópicos, elaborados como recursos para sistematizar os resultados e evidenciar as representações culturais, simbólicas, ideológicas e identitárias observadas. Os tópicos são: 4.1 Formações simbólicas de integração, harmonia e união; 4.2 Indícios de pacificidade, hierarquização e narrativas de legitimação da nação moderna; 4.3 Entre o folclórico e o contemporâneo: indícios de distanciamento da atualidade dos povos originários; 4.4 Indícios de valorização local sob leitura decolonial.

Durante o processo investigativo, orientado pelo paradigma indiciário (Ginzburg, 1989), a análise do material audiovisual foi articulada a fontes complementares, como plataformas digitais, registros documentais e materiais informativos disponíveis, devidamente referenciados. Nessa perspectiva, os dados empíricos foram tratados como vestígios a serem interpretados a partir de diferentes níveis de legibilidade e cruzamento de pistas.

Em determinados momentos, mesmo com a consulta a tais fontes complementares, não foi possível identificar com precisão grupos étnicos, povos ou comunidades específicas representadas nas encenações, sendo reconhecível apenas sua inscrição em termos de pertencimento nacional ou regional mais amplo. Nesses casos, adotou-se a nomenclatura “povos originários” ou “nativos” como recurso descritivo, evitando atribuições identitárias não verificáveis no conjunto de indícios disponíveis.

Por outro lado, em outros trechos do *corpus*, a triangulação entre registros audiovisuais e fontes complementares permitiu ampliar a legibilidade dos vestígios,

possibilitando a interpretação de discursos, performances e representações dos sujeitos envolvidos nas cerimônias.

Não foi possível acessar integralmente os Guias de Mídia (*media guides*) das cerimônias de abertura produzidas pelos Comitês Organizadores para as emissoras televisivas e plataformas digitais responsáveis pela transmissão das cerimônias. Esses documentos apresentam informações detalhadas sobre a organização do cerimonial, a composição das apresentações e os significados relacionados a cada momento da cerimônia. Apesar desta limitação, a articulação entre os registros audiovisuais, a literatura acadêmica e análise de materiais disponíveis em plataformas digitais e *sites* informativos possibilitou a identificação e discussão sobre colonialidade e decolonialidade a partir das cerimônias de abertura dos Jogos Pan-Americanos.

4.1 FORMAÇÕES SIMBÓLICAS DE INTEGRAÇÃO, HARMONIA E UNIÃO

As cerimônias de abertura realizadas em 2007, 2015, 2019 e 2023 mobilizaram narrativas de harmonia e união em suas apresentações e discursos. A cerimônia de Guadalajara 2011, em específico, não apresentou nitidamente construções narrativas que permitissem sua inserção nessa dimensão analítica.

Fato é que, ao associar diferentes costumes, práticas e referências culturais entre colonizados e colonizadores, as cerimônias promovem uma ideia de integração, apresentando a diversidade como elemento constitutivo e positivamente valorizado na composição da identidade nacional. É ponto comum entre as cerimônias analisadas o fato de que invisibilizam ou amenizam narrativas dos processos de invasão, violência e expropriações sofridas pelos povos originários em decorrência do colonialismo.

No Pan do Rio 2007, identificou-se momentos que reforçam sentimentos de unidade, partilha e identidade nacional produzida coletivamente, a partir de narrativas simbólicas, inclusive na música-tema desta edição. As performances artísticas reunidas nesta cerimônia se organizaram a partir de temáticas dedicadas a construções simbólicas associadas a representações de “energias”, denominadas como, “Energia do Sol”, “Energia da Fauna e Flora brasileira”, “Energia das Águas” e “Energia dos Homens”. Essa perspectiva também se manifesta na música-tema dos Jogos, intitulada Viva essa Energia:

[...] Viva essa energia

Viva essa energia
 Todo mundo junto
 Como o céu e o mar

Branços de uma tribo anglo-saxã
 Bárbaros ibéricos e filhos de tupã
 Incas e astecas, ianomâmis e tupis
 Comanches, pataxós, apaches, guaranis

Ketu e Angola, Jeje, Nagô e Yorùbá
 Gente do oriente, filhos de alah
 Todos vieram à beira da praia pra saudar
 O amor de Guaracy e iemanjá [...].

Exibiu-se uma forte direção de integração e união mundial dentro do cenário brasileiro. Evidenciaram-se referências a diferentes povos originários das Américas como os povos tupi, ao referir-se aos “filhos de Tupã” (Schwamborn, 1998). Como demonstra Monteiro (2001), o termo “tupi” não designa um grupo homogêneo, mas um conjunto amplo de povos de mesma matriz linguística que desempenharam papel central na formação histórica e simbólica do Brasil. A música também menciona comunidades da América do Sul e Central, como incas, astecas, ianomâmis, pataxós e guaranis²², bem como povos originários da América do Norte, os comanches e apaches²³ (Lahti, 2020), compondo um mosaico que demonstra a ideia de ancestralidade compartilhada.

Posteriormente, são citadas as nações de Ketu, Angola e Jeje, cada uma associada a diferentes regiões e povos do continente africano, constitutivas do Candomblé no Brasil. Os termos Yorùbá e Nagô relacionam-se a povos, línguas e tradições derivadas principalmente da região nigero-congolesa e partes de Benin do continente africano, vinculados à tradição yorubá, popularmente disseminada no Brasil pela denominação Nagô (Gaia; Vitória, 2021).

²² Incas e astecas foram grandes civilizações indígenas da América pré-colombiana, que floresceram entre os séculos XIV e XVI, respectivamente nas regiões dos Andes (atual Peru e países vizinhos) e da Mesoamérica (atual México) (Bezerra de Oliveira, 2007). Já os ianomâmis, pataxós e guaranis são povos indígenas que habitam o território brasileiro e áreas próximas até os dias atuais: os ianomâmis vivem principalmente na Amazônia, entre Brasil e Venezuela; os pataxós concentram-se no sul da Bahia e norte de Minas Gerais; e os guaranis distribuem-se por diversas regiões do Brasil, além de Paraguai, Argentina e Bolívia. Assim, esses povos pertencem a contextos históricos, culturais e geográficos distintos, embora todos integrem a diversidade dos povos originários das Américas.(Schwamborn, 1998; Coelho, 2011).

²³ Os comanches e os apaches são povos indígenas da América do Norte. Historicamente, ocuparam extensas áreas das Grandes Planícies e do sudoeste dos atuais Estados Unidos e norte do México, especialmente entre os séculos XVII e XIX. Os comanches destacaram-se pelo domínio da cavalaria e pelo controle de importantes rotas nas planícies centrais, enquanto os apaches compreendem diversos grupos culturalmente relacionados que habitaram regiões áridas e montanhosas. Ambos continuam existindo na atualidade, organizados em comunidades e nações indígenas reconhecidas, preservando aspectos de suas tradições, línguas e identidades culturais (Carlisle, 2020).

Além disso, a música-tema se aproxima simbolicamente ao Oriente Médio ao mencionar os “filhos de Alá”, elementos associados à tradição islâmica e às populações árabes. Outro ponto presente neste momento é a associação entre cosmologias religiosas de diferentes matrizes culturais, evidenciada nas referências a Guaraci e Iemanjá. Guaraci se vincula às tradições tupi-guarani, e é uma divindade solar associada à luz, à criação, à ordem e à vida (Galante, 2022). Iemanjá é proveniente da tradição religiosa yorubá de matriz africana, e corresponde a uma divindade relacionada às águas salgadas e ao oceano (Paula; Andrade, 2023).

Em outro trecho da música, são exibidas ligações com grupos migratórios europeus, como em “brancos de uma tribo anglo-saxã” e “bárbaros ibéricos”. O termo anglo-saxão, historicamente, refere-se a povos germânicos que se estabeleceram na Grã-Bretanha a partir do século V (Reynolds, 1985). No contexto da formação continental, existe uma classificação em que divide “América Latina” e “América Anglo-Saxônica”. Em meados do século XIX, as Américas passaram a ser segmentadas menos de acordo com os Estados-nação emergentes e mais a partir de suas heranças imperiais, que posicionou a América Latina no Sul e a América Anglo-Saxônica no Norte, nesta nova configuração do Hemisfério Ocidental (Mignolo, 2007). A partir deste panorama, as ideias de “América Latina” e “América Anglo-Saxônica” funcionam como mecanismos de enquadramento da subjetividade, delimitando identidades coletivas por meio de referenciais herdados da modernidade colonial.

Figura 1- América Latina e América Anglo-Saxônica



Fonte: Gerado por Inteligência Artificial (2026)²⁴

Segundo Mignolo (2007, p.20), “a América, como continente e povo, foi considerada inferior nas narrativas europeias desde o século XVI até que a ideia fosse remodelada nos EUA, quando a América “Latina” assumiu o papel inferior”. A noção de América Latina surge então, como parte de um projeto que buscava reafirmar a continuidade da civilização europeia no continente americano. Nessa perspectiva, as categorias não emergiram das experiências e reivindicações de povos subalternizados da região, mas foi elaborada por elites criollas, descendentes de europeus nascidos nas Américas, em tensões com a América denominada Anglo-Saxã, no contexto da reorganização geopolítica do mundo pós-independência (Mignolo, 2007).

Os povos ibéricos correspondem aos habitantes originários da Península Ibérica, inclusive portugueses e espanhóis, principais invasores e colonizadores da América Latina a partir do século XV (Funari, 2020).

Figura 2 - Península Ibérica



Fonte: Gerado por Inteligência Artificial (2026)²⁵

²⁴ Gerado por ChatGPT (2026) a partir do *prompt* “Faça um Mapa referente à América Latina e Anglo-Saxônica, de acordo com o texto de Mignolo anexado à esta mensagem”.

²⁵ Gerado por ChatGPT (2026) a partir do *prompt* “Faça um Mapa referente à Península Ibérica, região geográfica localizada no sudoeste da Europa, banhada pelo Oceano Atlântico a oeste e norte, e pelo Mar Mediterrâneo a leste e sul. Constitui-se principalmente de Espanha e Portugal, além de Andorra e o território de Gibraltar”

Os impérios ibéricos instituíram estruturas administrativas, religiosas e linguísticas que moldaram a configuração sociopolítica do continente (Maia; Farias, 2020). Contudo, a chegada de ibéricos às Américas foi marcada por um processo violento de dominação colonial, que repercutiu na subordinação de povos, a marginalização de seus saberes, línguas e formas de existência, associado à imposição de uma racionalidade eurocêntrica como parâmetro universal de conhecimento e humanidade (Mignolo, 2007). Dessa forma, a colonização inaugurou uma estrutura epistêmica e política de poder que estabeleceu hierarquias globais entre saberes, seres e culturas, classificando populações das Américas como inferiores, instaurando como legítimo os processos de exploração e exclusão destes sujeitos (Quijano, 2000)

Apesar disso, elaborou-se uma narrativa marcada pela identidade multicultural no território brasileiro durante o evento. A música-tema do Pan de 2007 reforça o senso de integração, harmonia e união, ao mesmo tempo que reproduz um panorama de miscigenação, marginalizando processos de invasão, violência e expropriações sofridas por povos nativos em decorrência do colonialismo. O estudo de Abrahão e Soares (2015) analisou as representações da identidade brasileira na cerimônia de abertura dos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro 2007, e também identificou uma construção simbólica do Brasil a partir da exaltação de um povo multiétnico marcada pela harmonia e pela pacificidade.

Em outros megaeventos realizados no Brasil após os Jogos Pan-Americanos de 2007, também foram identificadas representações orientadas pela ideia de integração e diversidade dos povos, frequentemente acompanhadas pela minimização ou apagamento dos processos coloniais. Na cerimônia de abertura da Copa do Mundo FIFA de 2014, por exemplo, a narrativa foi estruturada em quatro atos performáticos dedicados à “natureza brasileira, à diversidade da civilização nacional, ao futebol e à sociedade brasileira, e à música oficial do evento” (Malanski, 2019, p.218).

Nesse contexto, os povos originários, sem referência a uma cultura específica, apareceram brevemente ao final do primeiro ato, desempenhando principalmente uma função de transição entre a representação da natureza brasileira e a da diversidade cultural nacional. Segundo Malanski (2019), essa posição simbólica os situou entre a natureza e a civilização, reforçando a ideia de povos “primitivos” ou não plenamente integrados à modernidade. Além disso, sua representação navegando por um rio contribuiu para associá-los a uma condição transitória na história nacional, como grupos nômades vinculados à natureza e deslocados do Brasil contemporâneo.

A cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016 apresentou uma narrativa que reconheceu a violência decorrente do colonialismo, mas manteve a colonização como marco fundador da nação e “desenvolvimento da era moderna” (Malanski, 2019, p. 221). De acordo com Malanski (2019), a cerimônia buscou fundamentar-se em uma perspectiva modernista que retratava povos nativos como protagonistas de um Brasil caracterizado por um espaço de diversidade e integração entre diferentes culturas.

Similarmente às construções imaginárias de integração e cooperação entre colonizados e colonizadores na construção de identidade da nação, observou-se no Pan de Toronto 2015, uma narrativa de exaltação do processo migratório e da união entre os povos nos discursos do Diretor Executivo do Comitê Organizador destes Jogos, Saad Rafi:

As Américas e o Caribe são um lugar muito especial. A rica herança dos povos indígenas perdurou. Culturas e tradições de todo o mundo vieram para cá e floresceram. Fortes identidades nacionais emergiram e agora influenciam o mundo (Tradução nossa)²⁶.

Pesquisadores canadenses apontam que o país historicamente mobiliza uma narrativa de continuidade e reverência à Coroa britânica como parte de seu projeto identitário, sobretudo em eventos públicos de grande visibilidade (Forsyth et al, 2023). A colonização do Canadá teve as suas particularidades. Iniciada pela ocupação francesa no século XVI e consolidada sob domínio britânico após 1763, caracterizou-se por um colonialismo de assentamento (*settler colonialism*), marcado pela ocupação do território e pela substituição progressiva das populações originárias de diferentes regiões por sociedades de origem europeia. Esse processo envolveu a expropriação de terras, o deslocamento e a marginalização dos povos originários, além da disseminação de doenças e de políticas de assimilação cultural que contribuíram para a consolidação de uma sociedade colonial de base europeia (Wolfe, 2006; Tuck; Yang, 2006).

Esse imaginário monárquico foi reiterado em diferentes momentos do século XX, incluindo o Pan de Winnipeg de 1967 e o Pan de 1999, ambos marcados pela presença de membros da família real, como o então príncipe Charles, cuja participação simbólica funcionou como dispositivo de legitimação da herança britânica no Canadá (Santos, 2015).

²⁶ Texto original: *The Americas and the Caribbean are a very special place. The rich heritage of indigenous people has endured. Cultures and traditions from around the world have come here and flourished. Strong national identities emerged and now influence the world.*

Nota-se que a incorporação de costumes, práticas e produções do conhecimento são celebradas como elemento fundacional das sociedades colonizadas. O processo colonial “produziu narrativas heróicas das origens e os propósitos das instituições modernas” (Maldonado-Torres, 2018, p. 9). A modernidade instituiu uma hierarquização do poder, que posicionou colonizadores como seres superiores, considerando a imposição e aglutinação de sua cultura nas nações colonizadas como interessantes, necessárias e desejáveis para a construção das identidades nacionais (Quijano, 1992; Ballestrin 2013). De acordo com Quijano (2005 p.125) “as mudanças ocorreram em todos os âmbitos da existência social dos povos, e, portanto, de seus membros individuais, tanto na dimensão material como na dimensão subjetiva dessas relações”. Dessa forma, esse padrão de poder mundial, concentrou sob sua hegemonia, o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura e do conhecimento (Mignolo, 2005; Quijano, 2005; Ballestrin, 2013; Maldonado-Torres, 2007).

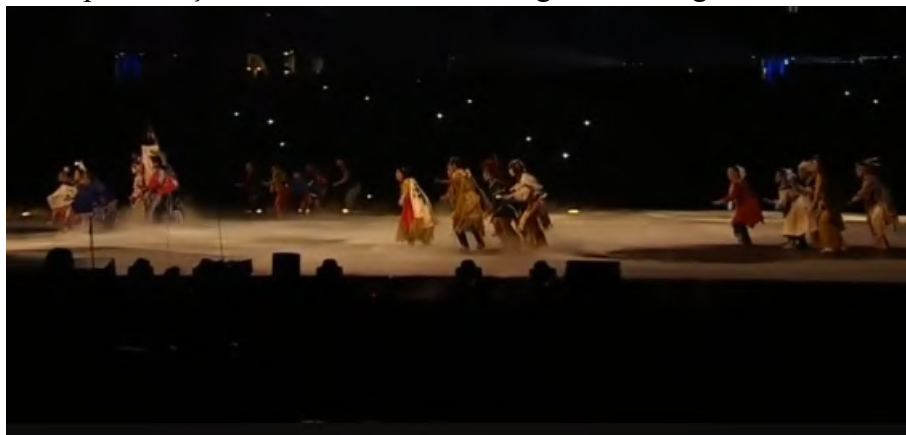
A homogeneização mundial produzida pelo sistema capitalista colonial operou e interferiu de violentas maneiras nos territórios colonizados, engendrados a um sistema de controle, dominação e poder sustentado por uma retórica de modernidade, “nos termos da salvação, do progresso, do desenvolvimento, da modernização e da democracia” (Mignolo, 2011 p.8). Nesse cenário, constituiu-se um campo de sedução em torno dos modos de ser e viver alinhados ao padrão hegemônico do sistema-mundo moderno/colonial, vinculado-se a um falso ideário de integração, harmonia e união. Essa concepção de sistema mundial produziu mecanismos de camuflagem das relações coloniais de poder na América Latina, ocultando processos históricos de exploração, marginalização e apagamento bem como genocídios físico e subjetivo, de povos originários das Américas (Quijano 1992; Maldonado-Torres, 2018; Gomes, 2024).

Nas performances artísticas do evento em 2015 também foi possível notar um senso de formação identitária plural entre colonizados e colonizadores, a partir da representação simbólica de danças tradicionais de diversos lugares do mundo a partir de suas vestimentas, como Brasil (Samba), México (Jarabe Tapatío), França (Quadrille), Inglaterra (Morris dance), Ucrânia (Hopak/gopak) e a região do Oriente Médio (Dança do ventre)²⁷. Estes grupos se uniram à artistas que representavam comunidades aborígenes das regiões de Ontário - Canadá,

²⁷ Mais informações sobre as danças, performances e tradições culturais representadas nesse momento da cerimônia podem ser encontradas em reportagens, registros audiovisuais e materiais de divulgação, disponíveis em: <El Ciudadano Jalisco>; <La Voz del Árabe>; <El Central Media>; <The Globe and Mail>; <National Post>; <Quadrille - French>; <O Nacional – Artes e tradições francesas>; <Danças Típicas – Dança do ventre>; <Dança Hopak - Ucrânia>; <Bitesized Britain – Morris Dancing>; <Cirque Fascination>.

especificamente as comunidades *Mississaugas of the New Credit First Nation*, *Métis Nation of Ontario*, *Six Nations of the Grand River* e *Huron Wendat Nation*²⁸, compartilhando suas danças.

Figura 3 - Representações de comunidades aborígenes das regiões de Ontário, Canadá



Fonte: Youtube ²⁹

Figura 4 - Representações de vestimentas tradicionais de diferentes culturas mundiais



²⁸ Mais informações sobre as comunidades *Mississaugas of the New Credit First Nation*, *Métis Nation of Ontario*, *Six Nations of the Grand River* e *Huron-Wendat Nation* estão disponíveis em: < Mississaugas of the New Credit First Nation >; < Métis Nation of Ontario - Toronto 2015 Games Agreement >; < Six Nations of the Grand River >; < Huron-Wendat Nation >.

²⁹ PUPETMASTERS. **Inauguración Juegos Panamericanos Toronto 2015**. YouTube, 19 jul. 2015. Duração: 2 h 57 min 51 s. Disponível em: <https://youtu.be/N8uJqGnI-d0>. Acesso em: 6 jan. 2026.



Fonte: Youtube³⁰

Figura 5 - Todos unidos ao centro do palco, sob a mesma dança



Fonte: Youtube¹⁴

Essa narrativa unificadora tem relação com a colonialidade. A expansão colonial europeia nas Américas, orientada pela lógica de acumulação de territórios, riquezas e mercados, instaurou um amplo sistema de dominação político-econômica, subordinação e ressignificação violenta das dimensões das culturas e vidas locais (Castro-Gómez, 2005). Este cenário foi produzido a partir da sobreposição de saberes e formas de organização social das sociedades colonizadas por modelos de sociedade constituídos pela dominação eurocêntrica (Mignolo, 2011).

Em 2019, nos Jogos de Lima, grupos de bailarinos encenaram no palco a representação da culinária regional e heranças migratórias. Não foi possível identificar os nomes dos grupos. Mas, surgiram no palco carregando cestas com alimentos e utensílios de cozinha. Os primeiros grupos estavam caracterizados com vestimentas tradicionais das regiões andina e amazônica do Peru. Estas são as duas principais divisões geográficas e ecológicas do Peru, dividindo o país entre a alta cordilheira rochosa e a vasta floresta tropical.

³⁰ PUPETMASTERS. **Inauguración Juegos Panamericanos Toronto 2015**. YouTube, 19 jul. 2015. Duração: 2 h 57 min 51 s. Disponível em: <https://youtu.be/N8uJqGnI-d0>. Acesso em: 6 jan. 2026.

Historicamente, o projeto colonial espanhol centrou o poder na costa (Lima), marginalizando a serra (Andes) e a selva (Amazônia) como territórios "selvagens" ou "atrasados" (Luz, 2020).

Em seguida, outros artistas passaram a integrar a apresentação, incorporando referências aos processos migratórios e às influências orientais e europeias na constituição da culinária e da sociedade peruana. Entre essas representações, destacaram-se personagens utilizando chapéus cônicos associados à cultura chinesa, além de trajes relacionados à comunidade costeira peruana marcada por influências espanholas e elementos vinculados à comunidade japonesa e à culinária *Nikkei*³¹, como vestimentas e peixes utilizados nesta gastronomia.

A ligação entre o Peru e a China foi marcada pela migração em massa de trabalhadores chineses durante o século XIX e, posteriormente, pela consolidação de relações diplomáticas formais entre as duas nações (Zhichang, 2026). No que concerne às influências espanholas no Peru, principalmente àquelas presentes nas regiões costeiras, têm origem no processo de invasão e colonização do território peruano pelos espanhóis no século XVI e fundação de Lima, que se tornou a capital do Vice-Reino do Peru a partir de 1542 (Losano; Parola, 2023).

Além disso, o Peru estabeleceu relações migratórias com o Japão, iniciadas em 1899, com a chegada dos primeiros imigrantes japoneses destinados ao trabalho nas fazendas peruanas, sobretudo nas grandes plantações de cana-de-açúcar localizadas nas regiões costeiras do país (Asociación Peruano Japonesa, 2026). Após a independência peruana, proclamada em 1821, a assinatura do tratado nipo-peruano de 1873 fortaleceu relações consulares entre os dois países. Desde o início desse fluxo migratório, estima-se que a comunidade nipo-peruana tenha alcançado cerca de 160 mil descendentes no País (Losano; Parola, 2023).

Cada grupo trouxe consigo ingredientes, utensílios e/ou elementos culinários. Após a entrada, estes grupos se dirigiram ao centro do palco, no qual havia uma mesa para colocar os alimentos e outros objetos. Ao final da performance surgiu, sobrevoando o palco em uma estrutura suspensa, o chefe de cozinha peruano de ascendência japonesa *Mitsuharu Tsumura*, reconhecido como um dos principais representantes da culinária *Nikkei* no Peru. Ele

³¹ A comunidade *Nikkei* se caracteriza por imigrantes japoneses e seus descendentes residentes fora do Japão. A culinária *Nikkei* no Peru incorpora ingredientes tradicionais da culinária japonesa e peruana na construção e composição de seus pratos (Tanabe, 2010).

supervisionou simbolicamente a mesa formada pelos utensílios e alimentos apresentados ao longo desta parte do espetáculo.

Figura 6 - Representações de atores com vestimentas e alimentos típicos de diferentes nacionalidades





Fonte: Youtube³²

Figura 7 - Mesa ao centro com os alimentos trazidos pelas personagens



Fonte: Youtube¹⁵

Na cerimônia de Santiago 2023, existiu uma ambiguidade entre o reconhecimento de culturas locais e formações identitárias influenciadas pela colonização. Em uma das apresentações artísticas foram anunciados nas telas e legendas da transmissão a participação de grupos folclóricos que reuniram-se no palco e apresentaram danças representando

³² LIMA 2027. **Ceremonia de Inauguración Juegos Panamericanos | Lima 2019**. YouTube, 31 jul. 2019. Duração: 3h min 33s. Disponível em: <https://youtu.be/PW3Vs8HNnKQ>. Acesso em: 7 jan. 2026.

comunidades de todo o Chile. Contudo, não há como definir uma temporalidade histórica das encenações de dança veiculadas pelos grupos. Ainda assim, apenas foi possível evidenciar que a cerimônia destacou a coexistência de distintas identidades regionais, à medida que compartilhavam a cena executando coreografias, como se detalhará a seguir.

Os balés folclóricos no Chile apresentaram, em sua formação inicial, influência dos balés folclóricos da Europa Oriental (Delgado, 2016). Entre os primeiros grupos com características de balé folclórico que se apresentaram em território chileno destacam-se o grupo *Loncurahue*, o *Ballet Folclórico Aucamán* e o *Ballet Folclórico Pucará*, surgidos na década de 1960 (Delgado, 2016).

Historicamente, a corrente do balé folclórico esteve associada a projetos nacionalistas, que buscavam promover a integração da população a uma unidade nacional compreendida como homogênea, por meio da valorização de traços culturais considerados compartilhados. Os balés folclóricos constituíram-se em instrumento para a produção de sentimentos de identidade, pertencimento e patriotismo, relacionados à construção de uma imagem identitária vinculada a um ideal coletivo de sociedade (Delgado, 2016).

Na década de 1970, durante o período da Unidade Popular no Chile, as expressões artísticas também foram atravessadas por discursos nacionalistas (Delgado, 2016). Os balés folclóricos passaram a enfatizar a figura do trabalhador, do operário e do camponês como protagonistas da história nacional em construção. Contudo, se por uma via houve a tendência de integração nacional, por outra o crescimento dos grupos folclóricos foi acompanhado pelo reconhecimento de manifestações vinculadas a localidades específicas (Delgado, 2016).

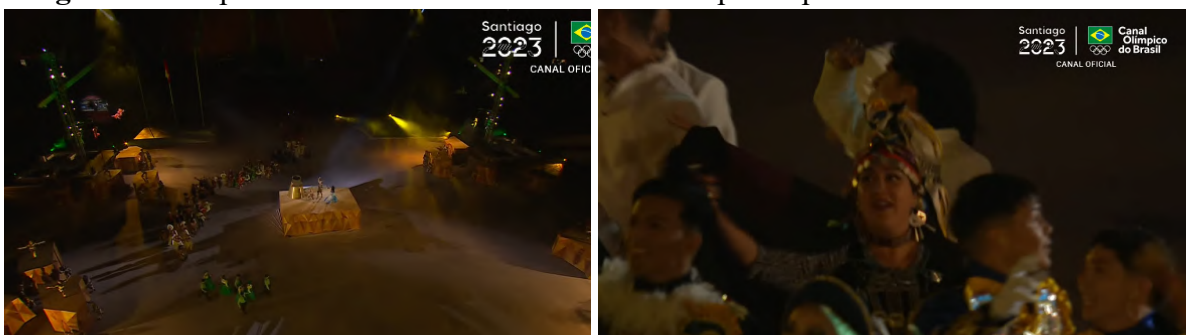
Entre eles, esteve a *Agrupación Sariri*, sediada em Santiago, dedicada à difusão de danças e músicas da região andina. Também participou a *Agrupación Cultural Rapanui Mana Ma'ohi*, em que as apresentações incorporam elementos culturais polinésios, incluindo manifestações relacionadas à dança, à música e à língua rapanui. O grupo *Tumbe Afrochileno*, originário do Vale de Azapa, na região de Arica e Parinacota, no norte do Chile, que apresenta suas performances associadas à dança *tumbe*, expressão cultural associada à população afrochilena da região.

Outro grupo presente foi o *Ballet Folclórico de Puente Alto*, sediada na comuna de Puente Alto, que desenvolve pesquisas e apresentações voltadas às tradições folclóricas chilenas e latino-americanas. Além disso, também se participaram do espetáculo o *Ballet Folclórico Antumapu*, que realiza suas apresentações a partir de diferentes estilos de danças como cachimbo, polca, zamacueca, valsa e cueca.

As mediações cênicas presentes na apresentação - como a organização da entrada dos grupos em fila, os gestos de observação entre os participantes e os apontamentos direcionados às figuras que representavam povos originários do território chileno, dispostas sobre estruturas cenográficas que simulavam grandes rochas - constituem elementos relevantes para a leitura do acontecimento. Esses elementos indicam a presença de interações situadas no espaço performático, em que diferentes referências visuais e corporais se articulam durante o espetáculo.

A partir dessa configuração, a interpretação do momento aponta para tensões entre diferentes camadas de representação cultural, sem atribuir uma intenção única à cerimônia. Nesse sentido, o debate sobre decolonialidade permite compreender essas dinâmicas como parte de processos mais amplos de questionamento das lógicas coloniais, evidenciando formas distintas de organizar e significar a relação entre passado, presente e identidade no interior da performance analisada.

Figura 8 - Grupos folclóricos direcionam o olhar aos povos posicionados sobre as rochas



Fonte: Youtube³³

Figura 9 - Apresentação de grupos folclóricos no Pan de 2023



³³ TIME BRASIL TV. **Jogos Pan-Americanos | Ao vivo | Cobcast e cerimônia de abertura.** YouTube, 20 out. 2023. Duração: 4 h 33 min 20 s. Disponível em: <https://youtu.be/ZGLVQN7zJEw>. Acesso em: 8 jan. 2026.



Fonte: Youtube³⁴

Este pensamento de união na formação da nação chilena também esteve engendrado no texto recitado pela atriz Amparo Noguera³⁵, no Pan de Santiago 2023. De acordo com

³⁴ TIME BRASIL TV. **Jogos Pan-Americanos | Ao vivo | Cobcast e cerimônia de abertura.** YouTube, 20 out. 2023. Duração: 4 h 33 min 20 s. Disponível em: <https://youtu.be/ZGLVQN7zJEW>. Acesso em: 8 jan. 2026.

³⁵ María Amparo Noguera Portales é uma reconhecida atriz chilena de teatro, televisão e cinema, além de diretora teatral. Nascida em 1965, construiu uma trajetória consolidada nas artes cênicas, com atuação em diversas produções entre palcos e telas.

Silva dos Santos, et al. (2025, p.129), “o discurso refere-se a todos os personagens, inclusive colonos, como ‘novos habitantes’”. Essa escolha narrativa convida a todos a considerarem esta perspectiva:.

Somos um
Somos um todo formado por muitas identidades.
Aqueles que se estabeleceram neste território há milhares de anos.
E os novos habitantes que, desde a sua chegada, se integraram a este lugar sul do sul.
Uma terra única chamada Chile [...].

[...] Isso nos define como chilenos.
Somos uma nação tão extensa quanto diversa.
Somos culturalmente tão integrados quanto fragmentados.
Fazemos parte de um território tão desértico quanto chuvoso, habitantes do mar e das montanhas [...] (Tradução nossa)³⁶.

Observou-se que o processo colonizador foi operado sob uma lógica positiva de formação identitária nestes discursos e músicas. Nesse contexto, evidenciam-se expressões de colonialidade à medida que se constrói uma narrativa de integração entre diferentes sujeitos do mundo, orientada à formação de uma cultura nacional supostamente harmônica e pacífica. Essa perspectiva atua como um dispositivo de legitimação da modernidade e da constituição de um sistema-mundo, conforme discutido por Wallerstein (1999) e Quijano (2005), revelando um movimento de homogeneização cultural, intelectual e intersubjetiva.

Assim, ao reproduzirem narrativas de integração dissociadas das relações de poder que marcaram a formação do continente, as cerimônias tendem a reforçar uma interpretação positiva desse processo a partir da ótica do colonizador, em contraste às experiências de conflitos e resistências que compõem a história das Américas. Tanto as regiões de Brasil, México, Peru e Chile, localizados na América Latina, quanto o Canadá, produziram em seus espetáculos uma perspectiva que celebra a diversidade cultural e integração das sociedades

³⁶ Texto original:

Somos uno.

Somos un todo constituido por muchas identidades.

La que se asentaron en este territorio hace miles de años.

Y los nuevos habitantes que desde su arribo se han integrado a este lugar sur del sur.

Una Tierra única llamada Chile [...].

[...] Eso nos define como chilenos.

Somos una nación tan extensa como diversa.

Somos culturalmente tan integrados como fragmentados,

Somos parte de un territorio tan desértico como lluvioso, habitantes del mar y de la cordillera [...].

das Américas, inserindo-as dentro de um legado positivo da história, a violência dos processos coloniais e seus impactos.

Segundo Quijano (2005), a imposição do domínio colonial e a incorporação das regiões colonizadas a esse sistema-mundo resultaram em um processo de “re-identificação histórica de regiões e populações”, implicando a atribuição de novas identidades geoculturais a partir de uma matriz europeia (Quijano, 2005, p. 121). Nessa perspectiva, observa-se o apagamento e superação das formações históricas de opressão colonial nas Américas, mascaradas por meio da naturalização de uma narrativa que celebra a miscigenação como um fenômeno intrinsecamente positivo e de progresso para a constituição das nações das Américas (Quijano, 1992, 2005; Gomes, 2024).

4.2 INDÍCIOS DE PACIFICIDADE, HIERARQUIZAÇÃO E NARRATIVAS DE LEGITIMAÇÃO DA NAÇÃO MODERNA

As cerimônias dos eventos realizados no Rio 2007, Guadalajara 2011, Lima 2019 e Santiago 2023 apresentaram indícios associados à legitimação da capacidade de países latino-americanos de sediar e organizar o Pan em discursos e apresentações. Reivindicavam por meio destes dispositivos uma posição como nações modernas, desenvolvidas e tecnologicamente avançadas. Em contraste, a cerimônia de Toronto 2015, localizada na América do Norte, não mobilizou esse tipo de narrativa destinada a justificar sua capacidade de organização e reafirmação da modernidade e progresso. Historicamente, não se identificam questionamentos recorrentes acerca da aptidão do Canadá para receber os Jogos Pan-Americanos em edições anteriores (Field; Kidd, 2016), diferentemente de experiências de desconfianças historicamente direcionadas a sedes latino-americanas (Torres, 2011; Carter, 2018).

Discursos de autoridades políticas permearam a busca por reafirmação do seu valor e capacidade do País em relação ao cenário mundial. No Pan do Rio 2007, o presidente do Comitê Organizador dos Jogos Pan-Americanos e Parapan-Americanos dos XV Jogos Pan-Americanos, Carlos Arthur Nuzman, procurou validar a capacidade do Brasil em realizar a competição. Semelhantemente, na cerimônia de abertura dos Jogos Pan-Americanos de Lima 2019, o presidente da *PanAm Sports*, Neven Illic, destacou a capacidade do País em sediar e organizar o evento, reforçando a imagem desses países como atores competentes e confiáveis no âmbito esportivo global.

(Trecho do discurso de Carlos Nuzman no Pan do Rio 2007): Se passaram 4 anos 10 meses e 13 dias o desafio do comitê organizador e dos três níveis de governo foi o de transformar essa vitória num compromisso de longo prazo com o esporte brasileiro e numa importante demonstração ao mundo da capacidade da nossa cidade do nosso país de organizar e receber grandes eventos.

(Trecho do discurso de Neven Ilic no Pan de Lima 2019): Há apenas dois anos, estávamos aqui em busca de respostas e não encontramos as que desejávamos, mas encontramos uma equipe profissional fantástica, maravilhosa e comprometida. O que importava para eles era nos assegurar que eram capazes de cumprir o prometido, que o Peru era capaz de honrar esse compromisso e nos proporcionar a grande celebração dos Jogos Pan-Americanos (Tradução nossa)³⁷.

As representações de narrativas referentes às suas nações nos eventos do Rio de Janeiro (2007) e Lima (2019) refletem uma lógica de desconfiança e reafirmação da capacidade dos territórios latino-americanos ao sistema-mundo colonial moderno, construído a partir da Modernidade e que continuam a reverberar nos espaços sociais contemporâneos. O projeto colonial de modernidade opera historicamente na produção e na reprodução de hierarquias globais que posicionam os países da América Latina em uma condição estrutural de subordinação, concebendo-os como espaços exíguos de desenvolvimento, racionalidade e civilização (Quijano, 1992; 2005; Maldonado-Torres, 2018). Assim, inseridos em um sistema-mundo capitalista colonial moderno, essas nações são tratadas como incapazes, e impostas à necessidade de reafirmar seu valor, sua legitimidade e sua capacidade diante do sistema mundial.

Quijano (1992), ao formular o conceito de colonialidade do poder, demonstra que as relações de dominação racial, social e econômica instituídas no período colonial não foram superadas, mas reconfiguradas e permanecem acontecendo na contemporaneidade. Em *The Darker Side of Western Modernity* (2011), Mignolo revela que as hierarquias de poder instituídas durante o colonialismo continuam a moldar estruturas globais e atuam na sociedade contemporânea sob um panorama de racionalidade, desenvolvimento e capacidade, forjadas e associadas ao contexto europeu/estadunidense e ocidental.

³⁷ Trecho original do discurso de Neven Ilic no Pan de Lima 2019: “*Hace sólo 2 años estuvimos acá en busca de respuestas, y no encontramos las que queríamos, pero encontramos un equipo profesional fantástico, maravilloso y comprometidos con los que les importaba a ellos era asegurarnos a nosotros que sí eran capaces de cumplir, que el Perú era capaz de cumplir con este compromiso de traernos la gran fiesta de los Juegos Panamericanos*”.

Segundo Quijano (2005, p.139), para o rompimento destes processos de colonialidade é necessário a construção de uma perspectiva outra sobre a América Latina, “libertando-se do espelho eurocêntrico onde nossa imagem é sempre, necessariamente, distorcida” (Quijano, 2005 p. 139).

Diante deste panorama, a superação desta lógica de subordinação que sustenta o sistema-mundo moderno/colonial exige um deslocamento crítico das referências que historicamente moldaram os ideais de reconhecimento e legitimidade (Mignolo, 2011; Castro-Gómez, 2005; Grosfoguel, 2008; Ballestrin, 2013; Maldonado-Torres, 2018).

No Pan de Guadalajara 2011, buscou-se reafirmar a nação mexicana como moderna e tecnológica global, alinhada aos parâmetros de desenvolvimento ocidental. Dentre as performances artístico-culturais, existiu um espetáculo denominado “Futuro da Inovação”, que buscou exibir e reafirmar a modernidade presente no México, celebrando a conexão tecnológica e global do País na contemporaneidade. No centro do palco, evidenciam-se luzes em tons metálicos e neon. Além disso, alguns dançarinos são levantados a partir de uma estrutura que exibe diferentes cores em neon e é controlada por tablets. As estruturas formam algo semelhante a circuitos e redes digitais e, em sincronia, a plateia realizava a coreografia, orientada por animadores frente à arquibancada, bem como houve uma queima de fogos, no ritmo da música.

Figura 10 - Controladores conduzem por tablets estruturas em cores neon





Fonte: Youtube³⁸

No discurso realizado no Pan de Guadalajara 2011 pelo governador do estado de Jalisco (México) e presidente do Comitê Organizador dos XVI Jogos Pan-Americanos, Emilio González Márquez revela o enraizamento e continuidade de uma narrativa marcada por dimensões da colonialidade, mobilizando um imaginário de inferioridade, atraso e incapacidade atribuída aos países latino-americanos:

Trabalhamos para que estes Jogos sejam um grande passo para deixar atrás uma América de ódio, de pobreza, de violência e de marginalização, que nossa América seja mais humana, de oportunidades de liberdade e fraternidade entre os povos. Enquanto alguns se apegam a que as coisas não mudem, nós construímos soluções. Queremos viver na América o lema do Olimpismo: mais rápido, mais alto, mais forte no esporte e na vida, mais rápido em desenvolvimento e progresso dos povos, mais alto em educação e em saúde, mais forte para abater a pobreza e as desigualdades sociais (Tradução nossa)³⁹.

A mobilização da filosofia do Olimpismo como instrumento para o progresso da América e seu desenvolvimento social, econômico e cultural, reforça tanto a narrativa de superação de uma condição historicamente associada à América Latina, marcada por representações de inferioridade, atraso e incapacidade (Mignolo, 2007) quanto à disseminação

³⁸ MEX EXPERIENCIA MEXICO. **Pan American Games Guadalajara 2011 | The Complete Opening Ceremony - Ceremonia de Inauguración**. YouTube, 7 jul. 2015. Duração: 2h 22min 48s. Disponível em: <https://youtu.be/3ThpiOSJcoE>. Acesso em: 5 jan. 2026.

MAESTER, Lucas Renan Francischetti. **XVI Jogos Pan-Americanos - Guadalajara 2011 | Cerimônia de Abertura (Record News - BRA)**. YouTube, 25 jul. 2012. Duração: 2h 21min 43s. Disponível em: https://youtu.be/s_Dq7NI56uM. Acesso em: 5 jan. 2026.

³⁹ Texto original: Trabajamos para que estos juegos sean un gran paso para dejar atrás una América de odio, de pobreza, de violencia y de marginación, que nuestra América sea más humana, de oportunidades de libertad y de fraternidad entre los pueblos, y algunos se aferran a las cosas no cambien, nos otros construimos soluciones. Queremos vivir en América la consigna del olimpismo rápido más alto fuerte deporte la vida, más rápido en desarrollo y progreso de los pueblos más alto en educación y en salud más fuerte abatir la pobreza y las desigualdades sociales.

de determinados modos de vida, valores e formas de organização social que passam a ser apresentados como referências a serem seguidas.

O Olimpismo produz a ideia de “uma filosofia social que enfatiza o papel do esporte no desenvolvimento mundial, na compreensão internacional, na coexistência pacífica e na educação social e moral” (Parry, 2016 p.190). Contudo, os valores e princípios do Olimpismo não são neutros, mas foram formulados a partir de referenciais e culturas eurocêntricas e difundidos como modelos legítimos de formação humana e organização social.

Walsh (2012) aprofunda essa crítica ao refletir sobre a dimensão do domínio colonial denominada colonialidade do ser, denunciando formas de dominação que incidem sobre níveis ontológicos do ser, omitindo formas de subjetivação, pertencimento e reconhecimento dos sujeitos, excedendo estruturas de poder político-econômicas herdadas do colonialismo. Sob esta perspectiva, é verificado a construção de um estereótipo às diferentes culturas inseridas na América Latina reduzido a um espaço de violência marginalização e inferioridade, justificando-se a busca e imposição de um ideal civilizatório ocidental, nomeado como universal, que passa a regular modelos de vida, condutas e modos de existir de sociedades latino-americanas.

No Pan de 2023, parte do texto recitado pela atriz Amparo Nogueira revela e denuncia uma percepção de inferioridade naturalizada na sociedade. Por outro lado, a cerimônia de abertura de Santiago, constantemente buscou se reafirmar como nação capaz, tecnológica e moderna a outros países e território das Américas e do mundo.

[...] Parte do campo e das cidades.
Somos tudo isso e muito mais.
Porque cada lugar em nossa terra é único em sua essência.
E nossa essência se desenha nos contrastes.
Sempre nos dizem que somos o fim do mundo.
Frase que nos marcou e nos construiu à distância.
Hoje os convido a inverter o olhar.
A olhar desde outro lugar.
O Chile é sul, é agora e é o futuro.
Chiles, onde começa o mundo.
Bem-vindos à nossa casa (Tradução nossa)⁴⁰.

⁴⁰ Texto original: [...] *Parte del campo y de las ciudades;*
Somos todo eso y mucho más;
Porque cada lugar en nuestra tierra es único en su esencia;
Y nuestra esencia se dibuja en los contrastes;
Siempre nos dicen que somos el fin del mundo;
Frase que nos ha marcado y construido desde la distancia;
Hoy los invito, a invertir la mirada;
Al mirar desde otro lugar;

Além disso, indícios de busca à redefinição da lógica de inferior, com ações imbricadas à percepção de modernidade, são observadas durante a preparação e recebimento da tocha no estádio. Um vídeo exibido no telão introduziu a chegada da tocha pan-americana. A sequência começou nas pirâmides e exibiu personagens representando povos nativos em rituais e cenas simbólicas. Em seguida, visualizou-se diferentes regiões do Chile, retratando paisagens, trabalhadores, esportistas e elementos característicos da cultura local. Todavia, procurou-se revelar uma modificação desse ambiente a uma nação que se desenvolveu, refletindo na atualidade marcada por um Chile moderno e tecnológico.

A partir de um panorama do Norte-Global, países e territórios da América Latina são situados como locais de inferioridade e marginalização, posicionando as formas de vida, as culturas e os sistemas de conhecimento dos povos originários como primitivos (Arbena, 1988; Maldonado-Torres, 2018). Por esta via, a cultura ocidental colonial moderna impôs uma conformação do sistema mundial que concentrou suas ações e discursos como orientadores de todo desenvolvimento social, cultural, intelectual e artístico. Como resultado, sociedades passaram a organizar sua vida a partir de referências deste sistema-mundo, constituindo-se, mesmo que de maneiras diferentes, da adoção de modos de vida e de pensar associados à europeização (Quijano, 1992; Castro-Gómez, 2007).

Quijano (1992) evidenciou que a imposição dos modos de vida, dos sistemas de significação e das formas de produção do conhecimento, estruturada por lógicas coloniais de poder, passou a se constituir também como um ideal a ser conquistado, associado às noções de progresso e desenvolvimento. Dessa forma, “mais além da repressão, o instrumento principal de todo poder é sua sedução, a europeização cultural se converteu em uma aspiração, era um modo de participar no poder colonial” (Quijano; 1992, p.2).

Diante disso, sujeitos e sociedades colonizadas projetam um ideário de pertencimento e busca ao espaço moderno e tecnológico, ainda que se estabeleça uma lógica de inferioridade social, cultural e ontológica (Quijano, 1992; Walsh, 2012; Maldonado-Torres, 2007). Essa lógica é acompanhada pela desconsideração de expropriações e violências físicas, subjetivas e psicológicas do dominado. Dessa forma, observa-se nestes momentos da cerimônia a aceitação, a incorporação e a reprodução de uma posição subalterna no sistema-mundo

*Chile es sur y es ahora y es el futuro;
Chiles, donde comienza el mundo;
Bienvenidos, a nuestra casa.*

moderno/colonial, marcada pelo abandono das identidades nacionais e coletivas anteriores à violência colonial e pela busca do ser “moderno” a partir de um panorama sustentado por contínuas lógicas de racionalidade capitalista, colonial e hierárquica.

4.3 ENTRE O FOLCLÓRICO E O CONTEMPORÂNEO: INDÍCIOS DE DISTANCIAMENTO DA ATUALIDADE DOS POVOS ORIGINÁRIOS

O exame das cerimônias de abertura revelou nas edições de 2007, 2015 e 2019 uma construção narrativa da existência de povos nativos na sociedade em meio à expressão do exótico, folclórico assim como uma pacificidade à ideia de civilidade a partir de reprodução de maneiras europeias.

Nota-se este panorama de deslocamento do plano temporal e político de povos locais em relação à contemporaneidade por uma encenação musical realizada no Pan do Rio de Janeiro 2007, no qual povos originários⁴¹ do País foram representados junto a manifestações circenses, folclóricas e tradicionais do território nacional, como o “boi bumbá”, “congado”, palhaços e “bonecos de Olinda”. Nessa perspectiva, ao delimitar esta população à exibição folclórica, sua existência circunscreve-se em meio a manifestações estéticas que não expressam outras esferas sociais, políticas e culturais da atualidade.

Figura 11 - Representações folclóricas e circenses do território brasileiro



⁴¹ Não foi possível identificar a qual cultura específica pertencia essa representação. No entanto, os artistas utilizavam vestes e acessórios como cocares e saias confeccionadas com fibras vegetais, que se aproximavam de vestuários utilizados, tradicionalmente, em diferentes culturas nativas presentes no território brasileiro, como nas comunidades Pataxó e Guarani (Milanez et al., 2024; Vidal; Souza, 2024).



Fonte: Youtube⁴²

Figura 12 - Representações de povos originários do território brasileiro



Fonte: Youtube³¹

Em Lima 2019, evidenciaram-se a representação de povos originários que se localizam em áreas da região amazônica⁴³ em meio a fantasias, máscaras e armaduras inseridas em um desfile de moda que também apresentavam estéticas orientais, ibéricas e figurinos de manifestações folclóricas como a *Diablada Puneña*. A dança folclórica denominada Diablada Puneña⁴⁴, é constituída de manifestações simbólicas e artísticas que incorporam heranças folclóricas da comunidade peruana, ibérica e africana. Além disso, em uma representação do período colonial, em Lima, os personagens observavam, sorridentes, membros de uma nobreza representada em vestimentas distintas passarem por eles.

⁴² MANO EL NETO :: VÍDEOS VHS. **Pan-Americano Rio 2007 - Cerimônia de Abertura: 13/07/2007.** YouTube, 12 jul. 2024. Duração: 2 h 57 min 23 s. Disponível em: <https://youtu.be/U5Zhfv0LuJo>. Acesso em: 7 jan. 2026.

⁴³ Não foi possível identificar a qual cultura específica pertencia essa representação. No entanto, as vestimentas e acessórios utilizados pelos os artistas se aproximam a vestuários característicos de culturas localizadas nas regiões da Amazônia Peruana, como povos da comunidade Yagua e Bora (Hernández Delgado, 2015)

⁴⁴ A *Diablada Puneña* é reconhecida como patrimônio cultural da nação peruana e é atravessada por ritos andinos, influências da religiosidade católica e estéticas ibéricas, para mais informação sobre esta dança folclórica acesse: <Diablada Puneña>.

Figura 13 - Desfile com diferentes trajes no Pan de 2019



Fonte: Youtube⁴⁵

⁴⁵LIMA 2027. Ceremonia de Inauguración Juegos Panamericanos | Lima 2019. YouTube, 31 jul. 2019. Duração: 3 h 04 min 33 s. Disponível em: <https://youtu.be/PW3Vs8HNnKQ>. Acesso em: 7 jan. 2026.

Figura 14- Personagens observando membros da nobreza



Fonte: Youtube⁴⁶

É possível notar a produção um distanciamento destes sujeitos da realidade social contemporânea, reforçando um panorama de dissociação de dinâmicas sociais e políticas atuais, além de enquadrar-se num espectro de inferioridade e neutralidade político-social. Mignolo (2012) evidenciou que as reproduções de colonialidade se manifestam em todas as dimensões que moldam o sujeito colonizado, subalternizando os processos socioepistêmicos dos povos dominados e limitando suas produções ao campo do folclore ou da cultura, enquanto é negado a posição intelectual de construção do conhecimento ou de teoria.

Similarmente aos eventos de 2007 e 2019, dentro de performances artísticas exibidas em Toronto, na cerimônia de abertura do Pan de 2015, também existiram apresentações reforçando narrativas que posicionam os povos originários em um lugar de inferiorização, bem como estabeleceu a ideia de condição positiva o processo civilizatório, evidenciando uma continuidade da naturalização do pensamento hegemônico hierárquico de poder, deste sistema-mundo capitalista colonial moderno.

Na performance apresentada na cerimônia de Toronto 2015, cento e cinquenta crianças no palco carregavam luminárias e dançavam sob uma música instrumental, do gênero ópera⁴⁷. Em seguida, havia em meio a plateia, dançarinos representando duas comunidades de povos

⁴⁶LIMA 2027. **Ceremonia de Inauguración Juegos Panamericanos | Lima 2019**. YouTube, 31 jul. 2019. Duração: 3 h 04 min 33 s. Disponível em: <https://youtu.be/PW3Vs8HNnKQ>. Acesso em: 7 jan. 2026.

⁴⁷ Não foi possível identificar a autoria da música instrumental que foi utilizada neste momento.

aborígenes⁴⁸, munidas de tambores e bastões de lacrosse, tocam o instrumento entoam cantos de guerra.

O lacrosse, hoje reconhecido como um esporte competitivo internacional e prestes a retornar no programa olímpico nos Jogos de Los Angeles 2028, passou por um longo processo de esportivização que transformou uma prática indígena em modalidade codificada. No jogo, os praticantes utilizam um bastão com uma rede em uma das extremidades (denominado *crosse*), tanto para conduzir e passar a bola entre os jogadores quanto para arremessá-la e buscar o gol.

Figura 15 - Partida de Lacrosse



Fonte: World Lacrosse (2025)⁴⁹

Sua origem está associada a práticas corporais realizadas por diferentes povos aborígenes da América do Norte. Os *Ojibwe*, povo tradicionalmente localizado na região dos Grandes Lagos, entre o sul do Canadá (Ontário, Manitoba, Saskatchewan) e o norte dos Estados Unidos (Minnesota, Wisconsin, Michigan), denominavam práticas semelhantes de *baggaa'atowe*. Os Cherokee, historicamente situados no Sudeste dos Estados Unidos (Carolina do Norte, Geórgia, Tennessee), utilizavam o termo *a-ne-tso*. Já os Choctaw, originários das

⁴⁸ Embora não tenha sido possível identificar com precisão quais nações estavam representadas na formação das duas equipes de lacrosse durante a performance artística, a modalidade possui raízes em práticas corporais realizadas por diferentes povos originários da América do Norte, como as nações *Mohawk*, *Onondaga*, *Cherokee*, *Choctaw*, *Creek*, *Ojibwe* e *Potawatomi* (Delsahut, 2015).

⁴⁹ WORLD LACROSSE. 2025 Pan-American Women's Lacrosse Championship Day Three Recap. World Lacrosse, 28 jun. 2025. Disponível em: <https://worldlacrosse.sport/2025-pan-american-womens-lacrosse-championship-day-three-recap/>. Acesso em: 20 jun. 2026.

áreas correspondentes ao Mississippi, Alabama e Louisiana, chamavam o jogo de *kapucha* (“crosse”) (Delsahut, 2015, p. 924).

Os Jesuítas franceses tiveram os primeiros contatos com a prática desses jogos durante a década de 1630 e as condenaram sob justificativas relacionadas às suas dimensões ritualísticas e de violência, considerados incompatíveis com os valores civilizatórios europeus. Entretanto, ao longo do século XVIII, particularmente a partir de 1740, partidas passaram a ser organizadas entre colonos franceses, que realizou um processo de codificação e institucionalização deste jogo (Delsahut, 2015).

Com a criação de regras padronizadas, associações esportivas e organismos reguladores nacionais e internacionais, a prática foi progressivamente retirada de seus contextos culturais originários e submetida a padrões esportivos e processos de dominação hierárquica ocidentais. Nesse contexto, destaca-se a atuação de William George Beers, frequentemente reconhecido como uma das principais figuras na institucionalização do lacrosse moderno. Para Beers, a prática necessitava ser regulamentada para a transformação da prática em um esporte civilizado, pois era percebido como excessivamente violento e indisciplinado (Delsahut, 2015).

Segundo Delsahut (2015, p.933) buscava-se tornar o jogo “menos selvagem”, adequando-o aos padrões morais e educacionais da sociedade colonial. Entre as regras propostas por Beers, constava a determinação de que nenhum povo nativo deveria jogar em uma partida por um clube branco sem acordo prévio (Delsahut, 2015). Além disso, Delsahut (2015, p.934) identifica, nas declarações de Beers, discursos marcados por hierarquizações raciais, nos quais os povos aborígenes jogavam o lacrosse “principalmente por instinto” e não conseguiriam jogar de modo científico tão bem quanto os jogadores brancos.

Figura 16 - Entrada de comunidades de povos aborígenes nas arquibancadas do estádio



Fonte: Youtube⁵⁰

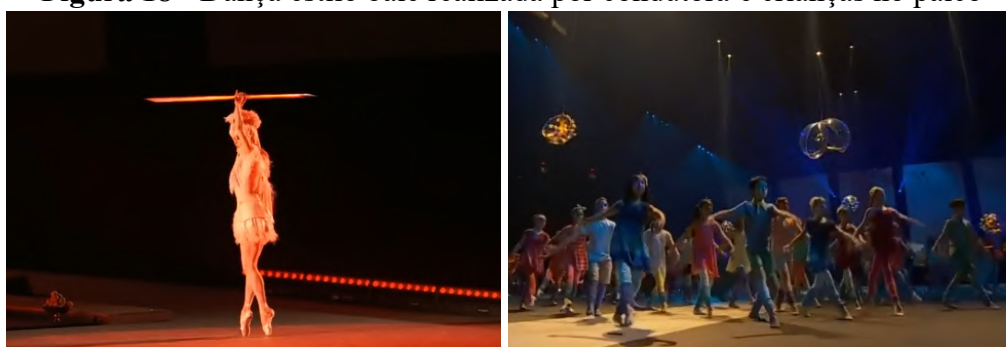
Figura 17 - Crianças com expressão de espanto diante da entrada de comunidades aborígenes



Fonte: Youtube⁵¹

No palco, as crianças apareciam de forma assustada e, posteriormente, realizando uma coreografia junto às batidas e gritos. Surgiu uma dançarina com vestimentas brancas, com uma lança em sua mão, realizando coreografias do estilo de dança balé, impulsionando as crianças a realizarem gestos também do balé.

Figura 18 - Dança estilo balé realizada por condutora e crianças no palco



Fonte: Youtube⁵²

Enquanto isso, os artistas desceram em direção ao palco, como se estivessem indo à guerra. Ao chegarem no palco, dois times de lacrosse se formaram, saltaram um fogo

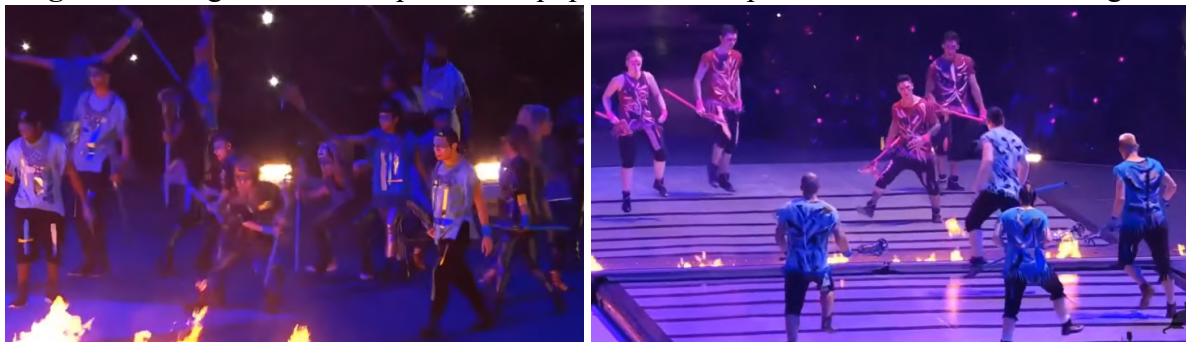
⁵⁰ PUPETMASTERS. **Inauguración Juegos Panamericanos Toronto 2015**. YouTube, 19 jul. 2015. Duração: 2 h 57 min 51 s. Disponível em: <https://youtu.be/N8uJqGnI-d0>. Acesso em: 6 jan. 2026.

⁵¹ PUPETMASTERS. **Inauguración Juegos Panamericanos Toronto 2015**. YouTube, 19 jul. 2015. Duração: 2 h 57 min 51 s. Disponível em: <https://youtu.be/N8uJqGnI-d0>. Acesso em: 6 jan. 2026.

⁵² PUPETMASTERS. **Inauguración Juegos Panamericanos Toronto 2015**. YouTube, 19 jul. 2015. Duração: 2 h 57 min 51 s. Disponível em: <https://youtu.be/N8uJqGnI-d0>. Acesso em: 6 jan. 2026.

projetado ao chão e, foi conduzido uma partida desse esporte, como forma de resolver suas diferenças de maneira pacífica e civilizada. Assim, evidencia-se nesta apresentação artística no Pan de 2015, uma narrativa de reafirmação de hierarquias históricas, que prestigia o processo civilizatório social-esportivo enquanto categoriza e marginaliza os modos de ser e viver destes povos no presente.

Figura 19 - Jogo de lacrosse por duas equipes formadas por duas comunidades aborígenes



Fonte: Youtube⁵³

A literatura acadêmica canadense tem discutido o esporte a partir de perspectivas de decolonização, denunciando formas de poder e dominação da vida social entre colonizados e colonizadores por meio do esporte e como a prática esportiva esteve historicamente vinculada a essas relações (Forsyth et al., 2023). Diante deste panorama, o esporte apresentou-se como um instrumento do projeto colonial. Um exemplo de mobilização do esporte à dominação colonial foi através de sistemas de ensino denominadas “Indian Residential Schools”, instituições que afastaram crianças nascidas em comunidades nativas de suas famílias buscavam a imposição de uma conjuntura social por vias euro-candense (Forsyth et al., 2023, p.3). Nessas escolas, o esporte ocupava papel central para legitimação e difusão dos objetivos do projeto colonizador, reverberando em estratégias de disciplinamento e inserção dos modos de vida e existência imbricados ao Estado colonial (Forsyth et al., 2023).

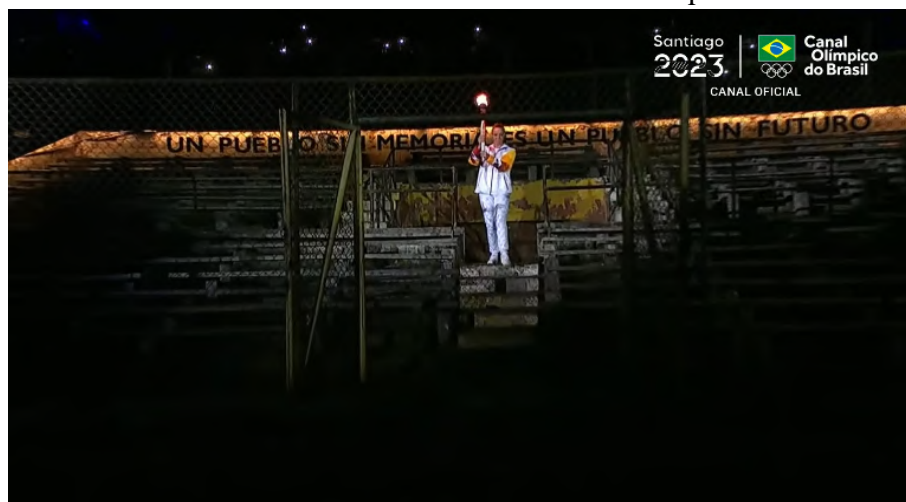
No que se refere à cerimônia de abertura do Pan de Santiago 2023, apesar de apresentar no momento do evento uma arquibancada vazia com os escritos “Un pueblo sin memoria, un pueblo sin futuro”⁵⁴, pouco exibiu-se processos de resistência, violência colonial

⁵³ PUPETMASTERS. **Inauguración Juegos Panamericanos Toronto 2015**. YouTube, 19 jul. 2015. Duração: 2 h 57 min 51 s. Disponível em: <https://youtu.be/N8uJqGnI-d0>. Acesso em: 6 jan. 2026.

⁵⁴ Este local foi onde a medalhista Pan-Americana de Natação, Kristel Kobrich surgiu com a tocha Pan-Americana no estádio.

e suas consequências, bem como não houve ênfase na representação de povos originários como símbolo de identidade nacional, seus costumes, cultura e conhecimento.

Figura 20 - Entrada da tocha Pan-Americana no estádio e arquibancada vazia ao fundo



Fonte: Youtube⁵⁵

Mignolo (2007) revela que a colonização e a justificativa para a apropriação da terra e a exploração do trabalho no processo de invenção da América proporcionou um sistema de classificação que marginalizou certos saberes, línguas e seres. Foi produzindo uma ideia de humanidade ideal em que se de acordo com a percepção de homens cristãos, brancos e europeus. Para isso, exigiu-se uma complexa articulação da história em benefício aos colonizadores, mas deu início a um processo epistêmico-político de dominação que estabeleceu uma hierarquia global de saberes, seres e poderes, em prol de ocultar todo saber pensamento de diferentes culturas, afastando da ideia de civilidade, cidadão, que faz parte da sociedade.

Segundo Maldonado-Torres (2018, p.5), a modernidade ocidental é compreendida frequentemente como “a época da mais avançada forma de civilização em comparação a outros arranjos socioculturais, políticos e econômicos que aparecem como menos civilizados, não civilizados, selvagens ou primitivos”. Por esta via, sob legitimidade da modernidade, práticas econômicas, políticas e socioepistemológicas produziram uma lógica de naturalização do extermínio e irrelevância de determinadas vidas humanas, construindo justificativas para o

⁵⁵ TIME BRASIL TV. **Jogos Pan-Americanos | Ao vivo | Cobcast e cerimônia de abertura**. YouTube, 20 out. 2023. Duração: 4 h 33 min 20 s. Disponível em: <https://youtu.be/ZGLVQN7zJEw>. Acesso em: 8 jan. 2026.

racismo e hierarquização ontológica dos sujeitos, “naturalmente considerados dispensáveis” (Mignolo, 2011 p.4).

Nesse contexto, territórios indígenas foram apresentados por discursos que os caracterizaram como “descobertos” (Maldonado-Torres, 2018, p. 9). Assim, a colonização passou a ser representada como um veículo civilizatório e a escravidão foi compreendida como uma ferramenta de ajuda à construção de disciplina do sujeito “considerado primitivo ou sub-humano” (Maldonado-Torres, 2018, p.9). Essa narrativa, implicou na desconsideração da produção do conhecimento, a cultura, os modos de vida e pensamento de povos nativos na formação da identidade e significados das nações colonizadas, apagando suas construções sociais, epistêmicas e subjetividades (Mignolo, 2002; Lander, 2005; Castro-Gómez, 2005).

Diante desse panorama, são interpeladas dimensões ontológicas e subjetivas de dominação, reveladas pela colonialidade do ser (Maldonado-Torres, 2007). Essa via de exame da colonialidade se expressa por discursos e práticas que inferiorizam, marginalizam e deslegitimam os modos de ser e viver dos colonizados, sustentadas por uma posição hierárquica de superioridade humana que determinam normas, valores e padrões de vida ocidentais a serem seguidas. Por conseguinte, diferenças sociais, subjetivas e culturais são convertidas em condições de inferiorização e subalternidade.

4.4 INDÍCIOS DE VALORIZAÇÃO LOCAL SOB LEITURA DECOLONIAL

Evidenciou-se que, nas cerimônias do Rio Janeiro 2007, Guadalajara 2011, Toronto 2015 e Santiago 2023, houve a exposição de elementos da tradição e cultura nacional, como o samba (Brasil), os Mariachis (México), rituais de povos aborígenes das regiões de Ontário (Canadá) e diversos meios de exposição e valorização às culturas e povos locais feitas no espetáculo de Lima 2019 (Peru).

A primeira parte das apresentações artísticas na cerimônia de abertura do Pan do Rio 2007 reuniu a participação do músico e percussionista baiano Kainã do Jeje, ritmistas e mestres de diferentes escolas de samba do Brasil. Ao centro do palco Kainã, então com 12 anos de idade, iniciou a performance tocando o instrumento Rum, tradicionalmente utilizado em religiões de matriz afro-brasileira, como o candomblé (Araújo; Dupret, 2012). Sua apresentação foi acompanhada por cerca de 100 ritmistas das escolas de samba, dentre elas: Caprichosos de Pilares, Beija-flor de Nilópolis, Império Serrano e Acadêmicos da Rocinha.

Na sequência, outros 1.150 ritmistas entraram no espetáculo e formaram filas, agrupados de modo a compor simbolicamente a representação dos raios do sol. A condução rítmica da bateria foi coordenada pelo mestre da escola de samba Beija-Flor de Nilópolis, Paulinho.

O samba, enquanto expressão cultural de matriz afro-brasileira, apresenta relações históricas com manifestações artísticas de populações africanas e afrodescendentes no contexto colonial e pós-colonial brasileiro. Nesse panorama, a origem do estilo musical samba está associada a práticas culturais desenvolvidas por populações negras, principalmente inseridos em contextos rurais durante o século XIX, e tem sua origem na região do Recôncavo Baiano (Sandroni, 2010). Essas expressões foram frequentemente estigmatizadas pelas elites da época, que as vinculavam ao atraso e à ausência de civilidade (Araújo; Dupret, 2012). Todavia, com a expansão da indústria fonográfica e o fortalecimento de agremiações carnavalescas nas décadas de 1920 e 1930, o samba passou por um processo de valorização e difusão nacional, consolidando-se como um dos principais símbolos da cultura brasileira (Araújo; Dupret, 2012). Em 2005, o samba de roda, originário da região do Recôncavo Baiano, se tornou patrimônio oral e imaterial da humanidade pela Unesco, o primeiro gênero musical brasileiro a ocupar este lugar (Sandroni, 2010).

Figura 21 - Apresentação de samba com o percussionista Kainã do Jeje



Fonte: Youtube⁵⁶

⁵⁶ MANO EL NETO :: VÍDEOS VHS. **Pan-Americano Rio 2007 - Cerimônia de Abertura: 13/07/2007.** YouTube, 12 jul. 2024. Duração: 2 h 57 min 23 s. Disponível em: <https://youtu.be/U5Zhfv0LuJo>. Acesso em: 7 jan. 2026.

Figura 22 - Final da performance artística com diversos ritmistas no palco



Fonte: Agência Brasil (2007)

Na cerimônia de Guadalajara 2011, optou-se pela valorização de expressões culturais posteriores à colonização, a exemplo da *charrería* e dos *mariachis*. A *charrería* é um esporte nacional oficial e uma tradição cultural do México. A prática constitui em apresentações com cavalos e atividades relacionadas ao manejo de gado realizadas em arenas específicas (Unesco, 2016). Os participantes homens são denominados *charros* e as mulheres, que executam apresentações coreografadas a cavalo, são conhecidas como *escaramuzas charras*. Em 2016, a *charrería* foi inscrita na Lista Representativa do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade da UNESCO (Unesco, 2016).

Contudo, a *charrería* teve origem no contexto da colonização espanhola do México, a partir das atividades pecuárias realizadas nas propriedades rurais de colonos estabelecidas desde o século XVI. Com a introdução dos cavalos pelos colonizadores e a expansão da criação de gado, populações colonizadas passaram a atuar no manejo dos rebanhos, desenvolvendo técnicas de montaria, laço e condução adaptadas às condições locais. Essas práticas deram origem à figura do charro e à *charrería*. Inicialmente restrita aos proprietários de terras, a atividade foi gradualmente incorporada por outros grupos, consolidando-se, em partes, como uma expressão cultural associada à identidade nacional mexicana (Unesco, 2016).

O *mariachi* consiste em um gênero musical originário do estado de Jalisco. Os conjuntos musicais são compostos, geralmente, por violinos, trompetes, violões, guitarrón e vihuela e formam grupos de músicos tradicionais mexicanos denominados os *Mariachis*. Seus integrantes utilizam trajes similares aos *Charros* da *Charrería*, caracterizados por vestimentas

ornamentadas e grandes chapéus (Unesco, 2012). O *Mariachi* mexicano, em 2012, foi declarado patrimônio imaterial da humanidade (Unesco, 2012).

Além disso, foi realizada mais uma apresentação artística, que buscava exibir um futuro cujo as culturas e tradições do México fossem conservadas, homenageando diferentes artistas mexicanos. Inicialmente, houve a exposição por meio de projeções, das obras de José Clemente Orozco, seguidas de referências a Frida Kahlo e Diego Rivera, com a projeção de suas imagens no palco. Assim como, a exibição de Enriqueta Basilio, primeira mulher a acender a Pira olímpica, nos Jogos Olímpicos do México em 1968 e canções que simbolizavam o fortalecimento do sentimento nacional.

Figura 23 - Apresentação artística-musical com mariachis e da charrería



Fonte: Youtube⁵⁷

Figura 24 - Pintura de Diego Rivera intitulada El Vendedor de Alcatraces



Fonte: Youtube³⁴

⁵⁷ MEX EXPERIENCIA MEXICO. **Pan American Games Guadalajara 2011 | The Complete Opening Ceremony - Ceremonia de Inauguración**. YouTube, 7 jul. 2015. Duração: 2h 22min 48s. Disponível em: <https://youtu.be/3ThpiOSJcoE>. Acesso em: 5 jan. 2026.

Figura 25 - Imagem de Frida Kahlo projetada no centro do palco



Fonte: Youtube³⁴

No Pan de 2015, a cerimônia teve início com uma apresentação artística com o tema “O despertar da Terra”, que focalizou na representação de povos originários do Canadá, localizadas na região de Ontário (*Mississaugas of the Credit First Nation*; *Métis Nation of Ontario*; *Six Nations of the Grand River* e; *Huron-Wendat Nation*)⁵⁸. Os artistas estavam distribuídos em 4 plataformas, dedicadas às 4 nações ancestrais do país, que também estavam associadas às estações do ano.

Na primeira plataforma, relacionada ao outono, quatro membros se moviam em torno um líder, que continha um cajado coberto por penas de águia e representou a cultura da comunidade *Mississaugas of the Credit First Nation*⁵⁹. A segunda ilha ressaltou referências da cultura da comunidade *Métis*, denominada *Métis Nation of Ontario*. Na encenação foi observado dois homens e três mulheres, os homens saíam de uma canoa, com algumas peles representando o retorno de uma caçada, as mulheres cuidavam do fogo e abraçavam estes homens⁶⁰. No mesmo momento, se espalhava uma fumaça no cenário, em representação das névoas do inverno.

É importante destacar que foi realizado um acordo denominado *Memorandum of Understanding*, entre o Comitê Organizador dos Jogos Pan-Americanos e

⁵⁸ Mais informações sobre este momento do espetáculo podem ser encontradas em: <<https://www.cirquefascination.com/?p=6620>>.

⁵⁹ Mais informações sobre a comunidade *Mississaugas of the Credit First Nation* podem ser encontradas em: <Mississaugas of the Credit First Nation – Community Profile>.

⁶⁰ Aspectos relacionados à cultura *Métis*, especialmente práticas de caça, deslocamento e navegação por canoas, podem ser observados nas seguintes reportagens e materiais históricos: <Métis Nation – Tradition of Trapping>; <Canadian Geographic – Rivers of Resistance>; e <Métis Nation – Canoe Trek>.

Parapan-Americanos de Toronto 2015 e lideranças Métis para a participação no evento⁶¹. O *Memorandum of Understanding* estabeleceu diretrizes para a participação e o reconhecimento dos cidadãos inseridos na comunidade Métis nos Jogos, prevendo o reconhecimento institucional por parte das autoridades organizadoras, o acesso a oportunidades de desenvolvimento econômico e a participação no revezamento da tocha.

Para a implementação dessas ações, foi constituído um grupo composto por lideranças, comunidades e organizações aborígenes regionais. Em janeiro de 2012, o Comitê Organizador dos Jogos Pan-Americanos e Parapan-Americanos de Toronto 2015 fechou, oficialmente, 14 parcerias com lideranças aborígenes (Métis Nation of Ontario, 2013). Entre as atribuições desse grupo estavam a elaboração de estratégias de engajamento voltadas ao desenvolvimento econômico, o recrutamento de voluntários, a promoção de iniciativas relacionadas às artes e à cultura, o envolvimento da juventude indígena, a contribuição para o planejamento de ações direcionadas a esses povos no contexto dos Jogos e o estabelecimento de canais de comunicação entre a organização do evento e a comunidade (Métis Nation of Ontario, 2013).

A plataforma seguinte era composta por duas mulheres e três homens, que tocavam instrumentos típicos de sua cultura e encenavam rituais ancestrais característicos das comunidades canadenses que compõe as denominadas *Six Nations of the Grand River*⁶². A *Six Nations of the Grand River* está vinculada à confederação aborígena *Haudenosaunee*, e apresenta sua reversa localizada no sul da província de Ontário, nas proximidades da cidade de Brantford, às margens do *Grand River*. Essa comunidade reúne representantes de seis nações aborígenes: *Mohawk, Cayuga, Onondaga, Oneida, Seneca e Tuscarora* (Six Nations of the Grand River, 2025). Além disso, foi possível observar árvores com folhas verdes no cenário, em simbolismo à primavera.

A última ilha, em representação ao verão, apresentava como referência a nação *Huron-Wendat*. Verificou-se algumas mulheres com vestimentas tradicionais da comunidade

⁶¹ Sobre o acordo firmado entre o Comitê Organizador dos Jogos Pan-Americanos e Parapan-Americanos de Toronto 2015 e representantes da comunidade Métis, acesse: <Métis Nation of Ontario – Toronto 2015 Agreement>.

⁶² Informações adicionais sobre as comunidades que compõem as *Six Nations of the Grand River*, seus rituais, narrativas cosmológicas e tradições culturais podem ser acessadas em: <Two Row Times – Skywoman Story>; <Six Nations of the Grand River – Who We Are>; <Oneida Indian Nation – Haudenosaunee Creation Story>; <Ontario Culture Days – Six Nations Guide>; e <MIT Arts – Haudenosaunee Creation Story VR>.

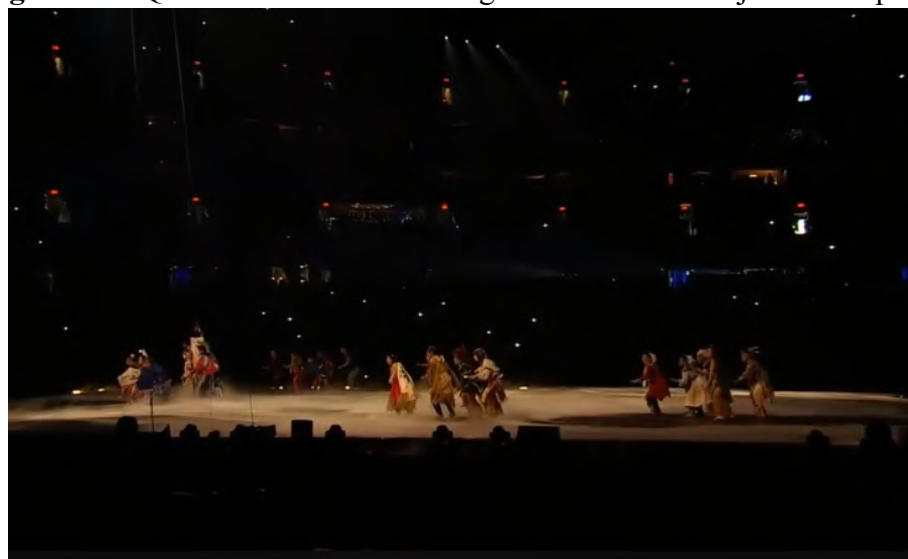
Huron-Wendat ⁶³, cultivavam e pilavam alimentos em meio a uma plantação de trigo, enquanto um homem lhes oferecia colares confeccionados com conchas.

Figura 26 - Comunidades aborígenes de Ontário realizando tradições de sua cultura



Fonte: Youtube⁶⁴

Figura 27 - Quatro comunidades aborígenes de Ontário se juntam no palco



⁶³ Historicamente, a comunidade de *Huron-Wendat Nation* se estabelecia em regiões próximas a solos férteis e fontes de água, desenvolvendo práticas agrícolas vinculadas ao cultivo de alimentos como milho, feijão e abóbora. Mais informações podem ser encontradas em: <Huron-Wendat Nation>; <The Canadian Encyclopedia – Huron-Wendat>; e <Bayfield Historical Society – Huron-Wendat Confederacy>.

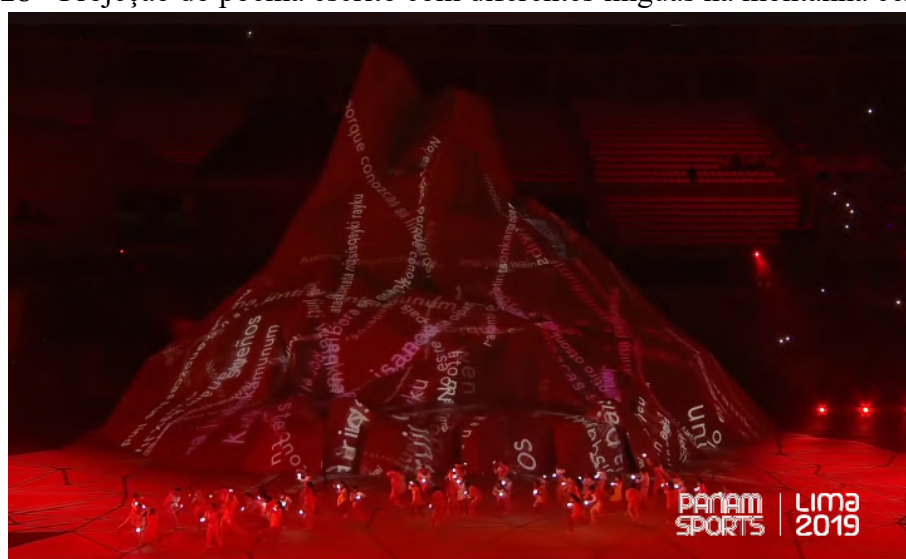
⁶⁴ PUPETMASTERS. **Inauguración Juegos Panamericanos Toronto 2015**. YouTube, 19 jul. 2015. Duração: 2 h 57 min 51 s. Disponível em: <https://youtu.be/N8uJqGnI-d0>. Acesso em: 6 jan. 2026.

Fonte: Youtube⁶⁵

Em 2019, as apresentações realizadas em Lima produziram uma série de performances que buscavam sinalizar diferentes culturas que compõem o Peru, bem como visibilizar diferentes crenças, saberes, modos de ser e viver. A performance artístico-cultural inicial do evento foi realizada a partir da apresentação do poema *El Perú*, de composição do poeta peruano Marco Martos. A poesia aglutinou diferentes línguas faladas no Peru e, na rocha cenográfica, exibiu-se o nome das línguas utilizadas. O narrador do espetáculo sinaliza, em espanhol:

(06min 36seg) Senhoras e senhores, bem-vindos aos Jogos Pan-Americanos Lima 2019. A cerimônia começa com o poema “o Peru”, de Marco Martos, interpretado em todas as línguas da nação (Tradução nossa)⁶⁶.

Figura 28 - Projeção do poema escrito com diferentes línguas na montanha cenográfica



Fonte: Youtube⁶⁷

Em outra apresentação artística, realizou-se a representação de pássaro no alto do estádio, que está relacionado à história de Pariacaca, da mitologia andina. No palco, surgiram

⁶⁵ PUPETMASTERS. **Inauguración Juegos Panamericanos Toronto 2015**. YouTube, 19 jul. 2015. Duração: 2 h 57 min 51 s. Disponível em: <https://youtu.be/N8uJqGnI-d0>. Acesso em: 6 jan. 2026.

⁶⁶ Texto original: Damas y caballeros, bienvenidos a los Juegos Panamericanos Lima 2019. La ceremonia empieza con el poema “el Perú” de Marco Martos, interpretado en todas las lenguas de la nación.

⁶⁷ LIMA 2027. **Ceremonia de Inauguración Juegos Panamericanos | Lima 2019**. YouTube, 31 jul. 2019. Duração: 3 h 04 min 33 s. Disponível em: <https://youtu.be/PW3Vs8HNnKQ>. Acesso em: 7 jan. 2026.

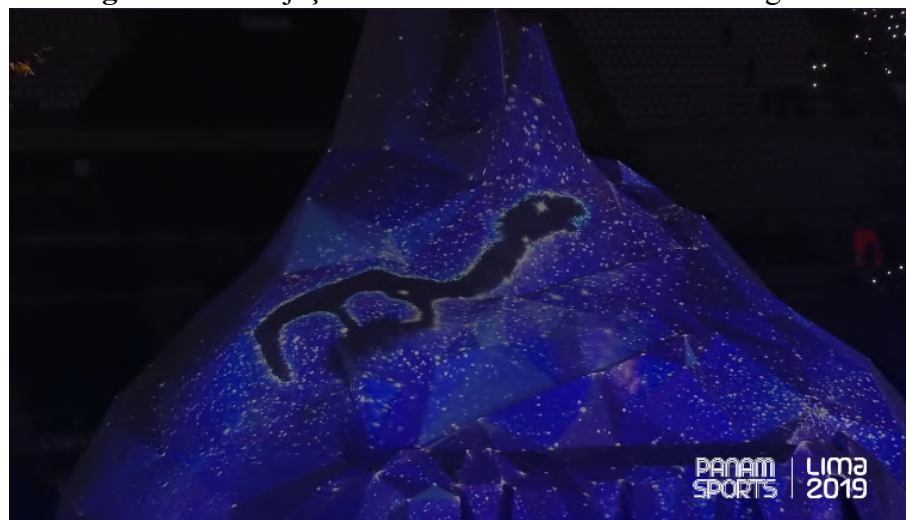
onze artistas com vestimentas que representam mensageiros denominados Chasquis, do Império Inca. Posteriormente, a montanha cenográfica passa a projetar um holograma que exhibe um céu na noite, com constelações, estrelas e um animal ao centro, que lembra uma lhama, representando a história de povos andinos, conhecida como *la Yakana* ou *la constelación de la llama*. Enquanto se projeta as imagens do céu, foi realizada a narração que contextualizou o momento.

Figura 29 - Artistas representando os Chasquis



Fonte: Youtube⁶⁸

Figura 30 - Projeção da la Yakana na montanha cenográfica



Fonte: Youtube⁶⁹

⁶⁸ LIMA 2027. **Ceremonia de Inauguración Juegos Panamericanos | Lima 2019**. YouTube, 31 jul. 2019. Duração: 3 h 04 min 33 s. Disponível em: <https://youtu.be/PW3Vs8HNnKQ>. Acesso em: 7 jan. 2026.

⁶⁹ LIMA 2027. **Ceremonia de Inauguración Juegos Panamericanos | Lima 2019**. YouTube, 31 jul. 2019. Duração: 3 h 04 min 33 s. Disponível em: <https://youtu.be/PW3Vs8HNnKQ>. Acesso em: 7 jan. 2026.

As apresentações em Lima também dedicaram um momento para exibir tradicionais embarcações denominadas *caballitos de totora*. Além disso, apresentaram cinco estilos de dança tradicionais do ritmo Marinera Peruana, a saber: *Marinera Limeña*, *Marinera Norteña*, *Marinera do Puno*, *Marinera Ayacuchana* e *Marinera Lamista*.

Figura 31 - Caballitos de totora



Fonte: Youtube⁷⁰

Em continuidade ao espetáculo, outra poesia reforçou o sentimento de identidade Peruana durante o evento. O narrador da cerimônia recitou, em espanhol:

(01h 42 min 15 seg)
 Raíces profundas que nos unem à nossa Terra.
 Ramos que alcançam o grande manto do cosmos.
 Longa é a cidade que abraçamos.
 O tronco que ancora os pilares de nossa sabedoria ancestral.
 Assim estas mulheres deixam nossa identidade (Tradução nossa)⁷¹.

A compreensão das múltiplas identidades locais, para além das narrativas produzidas pelo processo após o colonialismo bem como a valorização de seus conhecimentos, significados e modos de existência, constitui um passo fundamental para a superação de uma ideia de sociedade denunciada a partir do entendimento da colonialidade. Sustentada pela retórica de sociedade moderna universal, essa concepção mantém a concentração de poder e controle em matrizes de dominação alinhadas ao Norte-global privilegiando culturas e epistemes específicas (Quijano, 1992; Mignolo, 2011).

⁷⁰ LIMA 2027. *Ceremonia de Inauguración Juegos Panamericanos | Lima 2019*. YouTube, 31 jul. 2019. Duração: 3 h 04 min 33 s. Disponível em: <https://youtu.be/PW3Vs8HNnKQ>. Acesso em: 7 jan. 2026.

⁷¹ Texto original:

*Raíces profundas que nos unen a nuestra Tierra;
 Ramas que alcanzan el gran manto del cosmos;
 En largo es la ciudad que abrazamos;
 El tronco que ancla los pilares de nuestra sabiduría ancestral;
 Así estas mujeres. dejen nuestra identidad.*

Nesse sentido, a decolonialidade refere-se ao confronto da lógica da colonialidade e seus efeitos materiais, epistêmicos e simbólicos, que continuam a estruturar as relações sociais contemporâneas (Mignolo, 2011; Ballestrin, 2013; Maldonado-Torres, 2018). Maldonado-Torres (2018) inaugura o que denomina de “giro decolonial”, compreendido como um movimento de resistência teórica e prática, política e epistemológica, direcionado à crítica da lógica da modernidade/colonialidade.

“A decolonialidade, portanto, tem a ver com a emergência do condenado como pensador, criador e ativista e com a formação de comunidades que se juntem à luta pela descolonização como um projeto inacabado” (Maldonado-Torres, 2018, p.27). Esse processo deve ser amplo, em diferentes instituições, espaços e práticas sociais que ainda reproduzem as amarras da colonialidade. Nessa perspectiva, a superação da exposição de uma identidade universal, alinhada aos interesses e valores dos grupos dominantes bem como a perpetuação da retórica de união e positiva imposição de processos civilizatórios, possibilita a transformação das formas de percepção dos territórios, como os presentes nestes recortes das cerimônias e direciona a busca por processos de emancipação frente aos mecanismos históricos de controle, dominação e hierarquização.

Em Santiago 2023, observou-se o reconhecimento às manifestações tradicionais dos territórios a partir dos grupos folclóricos, patrimônio cultural imaterial chileno. No entanto, à luz de uma leitura indiciária, esses elementos funcionam menos como evidências conclusivas e mais como vestígios ambíguos, pois, ao mesmo tempo, tais escolhas cênicas configuram um gesto de reconhecimento das culturas específicas do território e operam como signos que, embora evocando o local, continuam atravessados por filtros estéticos e narrativos que remetem a matrizes externas.

Na cerimônia, não é possível identificar com precisão quais grupos carregam influências estrangeiras e quais mobilizam expressões culturais vinculadas a povos originários dos territórios atualmente compreendidos como Chile, bem como não há o nítido entendimento dos processos históricos de constituição de todos os grupos. Nesse contexto, mesmo que evidencie uma valorização do repertório cultural local, a utilização dessas expressões para representar diferentes regiões do território chileno não garantem um giro decolonial, de ruptura ao espectro de reprodução do pensamento eurocêntrico e produção de saberes próprios (Ballestrin, 2013).

Ainda assim, observa-se a existência de iniciativas estatais voltadas ao fortalecimento dessas manifestações culturais. Entre elas, destaca-se o financiamento promovido pelo

Ministério das Culturas, das Artes e do Patrimônio do Chile, por meio da Subdireção Nacional dos Povos Originários, que contempla, entre suas ações de apoio, o incentivo a agrupações folclóricas (Chile, 2024).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo rastreou indícios de colonialidade e decolonialidade em discursos, performances artístico-culturais, rituais, símbolos e protocolos presentes nas cerimônias de abertura do Pan de 2007 a 2023. Os dados encontrados foram examinados a partir da discussão teórica-epistemológica de colonialidade e decolonialidade, que demonstrou uma lógica de harmonia e pacificidade na retratação da formação histórica das nações e continentes.

A análise das narrativas e representações de colonialidade e decolonialidade nas cerimônias de abertura do Pan possibilitaram entender que dinâmicas coloniais e decoloniais são representadas na contemporaneidade por nações das Américas, a partir de uma plataforma de demonstração simbólica, cultural e exibição identitária ligada ao esporte. Diante dos achados, é possível afirmar que, ainda que as cerimônias de abertura tenham buscado, em alguma medida, valorizar as tradições nacionais com base no período pré-colonial, esta representação identitária foi marcada por diferentes nuances que forjam sentidos pacifistas.

Em específico, evidenciou-se nas cerimônias de abertura dos anos de 2007, 2015, 2019 e 2023, discursos vinculados à união e integração de maneira harmônica entre colonizados e colonizadores, apagando e deslegitimando processos de invasão, violência e exploração que marcaram o processo colonial e que repercutem na realidade contemporânea. Assim, conclui-se que o evento esportivo continental, enquanto linguagem social e dispositivo de produção de sentidos, opera também como uma pedagogia simbólica, isto é, como um mecanismo que ensina, naturaliza e difunde determinadas formas de ver o mundo.

As apresentações artísticas também reproduziram narrativas associadas à ideia de sujeitos selvagens e exóticos, beneficiados pelo processo civilizatório e de contínua busca à modernidade relacionada ao Norte-Global. Como, por exemplo, durante a cerimônia de abertura do Pan do Rio 2007, na qual uma das performances artísticas apresentou representações de povos originários junto a figuras folclóricas tradicionalmente associadas à cultura brasileira. De modo semelhante, na edição de Lima 2019, observou-se a exposição de povos situados em áreas da região amazônica peruana em meio a outras fantasias vinculadas às manifestações folclóricas do Peru.

Além disso, verificou-se indícios da permanência e naturalização de um pensamento hegemônico que situa países e territórios da América Latina em posição de inferioridade no sistema-mundo moderno colonial. Diante deste panorama, o Comitê Organizador dos Jogos

Pan-Americanos e Parapan-Americanos do Pan do Rio 2007 enfatizou, em seu discurso, a capacidade do Brasil para realizar um megaevento esportivo daquela magnitude. No Pan de Guadalajara 2011 o discurso feito por González Márquez, presidente do Comitê Organizador deste Pan mobilizou imaginários historicamente associados à inferioridade, ao atraso e à suposta incapacidade atribuída aos países latino-americanos.

Na cerimônia de abertura dos Jogos Pan-Americanos de Lima 2019, o presidente da PanAm Sports, Neven Ilic, ressaltou a competência do Peru para organizar o evento e buscou reforçar a imagem do país como um agente moderno, competente e confiável no campo esportivo internacional. No Pan de 2023, parte do texto recitado pela atriz Amparo Nogueira evidencia e problematiza percepções de inferioridade historicamente naturalizadas conectadas ao Chile. Por outro lado, a cerimônia de abertura de Santiago, procurou reafirmar o País como tecnologicamente desenvolvido e moderno frente a outros países e territórios das Américas e do mundo.

Na cerimônia de Toronto 2015, embora não tenham sido observados esforços voltados à promoção do Canadá como uma nação moderna ou à legitimação de sua capacidade para sediar um evento esportivo dessa magnitude, observaram-se narrativas relacionadas aos processos de formação identitária do país. A cerimônia mobilizou representações fundamentadas em uma concepção multicultural da nação, celebrando a integração de diferentes grupos culturais na sua constituição social, bem como do reconhecimento do lacrosse enquanto esporte interpelado por modificações a partir de processos ditos “civilizatórios” estabelecidos por colonizadores.

No que se refere à construção de arcabouço teórico para discussões históricas e socioculturais do Pan, foi possível identificar que a percepção de indícios da instrumentalidade colonial e as possibilidades de apropriação decoloniais tanto nas cerimônias de abertura quanto na produção científica sobre a construção e desenvolvimento destes Jogos permitem uma visão ampla da conformação e estruturação do esporte nas Américas, promovendo releituras sobre sua materialização. Assim, evoca-se a necessidade de problematizar o lugar do esporte na colonialidade do ser, do saber e do poder a fim de impulsionar rupturas teóricas, ideológicas e um sentido de práxis investigativa, educacional e social sobre o fenômeno esportivo.

Assim, ao reinscrever o esporte em uma matriz crítica que confronta a colonialidade, o trabalho contribui para a emergência de leituras decoloniais que reposicionam o Pan como campo de disputa simbólica e como espaço de produção de sentidos que merece ser

reexaminado à luz de epistemes outras; desse modo, reafirma-se a necessidade de seguir investigando eventos esportivos, cerimônias e diferentes fontes em busca de vestígios que revelem tanto permanências coloniais quanto possibilidades de ruptura, ampliando o horizonte de análises decoloniais sobre o esporte nas Américas.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. O espetáculo esportivo na construção das representações sobre a identidade brasileira: uma análise da abertura dos Jogos Pan-americanos de 2007-o" Pan do Brasil". **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 37, p. 333-340, 2015.

ARAÚJO, Anderson Leon Almeida; DUPRET, Leila. Entre atabaques, sambas e orixás. **Revista Brasileira de Estudos da Canção**, v. 2238, p. 1198, 2012.

ARBENA, Joseph L. Nationalism and sport in Latin America, 1850–1990: The paradox of promoting and performing ‘European’sports. **The International Journal of the History of Sport**, v. 12, n. 2, p. 220-238, 1995.

ASCENSO, João Gabriel da Silva. Colonialidade, raça e mestiçagem no ensaísmo sobre a América Latina no século XX: pensando alternativas ao “universalismo excludente”. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, n. 17, p. 169–188, 2014.

ASOCIACIÓN PERUANO JAPONESA. **Los nikkei en el Perú**. Lima, [s.d.]. Disponível em: <https://www.apj.org.pe/los-nikkei-en-el-peru>. Acesso em: 23 maio 2026.

AYERBE, Luis Fernando. **Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista brasileira de ciência política**, p. 89-117, 2013.

BALZANO, Otávio Nogueira; FERREIRA DA SILVA, Gilberto . Futebol a maior expressão popular do Brasil: movimentos decoloniais. **RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 10, n. 38, p. 314-328, 2018.

BAPTISTA, Livia Márcia Tiba Rádis. Paradigma indiciário: contribuições para a investigação da construção das identidades de futuros professores de línguas. **Signótica**, v. 27, n. 2, p. 565-582, 2015.

BEZERRA DE OLIVEIRA, José Adeildo. Conhecer para conquistar: Estudo comparativo das conquistas dos Impérios Astecas e Inca. **Revista Ameríndia - História, cultura e outros combates**. Fortaleza, v.3, n.1 p. 1-11, 2007.

BÓRQUEZ, Jorge Silva; MESINA, Silvana González. Multisport Games in South America. In: BRAVO, Gonzalo; LÓPEZ DE D’AMICO, Rosa; PARRISH, Charles (org.). Sport in Latin America: Policy, Organization, Management. London: Routledge, p.176-193, 2016.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo. **Questões de sociologia**, p. 136-153, 1983.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

BROHM, Jean-Marie. **Sociología política del deporte**. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.

CAJUEIRO, Ezequiel Pedro Farias; PEIXOTO, José Adelson Lopes. Elementos sagrados ou profanos: imagens conflitantes da abertura dos Jogos Olímpicos 2024. **PLURA, Revista de Estudos de Religião**, v. 15, n. 3, p. 230-247, 2024.

CAMPOS, Raimundo Sidnei dos Santos; PAIVA, Nataliana de Souza. O paradigma indiciário na investigação da educação em saúde na escola. In: CASTRO, Paula Almeida de; ARAÚJO, Alexandre Medeiros de (org.). **Fundamentos da educação**. Campina Grande: Realize Eventos, v. 3, 2024.

CARTER, Thomas. The political fallacy of baseball diplomacy. **Peace Review**, v. 11, n. 4, p. 579-584, 1999.

CARTER, Thomas F. Cuba's challenges hosting the 1991 Pan-American games and the spectacle of the revolution's 'soft power'. In: **Historicizing the Pan-American Games**. Routledge, 2018. p. 200-215.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da "invenção do outro". A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: **CLACSO**, p. 87-95, 2005.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL., Ramón. **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

CHARITAS, Pascal. The relationship between African States and the International Olympic Committee. In: **6ème Conférence européenne des Etudes Africaines (ECAS)**. 2015.

CARLISLE, Jeffrey D. Apache Indians. **Handbook of Texas Online**. Austin: Texas State Historical Association, 2020. Disponível em: <https://www.tshaonline.org/handbook/entries/apache-indians>. Acesso em: 02 jun. 2026.

CHATZIEFSTATHIOU, Dikaia. The Diffusion of Olympic Sport Through Regional Games: A Comparison of Pre and Post Second War Contexts. éditeur non identifié. **International Olympic Committee**, 2008.

CHILE. Ministerio de las Culturas, las Artes y el Patrimonio. Subdirección Nacional de Pueblos Originarios. **Carta de apoyo**. Santiago, 2024. Disponível em: https://www.pueblosoriginarios.gob.cl/sites/www.pueblosoriginarios.gob.cl/files/2024-11/carta_de_apoyo_0.pdf. Acesso em: 20 mai. 2026

CLEVENGER, Samuel M. Sport history, modernity and the logic of coloniality: A case for decoloniality. **Rethinking history**, v. 21, n. 4, p. 586-605, 2017.

COELHO, Luciano Silveira. **Infância, aprendizagem e cultura:** as crianças pataxó e as práticas sociais do Guarani. 2011. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

CORREIA DA SILVA, Gabriela . O pan-americanismo e o projeto de construção de um passado comum para os países das Américas: Uma análise das atividades da União Pan-Americana através da coleção Pan-American Patriots. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 46, n. 3, p. e36345-e36345, 2020.

CRESWELL, John W.; TASHAKKORI, Abbas. Differing perspectives on mixed methods research. **Journal of mixed methods research**, v. 1, n. 4, p. 303-308, 2007.

DAUWE, Fabiano. **História Moderna**. Indaial: Uniasselvi, 2008.

DELGADO, Carlos. Cuerpo y nacionalismo en los ballets folklóricos de Chile. **A. Dnz**, n. 2, p. 16-23, 2016.

DELSAHUT, Fabrice. From baggataway to lacrosse: An example of the sportization of native American games. **The International Journal of the History of Sport**, v. 32, n. 7, p. 923-938, 2015

DIAS, Cleber; FORTES, Rafael; MELO, Victor Andrade de. Sobre as ondas: surfe, juventude e cultura no Rio de Janeiro dos anos 1960. Rio de Janeiro: **Estudos Históricos**, v. 25, p. 112-128, 2012.

DONGHI, Tulio Halperían. Historiografía colonial hispano-americana e multiculturalismo: a história da colonização entre a perspectiva do colonizador e a do colonizado. **Revista Estudos Históricos**, v. 10, n. 20, p. 163-194, 1997.

DOS SANTOS, Ricardo Pinto et al. Uma breve história social do esporte no Rio de Janeiro. **Memória social dos esportes: Futebol e política: A construção de uma identidade nacional**, 2006.

DUNNING, Eric. (Org.). **Sociologia do Esporte e os Processos Civilizatórios**. 1ed.São Paulo: Annablume, 2014.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidad y eurocentrismo. **Revista de Cultura Teológica**, n. 4, p. 69-81, 1993.

DUSSEL, Enrique. **El encubrimiento del otro**. Hacia el origen del mito de la modernidad, v. 3, 1994.

DYRESON, Mark. The Original Pan-American Games? The 1937 Dallas Pan-American Olympics. In: **Historicizing the Pan-American Games**. Routledge, 2016. p. 06-28.

EGLER, Tamara Tania Cohen; OLIVEIRA, Fabiana Mabel. Jogo no Rio. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 12, n. 2, p. 87-87, 2010.

ELSEY, Brenda. Cultural Ambassadorship and the Pan-American Games of the 1950s. In: **Historicizing the Pan-American Games**. Routledge, 2018. p. 119-140.

ESCOBAR, Arturo. Mundos y conocimientos de otro modo: el programa de investigación modernidad/colonialidad latinoamericano. **Tabula Rasa**, n. 1, p. 58-86, 2003.

FERNANDES SILVA, Carolina; CARMONA, Eduardo Klein; MAZO, Janice Zarpellon. De passatempo à prática esportiva: o ciclismo em Porto Alegre na transição do século XIX para o século XX. **LICERE**-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, v. 18, n. 4, p. 26-48, 2015.

FERREIRA, Nilda Tevês; COSTA, Vera L. M. Legado político dos jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro: O imaginário do Pan. **Legados de Megaeventos Esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

FERREIRA JÚNIOR, Neilton de Sousa. Sociogênese da tolerância do esporte moderno ao racismo. In: RUBIO, Katia; FERREIRA JÚNIOR, Neilton de Sousa (org.). **Racismo e esporte no Brasil: um panorama crítico e propositivo**. Editora Tato, 2023.

FERREIRA SANTOS, Guilherme. “Um mundo, um sonho”. Uma utopia? **Narrações midiáticas de valores olímpicos e esportivos na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim - 2008**. 2012. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

FIELD, Russell; KIDD, Bruce. Canada and the Pan-American games. In: **Historicizing the Pan-American Games**. Routledge, 2016. p. 230-252.

FIGUEIREDO, Carlos. Estudos Subalternos: uma introdução. **Revista Raído**, v. 4, n. 7, p. 83-92, 2010.

FORSYTH, Janice et al. (Ed.). **Decolonizing sport**. Fernwood Publishing, 2023.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; SILVA, Filipe Noé. Por que estudar a antiguidade da Península Ibérica no Brasil?. **História Revista**, v. 25, n. 1, p. 40-53, 2020.

FROSI, Tiago Oviedo et al. A prática do ciclismo em clubes de Porto Alegre/RS. **Pensar a prática**: revista da pós-graduação em educação física. Vol. 14, n. 3 (set./dez. 2011), p. 1-18, 2011.

GAIA, Ronan da Silva Parreira; VITÓRIA, Alice Silva. Orixás, nkises e voduns: as nomenclaturas e etnias dos sagrados nos candomblés ketu, bantu e jeje. **Revista Calundu** - Vol, v. 5, n. 1, 2021.

GALANTE, Luciana. Entre naturezas e culturas: elementos míticos e aspectos da espiritualidade guarani mbyá. **Caminhos de Diálogo**, v. 10, n. 16, p. 31-45, 2022.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. L&PM Editores, 2010.

GAMA, Jean Carlos Freitas; NETO, Amarílio Ferreira; DOS SANTOS, Wagner. O ESPORTE NA AMÉRICA LATINA E SUAS MANIFESTAÇÕES: UMA ANÁLISE DOS DISPOSITIVOS LEGAIS. In: **XXII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IX Congresso Internacional de Ciências do Esporte**. 2021.

GAVIÃO, Leandro. **Do Pan-Americanismo ao Sul-Americanismo**: as identidades supranacionais no continente americano em três tempos (1826, 1960 e 2008). 2018. Tese (Doutorado em História Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

GEMS, Gerald R. The athletic crusade: sport and colonialism in the Philippines. **The International Journal of the History of Sport**, v. 21, n. 1, p. 1-15, 2004.

GEMS, Gerald R. **The athletic crusade**: Sport and American cultural imperialism. U of Nebraska Press, 2006.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais** – Morfologia e história. 3ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, C.; PONI, C. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG; CASTELNUOVO; PONI, **A micro-história e outros ensaios**. Tradução de A. Narino. Lisboa: Edifel, p. 169-178, 1991.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista crítica de ciências sociais**, n. 80, p. 115-147, 2008.

GUTIERREZ, Diego Monteiro et al. Um estudo sobre a introdução e institucionalização do rugby no Brasil. **Journal of Physical Education**, v. 28, p. e2841, 2017.

HENRICH, Nathalia; ABREU, Luciano Aronne de (org.). Pan-americanismo: novos olhares sobre as relações continentais. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 46, n. 3, p. 1-6, set./dez. 2020.

HORNE, John; MANZENREITER, Wolfram. An introduction to the sociology of sports mega-events. **The sociological review**, v. 54, n. 2, p. 1-24, 2006.

HERNÁNDEZ DELGADO, Esperanza. Memoria, resistencia y poder pacífico transformador de pueblos indígenas de las Amazonas colombiana y peruana. **Papel político**, 2015.

HUANG, Zhicang. Redes comerciales, consulares y religiosas en la emigración china a América Latina del siglo XIX. **Ibero-América Studies**, v. 11, n. 1, p. 38-51, 2026.

IVO TAVARES, Pedro. **Os impactos socioeconômicos para as cidades-sede de mega-eventos esportivos**: Jogos Pan-americanos. São Paulo, 2004. 40p. Monografia – Faculdade de Economia e Administração. Insper Instituto de Ensino e Pesquisa, 2004.

JESUS, Gilmar Mascarenhas. Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. **Revista Estudos Históricos**, v. 13, n. 23, p. 17-40, 1999.

JESUS, Gilmar Mascarenhas. Mega-eventos esportivos, desenvolvimento urbano e cidadania: uma análise da gestão da cidade do Rio de Janeiro por ocasião dos Jogos Pan-Americanos-2007. **Scripta Nova - Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, v. 11, 2007.

JOÃO DA SILVA, Eliazar. De esporte das elites ao esporte das massas: a trajetória do futebol no Brasil. **Fronteiras**, v. 14, n. 25, p. 99-110, 2012.

KIDD, Bruce. A new social movement: Sport for development and peace. **Sport in society**, v. 11, n. 4, p. 370-380, 2008.

KIDD, Bruce; TORRES, César (Org.). **Historicizing the Pan-American Games**. Routledge, 2018.

LAHTI, Janne. Apache Land: Indigenous Colonialism on North America's Borderlands. **Comparativ**, v. 30, n. 3/4, p. 339-354, 2020.

LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: **CLACSO**, p. 8-23, 2005.

LEANDRO, Everaldo Gomes; PASSOS, Cármen Lúcia Brancaglioni. O paradigma indiciário para análise de narrativas. **Educar em Revista**, v. 37, p. e74611, 2021.

LEMONS, Rafael Medeiros; GUEDES, Raquel Cordeiro. A popularização do futebol no Rio de Janeiro durante a República Velha. **Revista Historiador**, n. 1, 2008.

LISE, Riqueldi Straub; CAPRARO, André Medes; SANTOS, Natascha. Cinema, esporte e apartheid: considerações balizadas pelo filme More Than Just a Game. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 55, p. 221-245, 2011.

LOSANO, Mario G.; PAROLA, Giulia. Migrantes do Japão para o Peru e retorno: O primeiro tratado igualitário da era Meiji: 1873. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 184, n. 492, p. 32-57, 2023.

MACALOON, John J. Olympic Games and the theory of spectacle in modern societies. In: **The Olympics**. Routledge, 2023. p. 80-107.

MACALOON, John J. **Rite, drama, festival, spectacle**. Philadelphia: Institute for the Study of Human Issues, 1984.

MACALOON, John. Historical Erasure and Cold War Inter-American Relations: The Chicago 1959 Pan-American Games. In: **Historicizing the Pan-American Games**. Routledge, 2016.

MAIA, Fernando Joaquim Ferreira; FARIAS, Mayara Helenna Veríssimo de. Colonialidade do poder: a formação do eurocentrismo como padrão de poder mundial por meio da colonização da América. **Interações (Campo Grande)**, v. 21, n. 3, p. 577-596, 2020.

MALAIA SANTOS, João Manuel Casquinha. Brazil: an emerging power establishing itself in the world of international sports mega-events. **The International Journal of the History of Sport**, v. 31, n. 10, p. 1312-1327, 2014.

MALDONADO-TORRES, Nelson. On the coloniality of being: Contributions to the development of a concept. **Cultural studies**, v. 21, n. 2-3, p. 240-270, 2007.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. **Revista crítica de ciências sociais**, n. 80, p. 71-114, 2008.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**, v. 2, p. 27-53, 2018.

MALANSKI, Daniel. As narrativas sobre os indígenas brasileiros nos megaeventos mundiais do século XXI. **Revista Extraprensa**, v. 13, n. 1, p. 208-226, 2019.

MALANSKI, Daniel. **Olympic Opening Ceremonies: Memory and Modernity**. Taylor & Francis, 2025.

MALINOWSKI, Gabriel Gesualdi et al. **Montagens do público e do privado no arquivo audiovisual: imaginação histórica e cultura do fragmento a partir de filmes de Carlos Nader**. 2020. Disponível em: <https://www.bdt.uerj.br:8443/handle/1/16544>. Acesso em 13 de nov. 2025.

MAZO, Janice Zarpellon; FROSI, Tiago Oviedo. Em busca da identidade luso-brasileira no associativismo esportivo em Porto Alegre no princípio do século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 30, n. 2, 2009.

MAZO, Janice; GAYA, Adroaldo. As associações desportivas em Porto Alegre, Brasil: espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira. **Revista Portuguesa de Ciência e Desporto**, v. 6, p. 205-13, 2006.

MELO, Victor Andrade. O mar e o remo no Rio de Janeiro do século XIX. **Revista Estudos Históricos**, v. 13, n. 23, p. 41-72, 1999.

MELO, Victor Andrade de. Antes do club: as primeiras experiências esportivas na capital do Império (1825-1851). **Projeto História**, São Paulo, v. 49, p. 197-236, abr. 2014.

MELO, Victor Andrade. O sport em transição: Rio de Janeiro, 1851-1868. **Movimento**, p. 363-376, 2015.

MELO, Victor Andrade. Os Jogos Desportivos Luso-Brasileiros e os Congressos Luso-Brasileiros de Educação Física no âmbito das relações internacionais Brasil-Portugal (década de 1960). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, n. 1, p. 34-41, 2016.

MELO, Victor Andrade. A sociabilidade britânica no Rio de Janeiro do século XIX: os clubes de Cricket. **Almanack**, p. 168-205, 2017a.

MELO, Victor Andrade. Para inglês ver? Os clubes de cricket e a sociabilidade britânica em Recife (1865-1906). **Territórios e Fronteiras**, v. 10, n. 1, p. 161-178, 2017b.

MELO, Victor Andrade de. Uma diversão civilizada—a patinação no Rio de Janeiro do século XIX (1872-1892). **Locus: revista de história**, v. 23, n. 1, 2017c.

MELO, Victor Andrade de. Trânsitos culturais: as experiências dos primeiros clubes athleticos do Rio de Janeiro (1873-1883). **Movimento**, n. 25, p. 1-13, 2019.

MELO, Victor Andrade. Forjando a capital: as experiências dos primeiros clubes de turfe e remo de Niterói (décadas de 1870-1880). *Tempo*, v. 26, p. 43-66, 2020a.

MELO, Victor Andrade. Novas performances públicas. Os clubes Athleticos e a educação do corpo. **Cadernos de História da Educação**, v. 19, n. 3, p. 1051-1068, 2020b.

MELO, Victor Andrade. Uma geografia do esporte: as experiências dos clubes de iatismo da Zona da Leopoldina (Rio de Janeiro, 1941-1954). **GEOUSP Espaço e Tempo**, v. 24, n. 1, p. 83-103, 2020c.

MELO, Victor Andrade; FORTES, Rafael. História do esporte: panorama e perspectivas. **Fronteiras: Revista de História**, v. 12, n. 22, p. 11-35, 2010.

MELO, Victor Andrade; GOMES, Eduardo Souza. Os britânicos e os clubes de cricket na São Paulo do século XIX (anos 1870-1890). **Revista de História (São Paulo)**, p. a07417, 2019.

MELLO, Affonso de Toledo Bandeira de. **O espírito do pan-americanismo**. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1956.

THE MÉTIS NATION OF ONTARIO. **MNO signs agreement with organizers of TORONTO 2015 Games**, 6 set. 2013. Disponível em: <https://www.metisnation.org/news/mno-sign-agreement-with-organizers-of-toronto-2015-games/>. Acesso em: 28 mai. 2026.

MEZZARROBA, Cristiano; PIRES, Giovni De Lorenzi. O agendamento midiático-esportivo: considerações a partir dos Jogos Pan-americanos Rio/2007. **Logos**, v. 17, n. 2, p. 124-136, 2010.

MEZZARROBA, Cristiano; PIRES, Giovani De Lorenzi. Os jogos pan-americanos rio/2007 e o agendamento midiático-esportivo: um estudo de recepção com escolares. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, n. 2, p. 337-355, 2011.

MIAGUSKO, Edson. Antes da Copa, depois do Pan: o Rio de Janeiro na era dos megaeventos esportivos. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 12, p. 395-408, 2020.

MILANEZ, Felipe et al. O fazer coletivo como método curatorial: arte indígena, re-ocupações e disputas contra o imaginário colonial. **MODOS: Revista de História da Arte**, v. 8, n. 2, p. 664-704, 2024.

MIGNOLO, Walter. Postoccidentalismo: el argumento desde América Latina. **Cuadernos americanos**, v. 67, n. 1, p. 143-165, 1998.

MIGNOLO, Walter D. The geopolitics of knowledge and the colonial difference. **South Atlantic Quarterly**, v. 101, n. 1, p. 57-96, 2002.

MIGNOLO, Walter D. Historias locales/diseños globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. **Ediciones Akal**, 2003.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: **CLACSO**, p. 35-54, 2005.

MIGNOLO, Walter. **La idea de América Latina**: la herida colonial y la opción decolonial. Gedisa Editorial, 2007. Traduzido por Silvia Jawerbaum e Julieta Barba.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 34, n. 1, p. 287-324, 2008.

MIGNOLO, Walter. **The darker side of western modernity**: Global futures, decolonial options. Duke University Press, 2011.

MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. **On decoloniality**: Concepts, analytics, praxis. Duke University Press, 2018.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: 2001.

MONTEIRO, John Manuel. **Tupis, tapuias e historiadores**: estudos de história indígena e do indigenismo. 2001. Tese (Livre-Docência) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

MORAES, Ronaldo Dreissig de. **O Ciclismo nos clubes de Porto Alegre/RS**: entre o passado e o presente. 2014. 62 p. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

NATIONAL LIBRARY OF JAMAICA. **Jamaica Independence, 1962**. Kingston, 2025. Disponível em: <https://nlj.gov.jm/jamaicaindependence1962/>. Acesso em: 20 mai. 2026.

NOTHEN, Guilherme. Paving the olympic dream: the politics of the 2007 pan-American games in Rio de Janeiro. In: **Historicizing the Pan-American Games**. Routledge, 2018. p. 216-229.

NUNES, Everardo Duarte. As ciências sociais e humanas e a pandemia de COVID-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n. 11, p. 4071-4074, 2022.

OLIVEIRA, Alberto. Megaevents, urban management, and macroeconomic policy: 2007 Pan American Games in Rio de Janeiro. **Journal of Urban Planning and Development**, v. 137, n. 2, p. 184-192, 2011.

OLIVEIRA DA SILVA, Bruno; TRICÁRICO, Luciano Torres; PEREIRA, Yára Christina Cesário. O Desvelar Simbólico da Identidade Nacional na Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016. *Razón y Palabra*, v. 23, n. 105, 2019.

OSELAME, Mariana Corsetti. Os Jogos Pan-Americanos como expressão do pan-americanismo nas páginas do jornal O Globo. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 5, n. 1, jan./jun. 2016. ISSN 2238-5126.

PAN-AMERICAN SPORTS ORGANIZATION. Constitution of the Pan American Sports Organization. **Pan-American Sports Organization**, 2020. p. 1-52.

PAULA, Flavio José de; ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. Iemanjá, da África para o Brasil: mitologia e identidade. *Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*, v. 26, n. 2, p. 227-242, 2023.

PAZIANI, Rodrigo Ribeiro; PERINELLI NETO, Humberto. A linguagem posta à prova pelo tempo: Carlo Ginzburg e suas contribuições para a história da educação. **História da Educação**, v. 22, p. 314-333, 2018.

PEREIRA, Anderson Carvalho. Memória discursiva e ideologia: análise das propagandas dos grandes eventos esportivos do Brasil contemporâneo. **Revista Intertexto**, v. 9, n. 2, 2016.

PUERTO RICO REPORT. **Statehood: Yes or No**. San Juan, 29 abr. 2026. Disponível em: <https://puertoricoreport.com/statehood-yes-or-no/>. Acesso em: 20 mai. 2026.

PRODANOV, Cleber C.; DE OLIVEIRA, Everaldo Pedrozo. O floriano nos Jogos Pan-americanos de 1956: A cobertura do jornal o 5 de abril. **Recorde**, v. 11, n. 1, p. 1-19, 2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. **Perú indígena**, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina. **Anuário Mariateguiano**, v. 9, n. 9, p.113-121, 1997.

QUIJANO, Aníbal. Coloniality of power and Eurocentrism in Latin America. **International sociology**, v. 15, n. 2, p. 215-232, 2000.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, p. 117-144, 2005.

QUIROS, David J. Wysocki. Una antorcha de esperanza: Mexico and the 1955 Pan-American Games. In: **Historicizing the Pan-American Games**. Routledge, 2016.

QUITZAU, Evelise Amgarten. Entre a ginástica e o esporte: educação do corpo e manutenção da identidade nas sociedades ginásticas teuto-brasileiras. **Educação em Revista**, v. 35, p. e217174, 2019.

REIN, Raanan. Turning the Country into an “Immense and Clamorous Stadium”: Perón, the New Argentina, and the 1951 Pan-American Games. In: **Historicizing the Pan-American Games**. Routledge, 2018. p. 45-58.

REYNOLDS, Susan. What do we mean by “Anglo-Saxon” and “Anglo-Saxons”? **Journal of British Studies**, v. 24, n. 4, p. 395-414, 1985.

RODRIGUES, Márcia Barros Ferreira.. Razão e sensibilidade: reflexões em torno do paradigma indiciário. **Dimensões-Revista de História da Ufes**, n. 17, p. 213-221, 2005.

RODRIGUES, Márcia Barros Ferreira. Paradigmas para o século XXI: possibilidades de aplicação do paradigma indiciário de corte psicanalítico às ciências humanas e sociais. Passagens. **Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica**, v. 6, n. 2, p. 234-253, 2014.

RUBIO, Kátia. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 24, p. 55-68, 2010.

RUBIO, Kátia. A dinâmica do esporte olímpico do século XIX ao XXI. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 25, p. 86-90, 2011.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de história & ciências sociais**, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009.

SANDRONI, Carlos. Samba de roda, patrimônio imaterial da humanidade. **Estudos avançados**, v. 24, n. 69, p. 373-388, 2010.

SANTOS, Doiara Silva. **Avery Brundage, Pan-American Games, and Entrenchment of the Olympic Movement in Latin America**. 2015. 227 p. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Física, Departamento de Ciências da Saúde, Western University, London, 2015.

SANTOS, Doiara Silva. Os Jogos Pan-americanos e o enraizamento do movimento olímpico na América Latina. **Movimento**, p. 989-1000, 2017.

SANTOS, Doiara Silva dos. The Pan-American Games’ development (1955-1959). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 44, p. e002522, 2022.

SANTOS, Doiara Silva et al. Santiago 2023 opening ceremony: from the “end” to the “beginning” of the world. **Olimpianos-Journal of Olympic Studies**, v. 8, p. 121-134, 2024.

SANTOS, Doiara Silva dos; ABREU, Fernanda Santos de; CAETANO, Clarisse Silva. Breaking Barriers: Latin American and Caribbean Women and Olympic Gold. **Cadernos de Educação, Tecnologia e Sociedade**, in press.

SCHNEIDER, Omar et al. A educação física, o esporte e o (pan-) americanismo em revista (1932-1950). **Revista Educação Física/UEM**, v. 25, n. 2, p. 245-256, 2. trim. 2014

SCHWAMBORN, Ingrid. **O guarani era um tupi**. Sobre os romances indianistas O guarani, Iracema, Ubirajara de José de Alencar. Fortaleza: Casa de José de Alencar-UFC, 1998.

SEMERARO, Giovanni. Modernidade, colonialismo e emancipação: reflexos na crise atual do Brasil. In: RUEDA, Eduardo; VILLAVICENCIO, Susana. **Modernidad, Colonialismo y Emancipación En América Latina**. CLACSO, 2018. p. 163-78.

SHEININ, David MK. The 1971 Pan-American games and the search for Colombian modernities. **The International Journal of the History of Sport**, v. 33, n. 1-2, p. 147-163, 2016.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CORDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 33-44, 2009.

SIX NATIONS OF THE GRAND RIVER. **Who We Are**. 2025. Disponível em: <https://www.sixnations.ca/who-we-are/>. Acesso em: 10 mar. 2026

SOTOMAYOR, A. Colonial Olympism: Puerto Rico and Jamaica's Olympic Movement in Pan-American Sport, 1930 to the 1950s. **The International Journal of the History of Sport**, v. 33, n. 1-2, p. 84-104, 2016.

SOUZA, Glauco José Costa. "O football nós podemos jogar": uma análise sobre o desenvolvimento do futebol fora dos clubes da elite do rio de janeiro. **Recorde**, v. 8, n. 2, p. 1, 2015.

SPÀ, Miquel de Moragas; RIVENBURGH, Nancy K.; LARSON, James F. **Television in the Olympics**. London: John Libbey and Co. Ltd., 1995. ISBN 978-0-86196-538-0.

SUASSUNA, Livia. Pesquisa qualitativa em Educação e Linguagem: histórico e validação do paradigma indiciário. **Revista Perspectiva**, v. 26, n. 1, p. 341-77, 2008.

TADEU DA SILVA, Tomaz et al. A produção social da identidade e da diferença. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: **Vozes**, p. 73-102, 2000.

TANABE, Fabiana Hitomi. **Hábitos alimentares de nikkeis**: uma revisão sistemática. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Nutrição) - Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

TAVARES, Otávio. **Esporte, movimento olímpico e democracia**: o atleta como mediador. 2003. Tese (Doutorado)-Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

TODD, Jan; ROSENKE, Daniel L. 'The event that shook the whole world up': historicizing the 1983 Pan-American games doping scandal. In: **Historicizing the Pan-American Games**. Routledge, 2018. p. 178-199.

TONIAL, Felipe Augusto Leques; MAHEIRIE, Kátia; GARCIA JR, Carlos Alberto Severo. A resistência à colonialidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 16, n. 1, p. 18-26, 2017.

TORRES, Cesar R. The limits of Pan-Americanism: the case of the failed 1942 Pan-American Games. **The International Journal of the History of Sport**, v. 28, p. 2547-2574, 2011.

TORRES, Cesar R. **Jogos Olímpicos Latino-Americanos**: Rio de Janeiro 1922. Manaus: Confederação Brasileira de Atletismo, 2012.

TORRES, Cesar R. Olympic or sacred? The controversy over the flame at the inaugural 1951 Pan-American Games and its aftermath. **The International Journal of the History of Sport**, v. 36, n. 4-5, p. 340-358, 2019.

TORRES, Cesar R.; KIDD, Bruce. Introduction: The history and relevance of the Pan-American games. In: KIDD, Bruce; TORRES, Cesar R. (org). **Historicizing the Pan-American Games**. Routledge, 2018. p. 17-21.

TUCK, Eve; YANG, K. Wayne. Decolonization is not a metaphor. **Decolonization: Indigeneity, education & society**, v. 1, n. 1, p. 1-40, 2012.

UNESCO. Mariachi, string music, song and trumpet. **UNESCO Intangible Cultural Heritage**, 2012. Disponível em: <https://ich.unesco.org/en/RL/mariachi-string-music-song-and-trumpet-00575>. Acesso em: 23 maio 2026.

UNESCO. Charrería, equestrian tradition in Mexico. **UNESCO Intangible Cultural Heritage**, 28 nov. 2016. Disponível em: <https://ich.unesco.org/en/RL/charrerria-equestrian-tradition-in-mexico-01108>. Acesso em: 23 maio 2026.

URRIOLA, Luis Miguel Gomez Cornejo. Urbanização neoliberal e megaeventos em Lima e Callao. **Cadernos Metrópole**, v. 24, n. 54, p. 501-522, 2022.

VIDAL, Julia; SOUZA, Júlia Muniz. A moda e seu ensino decolonial como tecnologias de encantamento para preservação das vestimentas indígenas no cotidiano. **Dobras - revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, n. 40, p. 67-87, 2024.

WALLERSTEIN, Immanuel. The Geoculture of Development, or the Transformation of our Geoculture? **Asian Perspective**, v. 17, n. 2, p. 211-225, 1993.

WALLERSTEIN, Immanuel. World-systems analysis. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (org.). **Social theory today**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Capitalismo histórico e civilização capitalista**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Contraponto, p. 1-144, 2001.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y (de)colonialidad: Perspectivas críticas y políticas. **Visão Global**, v. 15, n. 1-2, p. 61-74, 2012.

WALSH, Catherine; OLIVEIRA, Luiz Fernandes; CANDAU, Vera Maria. Colonialidade e pedagogia decolonial: Para pensar uma educação outra. **Education Policy Analysis Archives**, v. 26, p. 83-83, 2018.

WOLFE, Patrick. Settler Colonialism and the Elimination of the Native. **Journal of genocide research**, v. 8, n. 4, p. 387-409, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Modelo de fichamento utilizado para catalogação e análise do material selecionado sobre o Pan na produção acadêmica

FICHAMENTO 1			
TÍTULO	Introduction: The History and Relevance of the Pan-American Games		
ANO	2016		
AUTOR(A)	Cesar R. Torres	Bruce Kidd	
NACIONALIDADE	Argentino	Canadense	
LÍNGUA DE PUBLICAÇÃO	Publicação em língua inglesa		
EXCERTO / PÁGINA	Uma proposta da década de 1910 para estabelecer tal festival afirmava que o esporte "parecia oferecer um belo campo neutro para promover melhores relações pan-americanas" . Indiscutivelmente, os Jogos Pan-americanos constituem uma das tentativas mais visíveis de articular e mostrar o significado de uma Pan-América moderna e do Pan-Americanismo		01
	Antonio Sotomayor examina as maneiras pelas quais as ilhas caribenhas de Porto Rico e Jamaica desenvolveram discursos e identidades nacionais por meio de sua participação em festivais esportivos internacionais, incluindo os Jogos Pan-Americanos, como colônias dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha.		03
	Assim como muitos de seus antecessores, os Jogos Pan-Americanos de 1971 organizados em Cali foram concebidos como um projeto modernizador. O artigo de David Sheinin estuda os esforços dos planejadores para projetar uma imagem de uma Colômbia econômica e culturalmente diversificada, merecedora de entrar em um clube imaginado de nações modernas.		04

APÊNDICE B - Produção de científica sobre o Pan em perspectivas históricas e socioculturais (artigos)

TÍTULO	AUTORES (ANO)	LINK DE ACESSO	Nº
The Pan-American Games' development (1955-1959)	Doiara Silva dos Santos (2022)	https://www.scopus.com/record/display.uri?eid=2-s2.0-85139276681&origin=resultslist&sort=plf-f&src=s&sid=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806&sot=b&sdt=b&s=TITLE-ABS-KEY%28Pan+american+games%29&sl=33&sessionSearchId=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806	1
Olympic or Sacred? The Controversy over the Flame at the Inaugural 1951 Pan-American Games and Its Aftermath	Cesar R. Torres (2019)	https://www.scopus.com/record/display.uri?eid=2-s2.0-85073647654&origin=resultslist&sort=plf-f&src=s&sid=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806&sot=b&sdt=b&s=TITLE-ABS-KEY%28pan+american+games%29&sl=33&sessionSearchId=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806	2
Introduction: The History and Relevance of the Pan-American Games	Cesar R. Torres; Bruce Kidd (2016)	https://www.scopus.com/record/display.uri?eid=2-s2.0-84964502044&origin=resultslist&sort=plf-f&src=s&sid=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806&sot=b&sdt=b&s=TITLE-ABS-KEY%28pan+american+games%29&sl=33&sessionSearchId=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806	3
Canada and the Pan-American Games	Russell Field; Bruce Kidd (2018)	https://www.scopus.com/record/display.uri?eid=2-s2.0-84961212596&origin=resultslist&sort=plf-f&src=s&sid=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806&sot=b&sdt=b&s=TITLE-ABS-KEY%28pan+american+games%29&sl=33&sessionSearchId=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806	4
Cultural Ambassadorship and the Pan-American Games of the 1950s	Brenda Elsey (2018)	https://www.scopus.com/record/display.uri?eid=2-s2.0-84961209639&origin=resultslist&sort=plf-f&src=s&sid=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806&sot=b&sdt=b&s=TITLE-ABS-KEY%28pan+american+games%29&sl=33&sessionSearchId=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806	5

The Original Pan-American Games? the 1937 Dallas Pan-American Olympics	Mark Dyreson (2016)	https://www.scopus.com/record/display.uri?eid=2-s2.0-84961205465&origin=resultslist&sort=plf-f&src=s&sid=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806&sot=b&sdt=b&s=TITLE-ABS-KEY%28pan+american+games%29&sl=33&sessionSe archId=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806	6
'The Event That Shook the Whole World Up': Historicizing the 1983 Pan-American Games Doping Scandal	Jan Todd; Daniel L. Rosenke (2018)	https://www.scopus.com/record/display.uri?eid=2-s2.0-84961204842&origin=resultslist&sort=plf-f&src=s&sid=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806&sot=b&sdt=b&s=TITLE-ABS-KEY%28pan+american+games%29&sl=33&sessionSe archId=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806	7
Paving the Olympic Dream: The Politics of the 2007 Pan-American Games in Rio de Janeiro	Guilherme Nothen (2018)	https://www.scopus.com/record/display.uri?eid=2-s2.0-84961202818&origin=resultslist&sort=plf-f&src=s&sid=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806&sot=b&sdt=b&s=TITLE-ABS-KEY%28pan+american+games%29&sl=33&sessionSe archId=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806	8
Colonial Olympism: Puerto Rico and Jamaica's Olympic Movement in Pan-American Sport, 1930 to the 1950s	Antonio Sotomayor (2016)	https://www.scopus.com/record/display.uri?eid=2-s2.0-84961200958&origin=resultslist&sort=plf-f&src=s&sid=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806&sot=b&sdt=b&s=TITLE-ABS-KEY%28pan+american+games%29&sl=33&sessionSe archId=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806	9
Drug Testing, Sex Verification, and the 1967 Pan-American Games	Sarah Teetzel; Cesar R. Torres (2018)	https://www.scopus.com/record/display.uri?eid=2-s2.0-84958048805&origin=resultslist&sort=plf-f&src=s&sid=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806&sot=b&sdt=b&s=TITLE-ABS-KEY%28pan+american+games%29&sl=33&sessionSe archId=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806	10
Una Antorcha de Esperanza: Mexico and the 1955 Pan-American Games	David J. Wysocki Quiros (2016)	https://www.scopus.com/record/display.uri?eid=2-s2.0-84955125763&origin=resultslist&sort=plf-f&src=s&sid=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806&sot=b&sdt=b&s=TITLE-ABS-KEY%28pan+american+games%29&sl=33&sessionSe archId=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806	11

Cuba's Challenges Hosting the 1991 Pan-American Games and the Spectacle of the Revolution's 'Soft Power'	Thomas F. Carter (2018)	https://www.scopus.com/record/display.uri?eid=2-s2.0-84954493604&origin=resultslist&sort=plf-f&src=s&sid=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806&sot=b&sdt=b&s=TITLE-ABS-KEY%28pan+american+games%29&sl=33&sessionSearchId=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806	12
The 1971 Pan-American Games and the Search for Colombian Modernities	David MK. Sheinin (2016)	https://www.scopus.com/record/display.uri?eid=2-s2.0-84954219322&origin=resultslist&sort=plf-f&src=s&sid=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806&sot=b&sdt=b&s=TITLE-ABS-KEY%28pan+american+games%29&sl=33&sessionSearchId=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806	13
Turning the Country into an immense and Clamorous Stadium: Perón, the New Argentina, and the 1951 Pan-American Games	Raanan Rein (2018)	https://www.scopus.com/record/display.uri?eid=2-s2.0-84949203341&origin=resultslist&sort=plf-f&src=s&sid=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806&sot=b&sdt=b&s=TITLE-ABS-KEY%28pan+american+games%29&sl=33&sessionSearchId=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806	14
O espetáculo esportivo na construção das representações sobre a identidade brasileira: uma análise da abertura dos Jogos Pan-americanos de 2007 - o pan do Brasil	Bruno Otávio de Lacerda Abrahão; Antonio Jorge Gonçalves Soares (2015)	https://www.scopus.com/record/display.uri?eid=2-s2.0-84949537277&origin=resultslist&sort=plf-f&src=s&sid=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806&sot=b&sdt=b&s=TITLE-ABS-KEY%28pan+american+games%29&sl=33&sessionSearchId=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806	15
The limits of Pan-Americanism: The case of the failed 1942 Pan-American Games	Cesar R. Torres (2013)	https://www.scopus.com/record/display.uri?eid=2-s2.0-84857311391&origin=resultslist&sort=plf-f&src=s&sid=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806&sot=b&sdt=b&s=TITLE-ABS-KEY%28pan+american+games%29&sl=33&sessionSearchId=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806	16
Megaevents, urban management, and macroeconomic policy: 2007 Pan American games in Rio de Janeiro	Alberto de Oliveira (2011)	https://www.scopus.com/record/display.uri?eid=2-s2.0-79959200893&origin=resultslist&sort=plf-f&src=s&sid=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806&sot=b&sdt=b&s=TITLE-ABS-KEY%28pan+american+games%29&sl=33&sessionSearchId=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806	17

		archId=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806	
The Pan American Games in Rio de Janeiro 2007: Consequences of a sport mega-event on a BRIC country	Martin; Curi; Jorge Knijnik; Gilmar Mascarenhas (2011)	https://www.scopus.com/record/display.uri?eid=2-s2.0-79955412373&origin=resultslist&sort=plf-f&src=s&sid=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806&sot=b&sdt=b&s=TITLE-ABS-KEY%28pan+american+games%29&sl=33&sessionSe archId=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806	18
A excitação no discurso televisivo dos jogos pan-americanos do brasil: Um estudo da transmissão da rede globo de televisão	Guilherme Ferreira Santos; Rafael Júnio Andrade Alves (2010)	https://www.scopus.com/record/display.uri?eid=2-s2.0-78549255591&origin=resultslist&sort=plf-f&src=s&sid=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806&sot=b&sdt=b&s=TITLE-ABS-KEY%28pan+american+games%29&sl=33&sessionSe archId=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806	19
Trajetórias paralelas: Os Jogos Pan-americanos e a RBME	Renata RT. de Castro (2007)	https://www.scopus.com/record/display.uri?eid=2-s2.0-38649113899&origin=resultslist&sort=plf-f&src=s&sid=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806&sot=b&sdt=b&s=TITLE-ABS-KEY%28pan+american+games%29&sl=33&sessionSe archId=6533cdcc90ffbc3b5b3a309291da806	20
Historical Erasure and Cold War Inter-American Relations: The Chicago 1959 Pan-American Games	John MacAloon (2018)	https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09523367.2015.1121868	21
Latin America and the Olympic Ideal of Progress: An Athlete's Perspective	Frances Houghton (2013)	https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17460263.2016.1159470	22
Sport and nationalism in Latin America, 1880–1970: The paradox of promoting and performing ‘European’ sports	Joseph L Arbena (1993)	https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1016/0191-6599%2893%2990230-N	23
The Twilight of Pan-Americanism: The Alliance for Progress, Neo-Colonialism, and Non-Alignment in Brazil, 1961–1964	W. Michael Weis (2001)	https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/07075332.2001.9640933	24
The Pan American Games: Background and Overview	Betty Evenbeck (1987)	https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/07303084.1987.10603895	25

The 1987 Pan American Games: Cross-Cultural Communication	Betty Evenbeck (1987)	https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/07303084.1987.10603894	26
Rescaling Ambitions: Waterfront Governance and Toronto's 2015 Pan American Games	Lewis Bellas; Robert Oliver (2016)	https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1111/juaf.12292	27
Environmental impact assessment and the planning process of major sports events in Brazil: a case study of the Rio 2007 Pan American Games	Gisele Pereira et al. (2014)	https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14615517.2013.863443	28
Urbanização neoliberal e megaeventos em Lima e Callao	Luis Miguel Gomez Cornejo Urriola (2022)	https://doi.org/10.1590/2236-9996.2022-5403	29
Antes da Copa, depois do Pan: O Rio de Janeiro na era dos megaeventos esportivos	Edson Miagusko (2020)	https://doi.org/10.15448/1984-7289.2012.2.11935	30
Os jogos Pan-Americanos Rio/2007 e o agendamento midiático-esportivo: um estudo de recepção com escolares	Cristiano Mezzaroba; Giovani de Lorenzi Pires (2011)	https://doi.org/10.1590/S0101-32892011000200005	31
OS JOGOS PAN-AMERICANOS E O ENRAIZAMENTO DO MOVIMENTO OLÍMPICO NA AMÉRICA LATINA	Doiara Silva dos Santos (2017)	https://doi.org/10.22456/1982-8918.72860	32
JOGO NO RIO	Tamara Tania Cohen Egler; Fabiana Mabel de Oliveira (2010)	https://www.redalyc.org/exportarcita.oa?id=513951690007	33
Os Jogos Pan-Americanos como expressão do pan-americanismo nas páginas do jornal O Globo	Mariana Corsetti Oselame (2016)	https://www.worldcat.org/pt/title/9118341458	34
Public participation in Environmental Impact Assessment (EIA) and Major Sports Events: A Comparative Analysis of the London 2012 Olympic Games and the Rio 2007 Pan American Games	Gisele Silva Pereira, Suzana Maria De Conto (2014)	https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=473547042002	35
O FLORIANO NOS JOGOS PAN-AMERICANOS DE 1956: A COBERTURA DO JORNAL O 5 DE ABRIL	Cleber C. Prodanov; Everaldo Pedrozo de Oliveira (2018)	https://revistas.ufrj.br/index.php/Record/article/view/17882	36

Legado político dos jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro: O imaginário do Pan	Nilda Tevês Ferreira; Vera L. M. Costa (2008)	http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/jspui/handle/123456789/549	37
Entre a memória e a promessa. A dialética idem X ipse na cobertura dos Jogos Pan-americanos	Ada Cristina Machado Silveira; Camila Esteves (2010)	https://www.worldcat.org/pt/title/8320758096	38
Mega-eventos esportivos, desenvolvimento urbano e cidadania: uma análise da gestão da cidade do Rio de Janeiro por ocasião dos Jogos Pan-Americanos-2007.	Gilmar Mascarenhas de Jesus (2007)	https://revistes.ub.edu/index.php/ScriptaNova/article/view/1341	39
O Agendamento Midiático-Esportivo: considerações a partir dos Jogos Pan-Americanos Rio/2007	Cristiano Mezzaroba; Giovani de Lorenzi Pires (2010)	https://www.worldcat.org/pt/title/8341374385	40
Santiago 2023 opening ceremony: from the “end” to the “beginning” of the world	Doiara Silva dos Santos et al.	https://journal.olimpianos.com.br/journal/index.php/Olimpianos/article/view/201	41

APÊNDICE C - Estudos sobre o esporte moderno no Brasil colonial e pós-colonial

TÍTULO	AUTORES	REVISTA (ANO DE PUBLICAÇÃO)	LINK	Nº
Uma breve história social do Esporte no Rio de Janeiro.	Ricardo Pinto dos Santos	Memória social dos esportes – futebol e política: a construção de uma identidade nacional (2006).	chrome-extension://e-faidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.cafyd.com/HistDeporte/htm/pdf/4-14.pdf	1
A POPULARIZAÇÃO DO FUTEBOL NO RIO DE JANEIRO DURANTE A REPÚBLICA VELHA	Rafael Medeiros de Lemos Raquel Cordeiro Guedes	Revista Historiador (2008).	https://www.revistahistoriador.com.br/index.php/principal/articled/view/4	2
Novas performances públicas. Os clubes Athleticos e a educação do corpo (Rio de Janeiro, 1884-1889)	Victor Andrade de Melo	Cadernos de História da Educação (2020)	https://seer.ufu.br/index.php/che/article/download/56875/29706	3
FUTEBOL A MAIOR EXPRESSÃO POPULAR DO BRASIL: MOVIMENTOS DECOLONIAIS	Otávio Nogueira Balzano Gilberto Ferreira da Silva	RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol (2018)	https://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/600	4
O giro para a direita: perspectivas e reflexões desde a Antropologia dos Esportes no Brasil	Luiz Fernando Rojo	Plural. Antropologías desde América Latina y del Caribe (2020)	https://asociacionlatinoamericanadeantropologia.net/revistas/index.php/plural/article/view/156	5
Os Jogos Desportivos Luso-Brasileiros e os Congressos Luso-Brasileiros de Educação Física no âmbito das relações internacionais Brasil-Portugal (década de 1960)	Victor Andrade de Melo	Revista Brasileira de Ciências do Esporte (2016)	https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0101328915000955	6
ESPORTE, PÓS-COLONIALISMO, NEOCOLONIALISMO: UM DEBATE A PARTIR DE FINTAR O DESTINO (1998)	Victor Andrade de Melo	Revista Brasileira de Ciências do Esporte (2012)	https://www.scielo.br/j/rbce/a/7R7Ks7PZVnxLbmHqFVQkRQb/?lang=pt	7

A prática do ciclismo em clubes de Porto Alegre/RS	FROSI, Tiago Oviedo et al.	Pensar a prática (2011)	https://lume.ufrgs.br/handle/10183/87010	9
De passatempo à prática esportiva: o ciclismo em Porto Alegre na transição do século XIX para o século XX	Carolina Fernandes Silva Eduardo Klein Carmona Janice Zarpellon Mazo	LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (2015)	https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1154	10
Um estudo sobre a introdução e institucionalização do rugby no Brasil.	GUTIERREZ, Diego Monteiro et al.	Journal of Physical Education, (2017)	https://www.scielo.br/j/jpe/a/ZMmJTPpcVKhr6MD96SNMBm/abstract/?format=html&lang=pt	11
De esporte das elites ao esporte das massas: a trajetória do futebol no Brasil	Eliazar Silva	Fronteiras: Revista de História (2012)	https://ojs.ufgd.edu.br/FRONTEIRAS/article/view/2286	12
Do centro à periferia. sobre a presença da teoria crítica do esporte no Brasil	Danielle Torri Alexandre Fernandez Vaz	Revista Brasileira de Ciências do Esporte (2006)	https://www.redalyc.org/pdf/4013/401338527012.pdf	13
Sobre as ondas: surfe, juventude e cultura no Rio de Janeiro dos anos 1960	Cleber Dias Rafael Fortes Victor Andrade de Melo	Estudos Históricos (2012)	https://www.scielo.br/j/eh/a/4QtpMX7SbqmXy4F3hY3Gd7C/	14
“As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte”: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX	Silvana Vilodre Goellner	Recorde: revista de história do esporte.(2008)	https://lume.ufrgs.br/handle/10183/87071	15
O esporte na Marinha do Brasil.	Fernando Garrido Ângela Lage	Atlas do Esporte do Brasil (2005)	https://cev.org.br/media/biblioteca/4013358.pdf	16
Um olhar histórico sobre a emergência dos primeiros clubes esportivos na cidade de Teutônia no Rio Grande do Sul.	Cecília Elisa Kilpp Janice Zarpellon Mazo Vanessa Bellani Lyra.	Pensar a Prática (2010)	https://revistas.ufg.br/fef/article/view/7719	17

O mar e o remo no Rio de Janeiro do século XIX	Victor Andrade de Melo	Revista Estudos Históricos (1999)	https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2088	18
Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro.	Gilmar Mascarenhas de Jesus	Revista Estudos Históricos (1999)	https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2086	19
História do esporte: panorama e perspectivas.	Victor Andrade de Melo Rafael Fortes	Fronteiras: Revista de História (2010)	https://www.redalyc.org/pdf/5882/588265664002.pdf	20
Um panorama da historiografia do turfe no Brasil: possibilidades e perspectivas	Marcelo Rezende Ricci	Semina-Revista dos Pós-Graduandos em História da UPF (2020)	https://seer.upf.br/index.php/ph/article/view/11813	21
Esporte e cidade: balanços e perspectivas	Cleber Dias	Revista Tempo (2013)	https://www.academia.edu/download/31553472/Esporte_e_cidade_-_balancos_e_perspectivas_-Cleber_Dias.pdf	22
O ESPORTE NO BRASIL ENTRE AS DÉCADAS DE 30-50 E SUAS INFLUÊNCIAS NO DESENVOLVIMENTO DO ESPORTE NO ESTADO DO PARANÁ.	Fernando Marinho Mezzadri	ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa (2003)	https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548177544_7f16fc71f28148fd83d93f6cce1af9f3.pdf	23
NOTAS SOBRE O SURGIMENTO DOS ESPORTES NO BRASIL E A SUA MODESTA APARIÇÃO NO JORNAL	André Mendes Capraro	Centro Universitário Positivo - UnicenP	https://cev.org.br/media/biblioteca/4045704.pdf	24
Esporte, Cultura e Identidade: os desafios comunicacionais do rúgbi no Brasil	Marta Regina Garcia Cafeo José Carlos Marques	XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Fortaleza, CE (2012)	https://cev.org.br/media/biblioteca/4036385.pdf	25
Cluster esportivo do Rio Grande do Sul-Clubes Turnen	Leomar Tesche	Atlas do Esporte no Brasil (2006)	https://cev.org.br/media/biblioteca/4013451.pdf	26
O futebol no Brasil: reflexões sobre paisagem	Gilmar Mascarenhas de Jesus	Visões do Brasil: estudos culturais em	barthe-9788523212384-05	27

e identidade através dos estádios.		Geografia (2012)		
O lugar da ACM na história da educação física brasileira: refletindo sobre o esporte e a calistenia	Juliane Cristine Alves Corrêa	Repositório Unicamp (2008)	https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/437550	28
Trânsitos culturais: as experiências dos primeiros clubes athleticos do Rio de Janeiro (1873-1883).	Victor Andrade de Melo	Movimento (2019)	https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7317965	29
Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910).	Victor Andrade de Melo	Revista Brasileira de História (2007)	https://www.scielo.br/j/rbh/a/F3zwKPmc6SnDVzFqvTmq8hk/?lang=pt	30
Para o bairro, para o subúrbio, para a nação: a experiência náutica do Olaria Atlético Clube (Rio de Janeiro, 1915-1930).	Victor Andrade de Melo	Tempo (2021)	https://www.scielo.br/j/tem/a/JV5CqTMKk98Pp6bRVqBmDQr/	31
Forjando a capital: as experiências dos primeiros clubes de turfe e remo de Niterói (décadas de 1870-1880)	Victor Andrade de Melo	Tempo (2020)	https://www.scielo.br/j/tem/a/pBxJzftj3rtGwfXfs67Vg9L/?format=html&lang=pt	32
A sociabilidade britânica no Rio de Janeiro do século XIX: os clubes de Cricket	Victor Andrade de Melo	Almanack (2017)	https://www.scielo.br/j/alm/a/tn4YfHS9hffhHyJCKKz57zw/	33
O esporte nos arrabaldes do Rio de Janeiro: o cricket em Bangu (1904-1912)	Victor Andrade de Melo Nei Jorge Santos	Movimento (2018)	https://www.scielo.br/j/mov/a/PSRNNgKNt6sft9wg4Ryy7Vv/?lang=pt	34
Os britânicos e os clubes de cricket na São Paulo do século XIX (anos 1870-1890)	Victor Andrade de Melo Eduardo Souza Gomes	Revista de história - São Paulo (2019)	https://www.scielo.br/j/rh/a/Zz3wgCydB5nDM8LGj3zdQ5K/	35
Para inglês ver? Os clubes de cricket e a sociabilidade britânica em Recife (1865-1906).	Victor Andrade de Melo	Territórios e Fronteiras (2017)	https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6093453	36

ENTRE A GINÁSTICA E O ESPORTE: EDUCAÇÃO DO CORPO E MANUTENÇÃO DA IDENTIDADE NAS SOCIEDADES GINÁSTICAS TEUTO-BRASILEIRAS	Evelise Amgarte Quitzau	Educação em Revista (2019)	https://www.scielo.br/j/edur/a/v3S5gzMKNT8SCDsjpgyG5Rn/	37
Escotismo e esporte: propostas de educação do corpo no Rio de Janeiro dos anos 1910-1920	Carlos Herold Junior Victor Andrade de Melo	Revista Brasileira de Educação (2018)	https://www.scielo.br/j/rbedu/a/n769TSCYwkF9h5ZMt7kFZGm/?lang=pt&format=html	38
Notas para uma história do escotismo no Brasil: a "psicologia escoteira" e a teoria do caráter como pedagogia de civismo (1914-1937).	Judith Zuquim Roney Cytrynowicz	Educação em Revista (2002)	https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/44728	39
Associativismo ginástico e escotismo no Rio Grande do Sul (1913-1934)	Evelise Amgarte Quitzau	História da Educação (2019)	https://www.scielo.br/j/heduc/a/Dyt3d7DS6bHdDRZsrTgs3Zg/?format=html&lang=pt	40
“Uma reunião de carreiras de cavalos”: lazer, esporte e os paradoxos da modernidade no Rio Grande do Sul, séculos XIX e XX.	João Manuel Casquinha Malaia Santos Jonas Moreira Vargas José Martinho Rodrigues Remedi	Topoi (RJ) (2020)	https://www.scielo.br/j/topoi/a/fqxdwCBzGrSsHyrRHcYc8FL/	41
Uma geografia do esporte: as experiências dos clubes de iatismo da Zona da Leopoldina (Rio de Janeiro, 1941-1954)	Victor Melo de Andrade	GEOUSP Espaço e Tempo (2020)	https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/163185	42
Vargas, Perón e o esporte: propaganda política e a imagem da nação	Maurício da Silva Drumond Costa	Estudos históricos (2009)	https://www.scielo.br/j/eh/a/WPCXXWzgbbJ39rLSyLkVV3H/?lang=pt&format=html	43
Identities in the field: sport, politics and mass communication in National-Statism of	Maurício da Silva Drumond Costa	ANPUH - XXIV Simpósio Nacional de História (2007)	http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Maur%EDcio%20da%20Silva%20	44

Vargas e Perón – um estudo comparado.			Drumond%20Costa.pdf	
Resenha de "O futebol explica o Brasil-Uma história da maior expressão popular do país" de GUTERMAN, Marcos	João Fernando Ferreira	Revista de História (2010)	https://www.redalyc.org/pdf/2850/285022061018.pdf	45
O futebol gaúcho na perspectiva da decolonialidade.	SILVA, Gilberto Ferreira da et al.	19º Congresso Brasileiro de Sociologia (2019)	https://svr-net20.unilasalle.edu.br/bitstream/11690/3107/1/gfsilva.pdf	46
Globalização e o sistema-mundo moderno do futebol: modernidade e (de) colonialidade na circulação de atletas a partir dos mundiais FIFA	PIZARRO, Juliano Oliveira et al.	UFSC (2021)	https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/229181	47
Uma diversão civilizada – a patinação no Rio de Janeiro do século XIX (1872-1892)	Victor Andrade de Melo	Locus - Revista de História (2017)	https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20843/22323	48
"O FOOTBALL NÓS PODEMOS JOGAR": UMA ANÁLISE SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL FORA DOS CLUBES DA ELITE DO RIO DE JANEIRO	Glauco José Costa Souza	Recorde (2015)	https://search.proquest.com/openview/8080b1a6fb5567ef2eaffbf116d88086/1?pq-origsite=gscholar&cbl=51649	49
O sport em transição: Rio de Janeiro, 1851-1868.	Victor Melo de Andrade	Movimento (2015)	https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/49489	50
Do espaço colonial ao espaço da modernidade: os esportes na vida urbana do Rio de Janeiro	Gilmar Mascarenhas de Jesus	Scripta Nova–revista eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales (1999)	https://www.ub.edu/geocrit/sn-45-7.htm	51

APÊNDICE D - Quadro de catalogação dos XV Jogos Pan-Americanos Rio 2007

Pré-show		
Momentos da fase “pré-show”	Descrição dos acontecimentos	Momento de realização
Pré-show com os atletas Robson Caetano da Silva e Virna Dias em diálogo com o público ¹	Robson Caetano da Silva, ex-atleta de atletismo brasileiro e Virna Dias, atleta de voleibol, buscam animar os telespectadores antes do início oficial da cerimônia de abertura. Dialogam com a plateia e cantam o refrão da música tema “Viva essa energia”.	Aproximadamente 18 minutos antes do início oficial
Chegada de autoridades políticas do país anfitrião no estádio.	Imagens do público, do palco e, da chegada do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e outras autoridades políticas do Brasil no estádio Maracanã	Aproximadamente 11 minutos antes do início oficial

Performance artístico-culturais		
Momentos da fase “performance artístico-culturais”	Descrição dos acontecimentos	Momento de realização (horas, min., seg.)
Início oficial ¹	Narradores oficiais informam o início da cerimônia de abertura, nas línguas espanhol, inglês e português em respectiva ordem: “ Boa noite e sejam bem vindos à cerimônia de abertura dos XV Jogos Pan-Americanos Rio 2007”;	00:00:00

Anúncio de autoridades e entrada da bandeira do Brasil	Anúncio da presença do presidente da República Federativa do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, com vaia de grande parte do público no estádio Maracanã. Entrada da bandeira do Brasil com 1º Regimento de Cavalaria de Guardas do Exército Brasileiro, conhecidos por “dragões da independência”	00:00:30
Hino nacional brasileiro	Apresentação do Hino Nacional Brasileiro, cantado por Elza Soares e hasteamento da bandeira do Brasil	00:01:50
Contagem regressiva	Contagem regressiva de 15 segundos no telão do estádio, entoado pelos espectadores da cerimônia de abertura	00:06:00
Primeira parte das apresentações artístico-culturais, com o tema “Viva essa energia”	O músico baiano Kainã do Jeje, de 12 anos, começa a apresentação artística tocando um instrumento chamado Rum, frequentemente utilizado em religiões de culturas africanas e afro-brasileiras como o candomblé. Além de Kainã, no centro do palco, 100 ritmistas das escolas de samba “Caprichosos de Pilares”, “Beija-flor”, “Império Serrano” e “Acadêmicos da Rocinha” complementam a apresentação; Em seguida, entraram mais 1150 ritmistas, de 17 escolas de samba diferentes e formaram desenhos simbolizando raios de sol, junto ao palco. Em cada montagem de raio de sol, existia um ritmista. Além disso, toda a bateria foi comandada pelo mestre da escola de samba Beija-Flor de Nilópolis, Paulinho.	00:06:50
Apresentação da música tema do XV Pan Rio 2007	Cantora Ana Costa canta a música tema dos XV Jogos Pan-Americanos Rio 2007	00:11:09

Repetição da música tema do Pan 2007	Após o encerramento da entrada das 42 delegações participantes do evento, Ana Costa, Kainã e Arnaldo Antunes cantaram novamente a música tema do evento, “Viva essa energia”.	01:06:00
Apresentação musical com a Orquestra Sinfônica Brasileira	Execução do hino Pan-americana com formato apenas instrumental, pela Orquestra Sinfônica Brasileira da cidade do Rio de Janeiro, sob regência do maestro Roberto Minczuk.	01:08:27
Segunda parte das apresentações artístico-culturais, dedicada à energia do sol, da fauna e flora brasileira	Atriz Natália Timberg recita poema sobre esperança, vida e energia. Apresentação com personagens fantasiados de diferentes espécies de flores, vegetações brasileiras e animais como sapo, onça e borboleta. Além disso, havia alegorias que representavam, de maneira próxima, animais como uma cobra coral, um jacaré, borboletas e pássaros.	01:11:00
Apresentação artístico-cultural, dedicada à energia das águas	Apresentação da cantora Céu, com a música de autoria de Tom Jobim e Toquinho, “águas de março”. A apresentação inicia com a representação das águas do mar, criadas por tecidos, iluminação e vestimentas. Um barco atravessa o espaço, simbolizando um passeio pelo mar. No alto, estruturas caracterizadas como garças realizam seus voos ao redor do mar. Em seguida, as águas se abrem e revelam a formação de uma praia. O cenário se transforma com a presença simbólica de areia, guarda-sóis, banhistas, pipas e bolas. Pessoas encenam atividades como vôlei de praia e outras práticas tradicionalmente realizadas neste espaço. Além disso, vendedores ambulantes percorrem toda a cena, a composição se completa com a representação da orla de Copacabana, formada por bandeiras.	01:18:01

Apresentação artístico-cultural, dedicada à energia do homem	Apresentação da cantora Adriana Calcanhoto, com a música “Acalanto” de Dorival Caymmi. O espetáculo se inicia com a chegada do circo, marcada pela presença de palhaços, elementos característicos do universo circense e a exposição de manifestações folclóricas. Na sequência, ocorre a representação da Guerra de Espadas, em referência ao número artístico “Cruz das Almas”, do Recôncavo Baiano. Os artistas posicionam-se de modo a demonstrar, simbolicamente, proteção em torno da cantora. Posteriormente, surge no palco, o grupo Cordel do Fogo Encantado. Ao redor, apresentam-se diversos personagens circenses e manifestações folclóricas como o “boi barroso” e o “bumba meu boi”, assim como encenações do “congado”, festas juninas e os “bonecos de Olinda”. Este espaço foi compartilhado com representações de povos originários, durante as apresentações.	01:26:58
Apresentação artística após o hasteamento das bandeiras Pan-americana e Olímpica.	O cantor e compositor Chico César canta a música “uma prece pela paz”, junto à uma apresentação artística com 18 bailarinos.	01:59:41

Elementos ritualísticos		
Momentos da fase “elementos ritualísticos”	Descrição dos acontecimentos	Momento de realização (horas, min., seg.)
Entrada das delegações	Início da entrada das delegações de nações participantes do XV Pan Rio 2007, com o total de 42 delegações. A entrada do time dos Estados Unidos foi aglutinada por vaia do público presente na cerimônia.	00:15:36

Entrada da delegação brasileira	Entrada do time brasileiro na cerimônia de abertura, com muitos aplausos. A miss-brasil Natália Guimarães entrou à frente da delegação brasileira, segurando a placa com a palavra “Brasil”.	00:53:02
Revezamento da tocha pan-americana e acendimento da pira do Pan de 2007	Imagens mostram a viagem da tocha, que foi acendida no México e passou por 42 cidades do Brasil, representando as 42 nações participantes desta edição dos Jogos. A pira pan-americana foi acesa pelo ex-atleta brasileiro Joaquim Cruz, no Maracanã.	01:33:35
Discursos do presidente da ODEPA e presidente do Comitê Olímpico Brasileiro e Comitê organizador do Pan	Anúncio do presidente do comitê executivo da Organização Desportiva Pan-Americana “ Dom Mario Vázquez Raña” e, presidente do Comitê Organizador dos XV Jogos Pan-Americanos e Presidente do Comitê Olímpico Brasileiro “Carlos Arthur Nuzman” para os discursos oficiais do evento. Os discursos foram realizados em Português, inglês e espanhol pelo presidente Carlos Arthur Nuzman. O presidente da ODEPA proferiu seu discurso apenas em Espanhol. Houve muitas vaias do público ao citar o presidente da República Brasileira Luiz Inácio Lula da Silva.	1:36:52
Abertura oficial dos XV Jogos Pan-americanos	A fala de abertura oficial dos Jogos foi realizada pelo presidente do COB e comitê organizador dos Jogos e não pelo presidente da nação, como em edições anteriores.	01:51:26

Entrada das bandeiras Pan-americana e Olímpica	Realizou-se a entrada das bandeiras pan-americanas e olímpicas em direção ao palco, com a música Guarani, de Carlos Gomes, ao fundo. Importantes ex-atletas olímpicos seguram e conduzem a bandeira, como Oscar Schmidt, Aida dos Santos, Jaqueline Silva e Robson Caetano. A bandeira foi hasteada pelo 1º Regimento de Cavalaria de Guardas do Exército Brasileiro, conhecidos por “dragões da independência”.	01:52:34
Juramento de atletas e juízes	A atleta brasileira Natália Falavigna Silva realizou o Juramento dos atletas dos XV Jogos Pan-Americanos, em português. A árbitra brasileira de ginástica artística realizou o Juramento dos Juízes dos XV Jogos Pan-Americanos, em português.	01:57:56
Chegada da tocha Pan-americana no estádio e acendimento da Pira Pan-americana	A tocha Pan-americana entrou no estádio Maracanã e aconteceu um revezamento com importantes figuras do cenário esportivo brasileiro. Por último, a tocha foi entregue ao meio-fundista, bi-campeão pan-americano (Indianapolis, 1987 e Mar del Plata, 1995), Joaquim Cruz, que acendeu a Pira Olímpica.	02:03:25

Culminação final do espetáculo		
Momentos da fase “culminação final do espetáculo”	Descrição dos acontecimentos	Momento de realização

Apresentação musical final e queima de fogos	Daniela Mercury canta Cidade Maravilhosa	02:11:58
---	---	----------

APÊNDICE E - Quadro de catalogação dos XVI Jogos Pan-Americanos Guadalajara 2011

Pré-show		
Momentos da fase “pré-show”	Descrição dos acontecimentos	Momento de realização
-----	-----	-----

Performance artístico-culturais		
Momentos da fase “performance artístico-culturais”	Descrição dos acontecimentos	Momento de realização (horas, min., seg.)¹
Contagem regressiva	Contagem regressiva de 30 segundos projetado no palco do estádio, entoado pelos espectadores da cerimônia de abertura.	00:00:00
Hino nacional mexicano	Anúncio de apresentação do cantor Vicente Fernandez para execução do Hino Nacional Mexicano, em sua voz.	00:01:06
Entrada e hasteamento da bandeira do México	Condução e hasteamento da bandeira do México e de Guadalajara, realizado por autoridades militares do País.	00:02:08
Primeira parte das apresentações artístico-culturais.	Vicente Fernandez canta a música Mexico Lindo y Querido, ao mesmo tempo, entram no palco instrumentistas e dançarinos com vestimentas que representam “Los Mariachis”. Após este momento, cavaleiros e, posteriormente, cavaleiras entram no estádio, tradicionalmente conhecidos por Charros e Escaramuzas.	00:04:00

Apresentação musical instrumental com trompetistas	Apresentação instrumental ao som do trompete, com a execução da peça “El Niño Perdido”, criada em 1947. Apresentaram-se dois trompetistas, em representação ao pai e filho.	00:13:21
Apresentação artística-musical com a banda mexicana “Maná”	Apresentação musical com a banda de pop-rock mexicana chamada “Maná”. Os artistas dos grupos apresentam suas músicas “Lluvia al corazón” e “Labios compartidos”	01:05:24
Apresentação com orquestra mexicana e a cantora Eugenia Leon	Inicia-se uma apresentação com a orquestra mexicana. Logo após, cantora Eugenia León sobe ao palco e, acompanhada da orquestra, apresenta a canção “Siga tus sueños”. No mesmo momento, crianças com roupas esportivas entram em cena e realizam movimentos de alongamentos, mobilidades e gestos de modalidades esportivas. Em seguida, outras crianças descem do teto de uma estrutura com cordas, e algumas permanecem suspensas no ar, executando gestos inspirados em modalidades como movimento de corrida e ginástica. No telão circular localizado no centro do palco, são projetadas imagens das diferentes modalidades esportivas que compõem os XVI Jogos Pan-Americanos. À medida que a performance se aproxima do fim, o telão se eleva lentamente, revelando o centro do palco.	01:12:27
Retomada das apresentações artístico-culturais	O espetáculo buscou exibir e reafirmar a modernidade presente no México, celebrando a conexão tecnológica e global do País na contemporaneidade. No centro do palco, evidenciam-se luzes em tons metálicos e neon. Além disso, alguns dançarinos são levantados a partir de uma estrutura que exibe diferentes cores em neon e é controlada por tablets. As estruturas formam algo semelhante a circuitos e redes digitais.	01:39:55

Espectáculo de fogos, luzes e participação da plateia	A música sincronizou-se a fogos de artifício, luzes e com a plateia, que reproduziu movimentos da coreografia, orientados por animadores frente à arquibancada.	01:46:00
Apresentação artístico-cultura	Em seguida, entraram no palco os Djs Fusible, Bostich e músicos com alguns instrumentos como acordeom, violão, trompete e trombone, tocando a música “Tijuana Sound Machine”. Junto a eles, alguns utilizam tablets para construir e controlar as batidas e a transmissão sonora. Durante a apresentação, alguns dançarinos compuseram o espetáculo artístico-musical.	01:48:17
Apresentação artístico-cultural com o tema “futuro da cultura”	A apresentação buscou exibir um futuro cujo as culturas e tradições do México fossem conservadas. Desse modo, homenagearam-se diferentes artistas mexicanos. Inicialmente, houve a exposição por meio de projeções, das obras de José Clemente Orozco, seguidas de referências a Frida Kahlo e Diego Rivera, com a projeção de suas imagens no palco. Enquanto isso, os cantores Olivia Gorra, Lila Downs e José Luis Durval, acompanhados de orquestra e dançarinos, interpretam a música “solamente una vez” e “Bésame mucho”.	01:50:43
Apresentação musical do cantor colombiano Juanes	Apresentação do cantor colombiano Juanes, com banda e dançarinos. Os dançarinos usaram uma vestimenta semelhante as asas de uma borboleta, e realizaram a coreografia suspensos, flutuando sobre o palco.	02:01:05

Elementos ritualísticos		
Momentos da fase “elementos ritualísticos”	Descrição dos acontecimentos	Momento de realização (horas, min., seg.)

Entrada das delegações	Início da entrada das delegações de nações participantes do XVI Jogos Pan-Americanos de Guadalajara 2011, com o total de 42 delegações.	00:15:08
Entrada da delegação mexicana	A delegação mexicana fez sua entrada ao som de uma canção que apresenta trechos como: “México, mostra para as Américas o que a gente tem de melhor... México, conta tua história que eu quero escutar.” Os atletas estavam com vestimentas em referência aos trajes da charrería.	00:57:30
O percurso da tocha pan-americana	No telão é exibido uma retrospectiva audiovisual mostrando um breve percurso da tocha pan-americana nas regiões do México.	01:22:12
Entrada de autoridades esportivas ao palco	O presidente da Organização Esportiva Pan-Americana Mário Vasquez Raña, e o Governador do estado de Jalisco e presidente do Comitê Organizador dos XVI Jogos Pan-Americanos Emílio Gonzales Marques foram apresentados e entraram oficialmente no centro do palco do estádio.	01:23:15
Discurso presidente Comitê Organizador dos Jogos Pan-Americanos Guadalajara 2011	Discurso do presidente Comitê Organizador dos Jogos Pan-Americanos Guadalajara, Emílio Gonzales Marques	01:23:50
Entrada das bandeiras Pan-americana e Olímpica	Entrada das bandeiras Pan-americana e Olímpica.	01:31:54

Hino Pan-Americano	Hasteamento das bandeiras por cadetes do exército das forças armadas mexicanas e apresentação instrumental do Hino da Organização Desportiva Pan-Americana pela orquestra mexicana.	01:35:24
Juramento dos atletas e juízes	O atleta de Jalisco Alberto Rodríguez, campeão mundial de “<i>Pelota Vasca</i>”, foi responsável por conduzir o juramento dos atletas. Em seguida, a árbitra olímpica de taekwondo Rosa María realizou o juramento em nome dos oficiais e árbitros.	01:38:40
Preparação para o acendimento da Pira Pan-americana	Foi exibido uma apresentação com a imagem de Enriqueta Basilio, primeira mulher a acender a Pira olímpica, nos Jogos Olímpicos do México em 1968. A projeção mostra o momento em que Enriqueta sobe as escadas e acende o fogo olímpico e imagens de sua participação nos Jogos.	02:05:30
Entrada da Tocha Pan-Americana e o acendimento da Pira Pan-americana	A tocha Pan-Americana entrou no estádio carregada por Enriqueta Basilio, que a transferiu para Alberto Valdez, participante dos jogos de 1948, e posteriormente a tocha passou nas mãos da atleta Maria Espinoza, campeã olímpica taekwondo 2008 e Paola Espinoza Sanchez, atleta dos Saltos Ornamentais. Paola Espinoza acendeu a Pira Pan-Americana dos Jogos Pan-Americanos de Guadalajara 2011.	02:07:00

Culminação final do espetáculo		
Momentos da fase “culminação final do espetáculo”	Descrição dos acontecimentos	Momento de realização
Apresentação musical com o cantor Alejandro Fernández	Em direção ao término da cerimônia de abertura, o cantor Alejandro Fernández interpretou a música tema dos XVI Jogos Pan-Americanos, “El Mismo Sol”. A apresentação foi acompanhada por dançarinas ao palco e fogos de artifícios acima do estádio, que encerraram o espetáculo final.	02:11:10

APÊNDICE F - Quadro de catalogação dos XVII Jogos Pan-Americanos Toronto 2015

Pré-show⁷²		
Momentos da fase “pré-show”	Descrição dos acontecimentos	Momento de realização
Pré-show com luzes e som ambiente	Antes do início oficial da abertura, o estádio foi iluminado por um show de luzes, ao passo que tocavam-se músicas em som ambiente ao fundo.	Aproximadamente 5 minutos antes do início oficial

Performance artístico-culturais		
Momentos da fase “performance artístico-culturais”	Descrição dos acontecimentos	Momento de realização (horas, min., seg.)
Primeira parte das apresentações artístico-culturais, com o tema “O despertar da Terra”	A cerimônia teve início com uma apresentação artística que focalizou-se na representação de povos originários do Canadá, das regiões de Ontário. Os atores e dançarinos estavam distribuídos em 4 plataformas, dedicadas a 4 nações ancestrais do país. Em cada uma das ilhas, havia a representação simbólica de uma estação do ano e a distribuição das plataformas se relacionou às direções. Em uma das plataformas, com a representação do outono, quatro membros se moviam em torno um xamã, que continha um cajado coberto por penas de águia, que realizava um ritual de sua cultura. Na segunda ilha observou-se dois homens e três mulheres, os homens saíam de uma canoa, com algumas peles, as mulheres cuidavam do fogo e abraçavam estes homens. No mesmo momento, se espalhava uma fumaça no cenário, em representação das névoas do inverno. A plataforma	00:00:00

⁷² Foram transmitidos apenas cinco minutos de Pré-show, nas transmissões acessadas.

	seguinte tinha duas mulheres e três homens, tocavam instrumentos típicos de sua cultura e realizavam um ritual ancestral, foi possível observar árvores com folhas verdes no cenário, em simbolismo à primavera. A última ilha, em representação ao verão, apresentava mulheres cultivando e pilando trigo, enquanto um homem oferecia-lhes colares feitos com conchas.	
Contagem regressiva	Contagem regressiva de 10 segundos, com o pronunciamento dos números pares em inglês e os números ímpares em francês: tem - 10, neuf - 9, eight - 8, sept - 7, six - 6, cinq - 5, four - 4, trois - 3, two - 2, um - 1.	00:02:40
Apresentação artístico-cultural	A águia projetada nas telas gradualmente se transformou em uma pessoa, que representa um mensageiro humano. Ele saiu do palco em meio a uma neblina produzida por efeitos especiais com o uso da fumaça.	00:03:02
Apresentação artístico-cultural	Juntaram-se às comunidades aborígenes, grupos de dançarinos com vestimentas tradicionais de diversos lugares do mundo. No total, 21 grupos se apresentaram com diferentes coreografias de cada região. A trilha sonora tocada durante este momento, foi realizada no palco pelo DJ Shub, que utiliza ritmos do estilo de música denominada powwow-step.	00:03:47
Apresentação artístico-cultural	Após a chegada da tocha ao estádio, os grupos de dança continuaram sua performance artística, dessa vez em uma coreografia única, e saíram juntos do palco.	00:12:57

Apresentação artístico-cultural	Apresentação artístico-cultural intitulada “A Linha de Fogo”, iniciando com uma artista como mensageiro novamente ao palco. Em seguida, havia quatro personagens sobre pernas de pau, representando quatro animais da região (urso, caribu, pica-pau e a coruja), que conduziram 150 crianças no palco, elas carregavam luminárias em suas movimentações. Durante este momento, trapezistas ficaram suspensos em globos transparentes e realizaram suas apresentações.	01:16:17
Apresentação artístico-cultural	Na plateia, dançarinos representando duas comunidades de povos aborígenes, munidas de tambores e bastões de lacrosse, tocavam o instrumento entoavam cantos de guerra. No palco, as crianças apareciam de forma assustada e posteriormente, realizando uma coreografia junto às batidas e gritos. Surgiu uma dançarina com vestimentas brancas, com uma lança em sua mão, realizando coreografias do estilo de dança balé, impulsionando as crianças a realizarem gestos também do balé. Enquanto isso, as tribos descenderam em direção ao palco, como se estivessem indo à guerra. Ao chegarem no palco, dois times de lacrosse se formaram, saltaram um fogo projetado ao chão e então, foi conduzido uma partida desse esporte, como forma de resolver suas diferenças de maneira pacífica e civilizada.	01:23:00
Apresentação artístico-cultural	No estádio iniciam efeitos sonoros de um avião. Surge no telão, um avião conhecido como “bombardeiro de água”, jogando jatos de água que transformaram o fogo em água.	01:30:35

Apresentação artístico-cultural	A apresentação seguinte iniciou-se com uma breve cena intitulada “Ondas”. Os dançarinos presentes no encerramento do desfile das delegações retornaram ao palco, enquanto sons de frequências de rádio ecoavam ao fundo. No centro, havia a representação de uma torre de rádio, em homenagem à radiodifusão no Canadá. Em seguida, o cenário se transformou: surgiu um sofá e um rádio antigo, do qual se ouviam diferentes músicas sendo sintonizadas. A sequência se desenvolveu em uma performance de beatbox, e posteriormente mesclando estes ritmos aos sons do rádio.	01:31:10
Apresentação artístico-cultural	No centro do palco, uma dançarina trapezista desceu lentamente do alto do estádio, dando início a uma nova apresentação. Posteriormente, outros trapezistas juntaram-se a ela, executando movimentos aéreos sincronizados. No chão, dançarinos segurando panos brancos usados como parte da coreografia, completavam a cena.	01:36:33
Apresentação artístico-cultural	São gerados sons de trovões dentro do estádio, alguns dançarinos abrem guarda-chuvas enquanto outros se dirigem ao centro do palco. Surge então um dançarino com vestimentas que representam um guerreiro ou guardião. Em meio à chuva simbólica, acróbatas e dançarinos executam uma coreografia sincronizada, e o guardião realiza movimentos inspirados em artes marciais.	1:43:28

Apresentação artístico-cultural	Os dançarinos trocaram de figurino e colocaram novas vestimentas. Em seguida, saíram em fila, simulando o movimento de um trem em partida. Alguns carregavam malas de viagem, enquanto um personagem representando um funcionário ferroviário sinalizava a organização e partida do trem com um apito. No centro do palco, escadas representavam trilhos, por onde os dançarinos seguiam simbolicamente em direção ao embarque. Outros personagens permaneceram na cena e se despediam dos viajantes, trocando abraços antes daqueles artistas partirem com suas malas, seguindo o caminho do trem.	01:50:14
Entrada das bandeiras de Ontário e Toronto e apresentação artístico-cultural	Após a declaração de abertura dos Jogos pelo Governador Geral do Canadá, as bandeiras de Toronto e província de Ontário entraram no estádio carregadas por profissionais da área policial e médica canadenses. Ao centro está sendo montado um grande recipiente com painéis que representam pétalas. Acima deste caldeirão, está um personagem em representação a um guardião, correndo em uma esteira. Além disso, havia outros acrobatas suspensos ao redor deste guardião, também correndo em esteiras.	02:18:28

Elementos ritualísticos		
Momentos da fase “elementos ritualísticos”	Descrição dos acontecimentos	Momento de realização (horas, min., seg.)

Chegada da Tocha Pan-americana ao estádio	Iniciou-se um vídeo projetado no telão mostrando a chegada da tocha ao estádio. Imagens exibiram atletas canadenses da equipe de revezamento 4x100 metros, medalhistas de ouro dos Jogos Olímpicos de Verão 1996, percorrendo os bairros de Toronto, passando a chama de mão em mão. Em seguida, a tocha foi acesa no topo de um prédio, e o telão mostrou uma luz intensa irradiando da região de Toronto sobre um mapa-múndi, retornando em seguida à mesma cidade. O vídeo sinalizou um atleta saltando de paraquedas do prédio, na transição entre o vídeo e o estádio, surge o velocista canadense e medalhista de ouro olímpico Donovan Bailey descendo do teto do estádio preso por uma corda de segurança, trazendo consigo a tocha pan-americana até o centro do palco.	00:06:50
Chegada da Tocha Pan-americana ao estádio	A equipe canadense de revezamento e a mergulhadora, de 15 anos, Faith Zacharias, junto aos dançarinos, esperavam Bailey com a tocha Pan-americana. Bailey entregou a tocha à mergulhadora Zacharias, que a colocou em um suporte ao centro do palco, para aguardar o acendimento da pira no final da noite.	00:11:09
Anúncio de autoridades	O presidente da Organização Esportiva Pan-Americana, Julio Maglione, e o governador-geral David Johnston foram apresentados e entraram oficialmente no camarote.	00:15:55

Entrada da bandeira do Canadá	Entrada da bandeira do Canadá carregada por membros da Polícia Real Montada do Canadá. Ao fundo, apresentação de piano clássico com Chilly Gonzales.	00:18:29
Hino nacional Canadense	Apresentação do Hino Nacional Canadense interpretado pela cantora canadense Véronic DiCaire, acompanhada de Chilly Gonzales em apresentação realizada com piano e a Orquestra Sinfônica de Toronto - conduzida por Peter Unyang.	00:21:40
Entrada das delegações	Início da entrada das delegações de nações participantes do XVII Jogos Pan-Americanos de Toronto 2015, com o total de 41 delegações.	00:24:37
Encerramento do desfile das delegações	O desfile das delegações encerrou-se com três pessoas carregando as placas luminosas com as frases em projeção: “Unido jugamos”, “United we play” e “Jouons unis”. Ao mesmo tempo, dezesseis acrobatas - com camisas que continham a imagem de partes do corpo, particularmente, orelha ou boca ou nariz - e voluntários ligados à organização e desenvolvimento dos Jogos entraram no palco.	01:12:08
Juramento de atletas e juízes	A atleta canadense medalhista olímpica de Ginástica de trampolim Karen Cockburn realizou o Juramento dos atletas dos XVII Jogos Pan-Americanos. O árbitro canadense de ginástica de trampolim Stéphan Duchesne realizou o Juramento dos Juízes dos XVII Jogos Pan-Americanos.	01:54:48

Discurso presidente Comitê Organizador dos Jogos Pan-Americanos Toronto 2015	Discurso do presidente Comitê Organizador dos Jogos Pan-Americanos Toronto 2015, Saad Rafi.	01:58:09
Homenagem ao ex-presidente da ODEPA Mario Vázquez Raña	A atleta Alexandra Orlando realiza uma fala em homenagem ao ex-presidente da ODEPA Don Mario Vázquez Raña. Sua fala aglutinou os idiomas inglês e espanhol. Em seguida, os telões exibem uma Homenagem ao ex-presidente da ODEPA (1975-2015) Mario Vázquez Raña, que faleceu em 2015, anteriormente aos XVII Jogos Pan-Americanos.	02:04:22
Discurso do presidente da ODEPA	Discurso de Julio Meglione, presidente da Organização Desportiva Pan-Americana.	02:06:43
Acendimento da Pira Pan-Americana	Em seguida, a mergulhadora Faith Zacharias retornou ao palco para acender uma nova tocha, que foi entregue a atletas da equipe canadenses de atletismo, medalhistas de prata nos Jogos Olímpicos de Verão de 1984 , Dana Wright, Charmaine Crooks, Jillian Richardson, Molly Killingbeck e Marita Payne-Wiggins. Depois, Marita Payne-Wiggins passou a chama para o jogador da NBA e filho, Andrew Wiggins, que correu pelas arquibancadas do estádio até alcançar o último portador, ex-jogador de basquete canadense Steve Nash. Steve Nash deu uma volta fora do estádio e transferiu o fogo para um local que acendeu o recipiente envolto dos painéis de pétalaas, acendendo a pira Pan-Americana.	02:33:48

Culminação final do espetáculo		
Momentos da fase “culminação final do espetáculo”	Descrição dos acontecimentos	Momento de realização
Apresentação artística e exibição de fogos de artifício	Todos dançarinos retornam ao palco e dançam juntos em comemoração ao início dos XVII Jogos Pan-Americanos, a serem realizados em Toronto, Canadá. No mesmo momento, em uma torre fora do estádio são exibidos disparos de fogos de artifício, culminando na finalização do espetáculo.	02:34:23
Agradecimento ao público	Última fala dos narradores no evento, nos idiomas francês, inglês e espanhol. Narrador em áudio original (espanhol): “Damas y caballeros, gracias por celebrar con nosotros el inicio de los Juegos Panamericanos Toronto 2015”.	02:37:56

APÊNDICE G - Quadro de catalogação dos XVIII Jogos Pan-Americanos Lima 2019

Pré-show		
Momentos da fase “pré-show”	Descrição dos acontecimentos	Momento de realização
-----	-----	-----

Performance artístico-culturais		
Momentos da fase “performance artístico-culturais”	Descrição dos acontecimentos	Momento de realização
Contagem regressiva	Início da cerimônia de abertura a realização de uma apresentação artística paralelo à contagem regressiva (as luzes sinalizavam os segundos que se passaram desde 30 segundos ao último segundo). A partir da contagem em 17 segundos, apareceram imagens representando as cidades-sede das dezessete edições do evento, em ordem crescente, isto é, Buenos Aires (1951) à diante. Nas arquibancadas também existiam lâmpadas LED, que exibiram a contagem regressiva.	00:00:00

Performance artística de abertura do Pan	Dançarinos com camisas amarelas, azuis, vermelhas e verdes, combinadas com calças brancas, se reuniram no palco. Agrupam-se e, formaram diversos pictogramas representando diferentes modalidades desta edição dos Jogos Pan-Americanos. A cada mudança de formação, um novo esporte aparecia. Em seguida, os artistas vestiram ternos de várias cores e acenderam pequenas lâmpadas. A partir das cores das vestimentas e das luzes formaram o emblema oficial dos XVIII Jogos Pan-Americanos, depois jogaram bonecos para cima. Ao final, os dançarinos arremessaram bonecos coloridos para o alto.	00:03:25
Anúncio da presença de autoridades	Os narradores anunciaram a presença do presidente do COI Thomas Bach, do presidente da Organização Desportiva Pan-Americana Neven Ilich e do presidente da República do Peru, Martín Vizcarra Cornejo.	00:05:15
Apresentação do poema "El Perú",	Os narradores dão boas-vindas ao público geral e sinalizam a apresentação do poema "El Perú", um poema de composição do poeta peruano Marco Martos.	00:06:36
Anúncio e execução do Hino Nacional do Peru	Na rocha cenográfica, foi projetado um holograma da bandeira do Peru. Os dançarinos cantaram e realizaram apresentações artísticas durante a execução do hino. Simultaneamente, a bandeira de Lima e Peru foram hasteadas.	00:09:43

Apresentação artístico-cultural	Iniciou-se a apresentação com a representação de pássaro no alto do estádio, que está relacionado à história de “Pariacaca”, da mitologia andina. No palco, surgiram onze artistas com vestimentas que representam mensageiros denominados Chasquis, do Império Inca. Posteriormente, outros mensageiros entraram no palco e subiram a montanha. Na montanha, os artistas utilizaram um instrumento de sopro para o anúncio da entrada de corredores. No total, 41 artistas entraram no palco, com vestimentas nas cores de cada nação participante destes jogos. Em seguida, dois grupos se formaram e ficaram um à frente do outro. Os corredores foram desafiados pelo outro grupo, que continham 41 dançarinos, com vestimentas douradas, como a do pássaro que surgiu na apresentação inicialmente.	00:12:50
Apresentação artístico-cultural	A montanha cenográfica passa a projetar um holograma que exhibe um céu na noite, com constelações, estrelas e um animal ao centro, que lembra uma lhama, representando a história de povos andinos, conhecida como “la Yakana” ou “la constelacion de la llama”. Enquanto se projeta as imagens do céu, foi realizada uma narração que contextualiza o momento. Assim que a narração termina, entram no palco estruturas em representação a peixes e animais aquáticos, cada uma carregada por duas pessoas. As luzes centradas no palco tornam-se azuis e toca-se uma música instrumental ao fundo.	00:18:31

Apresentação artístico-cultural	O espetáculo passa a retratar o Oceano Pacífico com peixes inspirados na arte pré-hispânica. Junto a eles são exibidos pescadores, conduzindo embarcações tradicionais do Peru, denominadas “caballitos de totora”. Logo depois entram surfistas, entre eles a ex-atleta peruana de surfe, Rocío Larrañaga. Os pescadores foram acompanhados por surfistas, ensaiando uma evolução nos equipamentos	00:20:07
Apresentação artístico-cultural	Na montanha projetou-se flores amarelas, conhecidas por “Flor de Amancaes”, típicas da cidade e Lima. Além disso, entraram ao palco, dançarinos vestidos como as flores amarelas. Nas laterais do palco, outros artistas estão carregando a representação de outras flores amarelas. Na base da montanha surgem músicas tocando arpas, enquanto os personagens vestidos de flor realizam sua apresentação. Posteriormente, surgem outros artistas com vestimentas nas cores vermelha e brancas, que complementaram a percussão tocando cajón. Em seguida, entraram no palco cavalheiros e realizaram uma apresentação artística.	00:21:58
	Inseriu-se ao palco 15 casais, que separados de três em três duplas, dançaram cinco estilos do ritmo Marinera Peruana, a saber: Marinera Limeña, Marinera Norteña, Marinera do Puno, Marinera Ayacuchana e Marinera Lamista. Ao final, todos os artistas que compuseram a apresentação se juntaram e, formaram a representação humana da conformação geográfica do Peru.	00:26:19

Apresentação artístico-cultural	Os percussionistas com os cajons continuaram no palco, levantaram e se posicionaram ao meio. Na base da montanha, os dançarinos que anteriormente representavam maratonistas retornaram brevemente. Além disso, na montanha foi exibido os pictogramas das modalidades esportivas existentes nesta edição dos Jogos Pan-Americanos. Após este momento, surgiu em um ponto acima da montanha, o guitarrista peruano Charlie Parra del Riego. Na base, os corredores deram lugar à dançarinos vestidos de branco.	
Apresentação da música tema do Pan 2019, “Jugamos Todos”.	Os cantores e cantoras Guillermo Bussinger, Sandra Munte, Pelo D’Ambrosio, e Shantall. interpretaram a música tema destes Jogos, intitulada “Jugamos Todos”. Ao mesmo tempo, os artistas com os cajons se posicionaram no meio do palco e formaram letras e números humanos, como “Lima”, “2019”, e o mascote dos Jogos “Milco”. Ao final, a mascote Milco também surgiu no palco.	00:32:13

Apresentação artístico-cultural	Viajantes estrangeiros chegaram ao palco, fotografando e observando o ambiente. Os viajantes assistiram representantes de povos nativos, realizando um ritual tradicional dos povos andinos, conhecido como “pago a la tierra”. Os alimentos foram reunidos em um pano e um homem os depositou em um pilão, oferecendo os alimentos à Pachamama. Em seguida, esses viajantes começam a subir a montanha cenográfica, eles usaram mapas, lanternas e mochilas. À medida que subiam, os hologramas projetados na montanha se modificavam, exibindo diferentes tipos de vegetação e ambientes das regiões do Peru. Ao chegarem ao topo, o holograma exibiu a Floresta Amazônica peruana. No palco, a floresta é representada por estruturas carregadas pelos artistas, além de um rio, que corta a mata ao meio, dentre as estruturas verificam-se representações das vegetações, do rio e de animais aquáticos, incluindo golfinhos.	01:30:55
Apresentação artístico-cultural	um personagem vestido como um personagem ritualístico/espiritual entrou no palco. Rapidamente, o rio, como parte da floresta que aparecia no holograma exibido na montanha, se transformou em uma serpente gigante, alinhando-se à história de Yacumama, uma serpente mítica que habita os rios da floresta amazônica e considerada a mãe de todos os animais aquáticos. Neste momento, surgem no palco, personagens carregando outras estruturas, representando papagaios, pássaros, borboletas e flores.	01:34:46

Apresentação artístico-cultural	Neste momento, diversos grupos, seguidamente, começam a entrar no palco, com diferentes vestimentas e alimentos. Inicialmente, surgem grupos com trajes relacionados a tribos de povos nativos e outros personagens com roupas tradicionais de diversas regiões peruanas. Posteriormente, surgiram outros grupos, tanto com trajes de comunidades orientais como com vestimentas que se aproximam de tradições europeias. Cada grupo trouxe consigo ingredientes, utensílios ou elementos culinários e, se dirigiram ao centro do palco, no qual havia uma mesa. Os alimentos foram colocados sobre essa mesa. Ao mesmo tempo, sentado em uma estrutura que se movimenta no alto do estádio, surgiu o Chef de cozinha Micha Tsumura, e depois, duas pessoas representando chefs de cozinha se colocaram frente à mesa.	01:37:23
Apresentação artístico-cultural	No palco, surge uma árvore cenográfica e mulheres, que se reúnem ao redor desta árvore. Elas estão com vestimentas tradicionais da região e algumas seguram redes, ajoelhadas e estão a tocá-las. Enquanto isso, a narradora recita um texto. Após o texto, longas tiras de tecido começam a sair da montanha cenográfica, sendo guiadas por dançarinos. Os panos então, são esticados paralelamente, enquanto isso, dançarinos realizam sua performance por entre este espaço. As cores dos grupos de dançarinos e dos tecidos são: azul, laranja vermelho, amarelo, verde, verde claro e rosa.	01:42:15

Apresentação artístico-cultural	A cena iniciou como um desfile de moda, reunindo elementos visuais de diversas regiões do mundo. Uma das primeiras personagens a entrar no palco estava completamente coberto, usando uma máscara. Havia um homem vestido com uma armadura, outros personagens usando máscaras, fantasias e vestimentas inspiradas em povos nativos. Além disso, uma violinista conduziu a parte instrumental deste momento. Em seguida, aparecerem no centro do palco um grupo de mulheres, com vestidos longos e rodados acompanhados de uma espécie de túnica que cobria todo o rosto, semelhante às “tapadas limeñas”, símbolo da tradição Peruana no período colonial.	01:46:26
Apresentação artístico-cultural	Quatro mulheres com os mesmos vestidos e mantas sobre a cabeça surgem no início da montanha. Posteriormente, aparecem na montanha personagens com vestimentas do período colonial, utilizados por europeus e sujeitos da elite. Além disso, também se unem ao espetáculo, vendedores, pessoas carregando flores, dançarinos. Exibe-se um personagem que parece ser um sujeito da nobreza, denominado neste período, acompanhado por pessoas que carregam um guarda-sol para ele. Um personagem que está junto à elite, vê as artistas de vestido e manto e vai atrás delas, enquanto isso, elas desviam e contornam os outros personagens da cena. Há também um personagem com indumentárias semelhantes a um padre, com a bíblia em sua mão, que caminha junto à nobreza. De repente, o padre e outros personagens da nobreza caminham, todos param e, sorridentes, observam, ele beija a mão de uma das mulheres com vestido e encoberta.	01:50:54

Apresentação musical	Na base da montanha surge um músico tocando seu violão. Em seguida, é projetado um holograma com o rosto da cantora e compositora Chabuca Granda na montanha. A partir deste momento, o cantor de ópera Juan Diego Flórez entra no palco, e realiza um dueto com Granda. Foi reproduzido uma voz virtual da cantora Chabuca Granda. Os cantores interpretaram as canções Bello Durmiente e La Flor de la Canela.	01:52:45
Apresentação artístico-cultural	Enquanto o cantor deixa o palco, é representado o movimento das ruas de Lima na contemporaneidade. Observa-se turistas com malas, vendedores, pedestres e diversas pessoas que encenam o cotidiano urbano. Posteriormente, é realizado um flash mob coletivo com os personagens da apresentação. Na montanha, foi exibido um holograma com casas tradicionais pintadas de várias cores. A cena é acompanhada por sons de buzinas e sirenes, reforçando o ambiente urbano. Em seguida, projetou-se na montanha cenográfica, os nomes dos países e territórios participantes desta edição dos Jogos. Ao final, entraram ao palco mais dançarinos, utilizando roupas brancas. Os artistas se juntaram e formaram um grande logotipo, relacionado ao turismo no Peru.	01:57:36

Elementos ritualísticos		
Momentos da fase “elementos ritualísticos”	Descrição dos acontecimentos	Momento de realização (horas, min., seg.)
Entrada das delegações	Início da entrada das delegações de nações participantes do XVIII Jogos Pan-Americanos de Lima 2019, com o total de 41 delegações.	00:36:43

Entrada da delegação do Peru	Entrada da delegação do Peru	01:23:54
Entrada da bandeira da ODEPA.	Entrada da bandeira da ODEPA. Seus portadores foram atletas peruanos de diferentes edições dos Jogos Olímpicos.	02:02:11
Hino Pan-Americano	Optou-se por cantar o hino, em vez de somente som instrumental como em edições anteriores	02:07:05
Discursos do presidente do Comitê Organizador do Pan Lima 2019	Discursos do presidente do Comitê Organizador dos Jogos Pan-Americanos Lima 2019, Carlos Neuhaus. O discurso foi realizado somente em espanhol.	02:11:42
Discurso do presidente da ODEPA	Discurso do presidente da ODEPA, Neven Ilic. O discurso foi realizado somente em espanhol.	02:19:08
Declaração de inauguração dos Jogos	Declaração de inauguração dos Jogos pelo presidente do Peru, Martín Vizcarra.	02:26:09
Juramento de atletas e juízes	Realizou-se de atletas dos XVIII Jogos Pan-Americanos, pela atleta de Karatê Alexandra Grande e o Juramento de Juízes dos XVIII Jogos Pan-Americanos, pela árbitra do tiro esportivo, Romina Quintanilla.	02:27:21

Chegada da tocha Pan-Americana	No telão reproduziu-se a viagem da tocha pan-americana, passando por Caral - México, Teotihuacán – México. Foram exibidas paisagens, sítios arqueológicos e representações de povos originários das regiões. Aconteceu uma apresentação artística e, em seguida, um feixe de luz surgiu da montanha. Nesse momento, a medalhista de ouro no atletismo, nos Jogos Pan-Americanos México 1975, Edith Noeding entrou no palco com a tocha Pan-Americana. Os narradores sinalizaram as passagens do fogo Pan-Americano neste espetáculo.	02:29:18
Acendimento da Pira Pan-Americana	Cecilia Tait, subiu à montanha e acendeu a Pira Pan-Americana	02:37:49

Culminação final do espetáculo		
Momentos da fase “culminação final do espetáculo”	Descrição dos acontecimentos	Momento de realização
Apresentação musical e exibição de fogos de artifício	Foi realizada uma apresentação musical final pelo cantor porto-riquenho Luis Fonsi. Ele interpretou as músicas Imposible, Calypso, Échame La Culpa (junto à cantora Leslie Shaw), Date La Vuelta, No Me Doy Por Vencido, Party Animal e Despacito. Depois disso, uma queima de fogos encerrou a cerimônia de abertura dos XVIII Jogos Pan-Americanos Lima 2019.	02:41:35

Agradecimento ao público	Última fala dos narradores no evento, nos idiomas inglês e espanhol. Áudio original (espanhol): “Damas y caballeros, agradecemos su presencia en la ceremonia de inauguración de los Juegos Panamericanos Lima 2019. Esperamos que hayan pasado una noche inolvidable, buenas noches y que disfruten de los juegos”.	03:02:12
--------------------------	--	----------

APÊNDICE H - Quadro de catalogação dos XIX Jogos Pan-Americanos Santiago 2023

Pré-show		
Momentos da fase “pré-show”	Descrição dos acontecimentos	Momento de realização
-----	-----	-----

Performance artístico-culturais		
Momentos da fase “performance artístico-culturais”	Descrição dos acontecimentos	Momento de realização
Contagem regressiva	A cerimônia iniciou com a exibição de um vídeo de 45 segundos, reproduzindo paisagens do Chile. Em seguida, foi realizada a contagem regressiva de 10 segundos, projetada no telão do estádio.	00:00:00
Anúncio da presença de autoridades	Os narradores anunciam a presença do presidente do Comitê Olímpico Internacional Thomas Bach, do presidente da Organização Desportiva Pan-Americana Neven Ilich e presidente da República do Chile Gabriel Borić Font.	00:00:30
Entrada e hasteamento da bandeira do Chile	A atleta chilena de mountain bike, Florencia Monsalve, conduziu a bandeira do Chile ao palco do estádio. Em seguida, a bandeira foi entregue para cadetes das Forças Armadas do Chile, que realizaram o hasteamento da bandeira.	00:01:37
Anúncio e execução do Hino Nacional do Chile	O Hino do Chile foi interpretado por uma cantora lírica chilena chamada Constanza Wilson.	00:04:07

Apresentação artístico-cultural	A performance artística exhibe um conjunto de rochas cenográficas no palco, que forma o cenário inicial. Sobre a rocha principal, uma mulher surgiu carregando uma jarra. Ela derramou um pouco do líquido sobre uma estrutura metálica que estava em cima da rocha central. A partir deste momento, dançarinos entraram no palco, alguns se movimentavam sobre as rochas enquanto outros artistas deslocavam essas estruturas pelo palco, afastando-as progressivamente até que permanecesse apenas a rocha central, ainda ocupada pela mulher da jarra e um pequeno grupo de dançarinos.	00:08:08
Apresentação artístico-cultural	Um conjunto de grupos folclóricos entraram ao palco, além de suas danças há a representação de povos nativos e imigrantes. Os grupos presentes nesse momento foram: Agrupación sariri; Kintulafken; Ballet folclórico Antumapu; Agrupación cultural rapanui mana ma'ohi; Tumbe afrochileno Ballet folclórico Bafopal; Agrupación folclórica senderos de Chile; Ballet folclórico estrella de Chile.	00:13:53
Declamação de poema	Poema escrito por Pablo Neruda, chamado "Alturas de Machu pichu de canto general".	00:22:41
Apresentação artístico-cultural	Alguns personagens começam a movimentar as representações das rochas. Além disso, duas pessoas adicionam peças à estrutura que está sobre a rocha central. Ao final, juntam-se todas as rochas e observa-se o formato do Chile. Os diferentes grupos de dançarinos e artistas se uniram e atravessam a rocha que exhibe o Chile geograficamente. No final, os grupos saíram do palco.	00:22:41

Discurso da atriz Amparo Nogueira	A atriz Amparo Nogueira surge no palco e realiza um discurso. Ao final do discurso as rochas se abrem novamente. Apenas a rocha central permanece no centro do palco.	
Apresentação da música tema do Pan 2023, “A la cima”.	Aconteceu a apresentação da música tema dos Jogos, “A la cima”, de composição e interpretada durante o espetáculo por Ana Tijoux, Movimiento Original e DJ Bitman	01:16:51
Apresentação artístico-cultural	No telão, começa a projeção de um vídeo mostrando uma ave viajando por diferentes paisagens do Chile. Inicialmente a águia está no deserto do Atacama, depois passa por diversos mares. Ela segue seu percurso, sobrevoando cachoeiras, florestas, montanhas cobertas de neve, a Cordilheira dos Andes e geleiras. No final, o vídeo retorna ao deserto, e exibe uma mulher dançando.	01:44:04
Apresentação artístico-cultural	No palco, se inicia uma apresentação artística. Entram no palco, artistas segurando estruturas que representam água. Depois, surgem outras pessoas com estruturas que representam montanhas. Entre eles, está um personagem com uma grande estrutura, representando a ave conhecida como “Condor”. Ele sobe nas rochas cenográficas que estavam anteriormente no palco. Ao final, escuta-se o canto do Condor durante a apresentação.	01:45:58
Apresentação musical	Apresentação da cantora Amanda Ramirez, na rocha em formato do Chile, com a música “Coro de Chile”, originalmente do cantor Sebastián Errázuriz.	01:50:35
Apresentação musical	Apresentação musical com integrantes do grupo Los Jaivas, com a canção “Todos Juntos”.	01:53:01

Apresentação musical	Apresentação musical com a banda Los Bunkers, com as músicas “Miño”, “Ven aqui”, Lluve sobre “la ciudad” e “Bailando Solo”	02:09:05
Apresentação musical	Apresentação musical com o grupo Los Tres, com as músicas “Pejate Caer”, “La torre de Babel”, “Amor violento” e “La vida que yo he pasado”.	02:18:21

Elementos ritualísticos		
Momentos da fase “elementos ritualísticos”	Descrição dos acontecimentos	Momento de realização
Entrada das delegações	Iniciou-se a entrada das 41 delegações presentes no XIX Jogos Pan-Americanos Santiago 2023. Pela primeira vez duas pessoas carregaram as bandeiras, com exceção do Canadá, todos apresentavam como portas bandeira uma pessoa do sexo feminino e uma do sexo masculino. As portas bandeiras da delegação do Canadá foram Brandie Wilkerson e sua dupla no vôlei de praia, Melissa Humana-Paredes.	00:35:31
Discurso do presidente do Comitê Organizador do Pan Santiago 2023.	Discurso do ministro do esporte e presidente do Comitê Organizador dos Jogos Pan-Americanos Santiago 2023, Jaime Pizarro. O discurso foi realizado somente em espanhol	01:20:36
Discurso do presidente da ODEPA	Realização do discurso do presidente da Organização Desportiva Pan-Americana, Neven Ilic. O discurso foi realizado somente em espanhol.	01:25:22
Declaração de inauguração dos Jogos	Declaração de inauguração dos Jogos pelo presidente do Chile, Gabriel Boric Font.	01:30:08

Entrada das bandeiras Panamericana e Olímpica	A cerimônia prosseguiu com a entrada das bandeiras Pan-Americana e Olímpica, conduzidas por atletas chilenos.	01:30:52
Hino Pan-americano e Hino Olímpico	Execução do hino da ODEPA. Optou-se por cantar o hino, acompanhada por uma orquestra musical. Em seguida, foi realizada a execução do hino Olímpico, apenas de forma instrumental.	01:35:36
Juramento de atletas, juízes e treinadores	Aconteceu Juramento dos atletas, feito pela atleta chilena, representante do ciclismo, Catalina Soto Campos. Logo após, foi realizado o juramento de Juízes pelos árbitros Alejandra Muñoz, representante de esgrima e Ítalo Baratini, representante do levantamento de pesos. Em seguida, o juramento dos treinadores foi feito por Patrício Cornejo, representante do tênis e Pamela Salazar, representante da ginástica.	01:40:56

Chegada da tocha Pan-Americana	Surgiu no telão um vídeo inicial que precedeu a entrada da tocha pan-americana. O vídeo começa exibindo em Teotihuacán – México, com imagens das Pirâmides e artistas com vestimentas que refletem a cultura mexicana. A partir deste momento, o cenário muda, um avião passa pelo céu e são exibidos cenários do Chile, como a região de Arica e Parinacota, região de Valparaíso – Rapa Nui, região de Magallanes. Em seguida, as cenas se contrastam em paisagens naturais, percurso da tocha com atletas e pessoas do Chile em diferentes regiões, expressões culturais e referências à tecnologia. Ao final, a chama é repassada à medalhista Pan Americana de Natação, Kristel Kobrich. Conectou-se o vídeo, à vida real. Kobrich entra no palco.	01:58:30
Acendimento da Pira Pan-Americana	Ao final, a chama é repassada à medalhista Pan Americana de Natação, Kristel Kobrich. Conectou-se o vídeo, à vida real. Kobrich entra no palco. O local de onde ela surge, apresenta uma arquibancada vazia com os escritos “Un pueblo sin memoria, un pueblo sin futuro”. Ela acende a tocha de outros atletas e, entrega sua tocha ao jogador de futebol, medalhista olímpico, Ivan Zamorano – que continua o percurso com a tocha. Em seguida, a tocha é entregue ao medalhista Olímpico de tiro Afonso de Iruarrizaga. Iruarrizaga entrega a tocha aos medalhistas de Tênis, Fernando González e Nicolás Massú. Ao final, a tocha é recebida por Lucy López Cruz, primeira mulher medalhista do Chile.	02:01:50

	Lucy López acende a Pira Pan-Americana.	
--	---	--

Culminação final do espetáculo		
Momentos da fase “culminação final do espetáculo”	Descrição dos acontecimentos	Momento de realização
Apresentação musical	Apresentação musical final com o cantor colombiano Sebastián Yatra, com as músicas “Pareja del Año”, “Traicionera”, “Energía Bacana” e “Vagabundo”. Durante a apresentação observou-se o uso de dançarinos. Além disso, voluntários e artistas que haviam se apresentado nas performances artístico-culturais durante a cerimônia, formaram uma plateia no meio do palco para assistir o cantor.	02:32:50
exibição de fogos de artifício	Após a apresentação do cantor, foi exibido a queima de fogos de artifícios acima do estádio, que encerraram o espetáculo final.	02:44:40
Agradecimento ao público	Última fala dos narradores no evento, nos idiomas inglês e espanhol, em agradecimento ao público presente.	02:46:00